

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – UFGD**

---

**ELAINE CRISTINA MUSCULINI**

**A RUA COMO LUGAR DOS VIVERES E FAZERES. TRANSFORMAÇÕES E  
PERSISTÊNCIAS NA ÁREA CENTRAL DE DOURADOS-MS**

**DOURADOS-MS  
2012**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – UFGD**

---

**ELAINE CRISTINA MUSCULINI**

**A RUA COMO LUGAR DOS VIVERES E FAZERES. TRANSFORMAÇÕES E  
PERSISTÊNCIAS NA ÁREA CENTRAL DE DOURADOS-MS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação – Mestrado em Geografia da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

**Orientadora: Profa. Dra. Maria José  
MartinelliSilva Calixto**

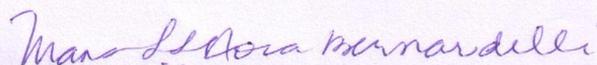
**DOURADOS-MS  
2012**

**BANCA EXAMINADORA**



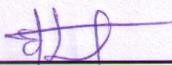
---

Prof. Dra. Maria José Martinelli Silva Calixto  
Orientadora



---

Prof. Dra. Mara Lúcia Falconi da Hora Bernardelli  
Membro



---

Prof. Dr. Eudes Fernando Leite  
Membro

Dourados, 06 de setembro de 2012.

## RESUMO

Esta pesquisa objetivou analisar a rua como o lugar dos viveres e fazeres. Para tanto, tomamos como objeto de análise algumas ruas da área central da cidade de Dourados-MS, procurando apreender as mudanças de uso e seus desdobramentos. Partindo da rua como lugar, se fez necessário buscar as acepções dessa categoria, que pode ser vista de diferentes perspectivas analíticas, expressando, ao mesmo tempo, singularidade e pluralidade. Na rua se desencadeiam as experiências, as atividades, os embates, as diferenças. É o local onde o ambulante vende o seu produto, onde as pessoas passam apressadamente para trabalhar ou estudar, ou seja, é onde a vida se desenrola. Espaço-temporalmente o ritmo e a forma de uso da rua modificam-se. No processo de pesquisa foi possível constatar que algumas ruas da área central de Dourados já foram marcadas por relações de vizinhança. Era o local onde as crianças brincavam e onde se dava o encontro, o partilhar de situações cotidianas. Com o passar do tempo essas ruas foram/são tomadas por novas tendências e resignificações: a velocidade dos veículos, o semáforo, as placas de sinalização impondo a normatização da vida cotidiana. Estabelece-se um novo ritmo, agora marcado pela pressa e pela falta de tempo para a convivência. Contudo, apesar desse novo ritmo, dessa nova lógica imposta, deparamo-nos com as resistências e/ou permanências. Determinados locais ainda possuem a configuração de tempos idos e parecem fora de sintonia com a nova dinâmica imposta. Esse é o caso da Casa Ono, na avenida principal de Dourados – a Avenida Marcelino Pires. Assim, a rua é produzida e reproduzida no viver e fazer cotidiano, assim como a partir de uma lógica mais ampla e externa ao local.

**Palavras-chave:** 1) Rua; 2) Lugar; 3) Uso; 4) Área Central; 5) Dourados-MS.

## ABSTRACT

This paper analyzes the street as the place for you live and doings. So, we as an object of analysis a few blocks from the downtown area of Dourados-MS, trying to grasp the changes of use and its consequences. From the street as a place, it became necessary to find the meanings of that category, which can be viewed from different analytical perspectives, expressing at the same time, singularity and plurality. In the street trigger the experiences, activities, conflicts, differences. It is the place where the itinerant selling your product, where people spend a hurry to work or study, that is, where life unfolds. Space-time the rate and manner of use of the street are modified. In the research process, we determined that certain streets in the downtown area of Dourados has been marked by neighborly relations. It was the place where the children played and where the meeting was given, the sharing of everyday situations. Over time these streets were / are made by new trends and new meanings: vehicle speed, the lights, the signposts imposing the normalization of everyday life. It sets a new pace, now marked by haste and lack of time for living. However, despite this new rhythm, new logic of this imposed, we are faced with resistance and / or removed. Some places still have the configuration of bygone days and seem out of line with the new dynamics imposed. This is the case with the Casa Ono, on the main avenue of Dourados - Avenue MarcelinoPires. So, the street is produced and reproduced in daily living and making, as well as a logic and external to the larger spot.

**Keywords:** a) Street, 2) Place, 3) Use; 4) Central Area; 5)Dourados-MS.

## RESUMEN

En este trabajo se analiza la calle como el lugar donde vives y obras. Por lo tanto, tomar como objeto de análisis algunas calles de la zona central de la ciudad de Dourados-MS, tratando de aprovechar el cambio de uso de la tierra y sus consecuencias. Desde la calle como un lugar, era necesario buscar los significados de esta categoría, que se pueden ver desde diferentes perspectivas analíticas, expresando al mismo tiempo, la singularidad y la pluralidad. En la calle son experiencias desatadas, las actividades, los conflictos, las diferencias. Aquí es donde el itinerante vender su producto donde la gente pasa prisa para trabajar o estudiar, es decir, donde la vida se desarrolla. Espaciotemporalmente la tasa y el modo de empleo de la calle se modifican. En el proceso de investigación, se determinó que algunas calles de la zona central de Dourados ha estado marcada por las relaciones de vecindad. Era el lugar donde los niños jugaban y donde la reunión tuvo la participación de las situaciones cotidianas. Con el tiempo estas calles eran / son tomadas por las nuevas tendencias y resignificaciones: la velocidad de los vehículos, el tráfico, las señales de tráfico imponer la normalización de la vida cotidiana. Se establece un nuevo ritmo, ahora marcada por las prisas y la falta de tiempo para vivir. Sin embargo, pese a este nuevo ritmo, esta nueva lógica impuesta, nos encontramos con resistencia y / o estancias. En algunos lugares todavía tienen la configuración de tiempos pasados y parecen estar fuera de sintonía con las nuevas dinámicas impuestas. Este es el caso de Casa Ono, en la principal avenida de Dourados - Marcelino Pires Avenue. Así, la calle se genera y se reproduce en la vida diaria y haciendo, así como a partir de una lógica más amplia y externos en el sitio.

Palabra clave: 1) Calle; 2) Lugar; 3) Utilizar; 4) Central; 5) Dourados-MS.

*À amiga Daline Dutra,  
que decidiu seguir outro caminho.  
Talvez, o melhor!*

## AGRADECIMENTOS

Final de trabalho: alívio! Mas com uma pitada de tristeza, pelo ciclo que se “fecha” e pelas coisas que não mais se terá/verá.

Do caminho que percorri, das coisas que vivi, só me resta agora agradecer. Em primeiro lugar a Deus, que apesar da minha fé sempre abalada, sei que Ele está ao meu lado.

Agradeço aos meus pais, pelo apoio incondicional de sempre. Agradecer é pouco, minha mãe e meu pai merecem muito mais que um parágrafo desta página. Agradeço também aos três seres peludos que sempre estiveram ao meu lado no momento da escrita: minhas poodles, que não entendem absolutamente nada do que estou fazendo, mas nunca desgrudaram seus olhinhos de mim.

Agradeço à minha família, Paulo, Ana, Pedro, Poliana e em especial à Gabriela, minha sobrinha que não imagina o quanto seu bom humor e sua capacidade de me fazer sorrir me ajudaram nesse caminho.

Agradeço ao amigo de sempre, Ivo Eduardo. Ninguém disse que precisa estar perto para estar junto!

À Daline, que “pulou” do barco e me deixou sozinha. Me fez muita falta, amiga.

Aos amigos que estiveram ao meu lado, torcendo por mim: Sandra Menezes, Teresinha Nolasco, Valéria Arguello, e Edrieno Matias.

Ao amigo Fábio Bernobic, pelos sábados de paz.

Ao amigo Heverton Schneider que me divertia quando sentia vontade de chorar.

Aos colegas de turma: Maria Riveliza, Cleityane, Daiana, Lidiane, Cecília, Karoline, Bianchi, Anedmafer, Roberto, Marcelo Matias, Kátia, Ucleber e Sílvia.

Aos amigos do grupo de pesquisa em Geografia Urbana: Valéria Ferreira, Fernanda Nascimento, Hamilton Romero, Maria Amábili, Francisco Queiroz e Ana Cristina Yamashita.

Aos colegas técnicos administrativos da FCH, em especial à Débora, que se tornou amiga.

Ao amigo Bruno, pelas dicas, apoio, ajuda, ombro, força, mapas, figuras e tudo o mais que esse moço inteligente me auxiliou. Muito obrigada, Tongo! Na verdade esse parágrafo é muito pequeno para expressar meu agradecimento.

Às amigas Adriana Rocha e Angela Marin, o trabalho e as afinidades nos aproximaram.

Aos colegas de trabalho que na verdade demonstraram ser grandes amigos e incentivadores: Ana Carolina, Eduardo, Rodrigo, Marta, Vânia e minha chefe Ana Paula.

Agradeço a todos os professores do PPGG, em especial à profa. Lisandra, minha primeira chefe na UFGD.

À profa. Maria José Martinelli Silva Calixto, minha orientadora. Obrigada pela acolhida, amizade, orientação.

Obrigada ao prof. Jones pelas contribuições no relatório de qualificação.

Obrigada à profa. Mara Lúcia e prof. Eudes pela participação e contribuição na banca de defesa.

Obrigada a todos os entrevistados, em especial à Rosana Chencarek.

Enfim, agradeço a todos que, de alguma forma, estiveram presentes no processo de elaboração do trabalho que segue.

Ora, a rua é mais do que isso, a rua é um factor da vida das cidades, a rua tem alma!  
(...)A rua nasce, como o homem, do soluço, do espasmo. Há suor humano na argamassa do seu calçamento. Cada casa que se ergue é feita do esforço exaustivo de muitos seres, e haveis de ter visto pedreiros e canteiros, ao erguer as pedras para as frontarias, cantarem, cobertos de suor, uma melopeia tão triste que pelo ar parece um arquejante soluço. A rua sente nos nervos essa miséria da criação, e por isso é a mais igualitária, a mais socialista, a mais niveladora das obras humanas. A rua criou todas as *blagues*, todos os lugares-comuns. Foi ela que fez a majestade dos rifões, dos brocardos, dos anexins, e foi também ela que batizou o imortal Calino. Sem o consentimento da rua não passam os sábios, e os charlatães, que a lisonjeiam e lhe resumem a banalidade, são da primeira ocasião desfeitos e soprados como bolas de sabão. A rua é eterna imagem da ingenuidade. Comete crimes, desvaria à noite, treme com a febre dos delírios, para ela como para as crianças a autora é sempre formosa, para ela não há o despertar triste, e quando o sol desponta e ela abre os olhos esquecida das próprias ações, é, no encanto da vida renovada, no chilrear do passaredo, no embalo nostálgico dos pregões tão modesta, tão lavada, tão risonha, que parece papaguear com o céu e com os anjos...

A alma encantadora das ruas – João do Rio

## LISTA DE FIGURAS

<b>01</b> – Mato Grosso do Sul (2011). Localização do Município de Dourados	23
<b>02</b> – Dourados-MS (2011) – Delimitação da área de pesquisa	24
<b>03</b> –Dourados-MS (2011) – Delimitação da área de pesquisa	25
<b>04</b> –Gráfico de pesquisa de campo	57
<b>05</b> –Gráfico de pesquisa de campo	57
<b>06</b> – Gráfico de pesquisa de campo	61
<b>07</b> – Dourados (2008). Áreas de centralidades	122
<b>08</b> – Dourados (2009) – Áreas de centralidades	123
<b>09</b> – Dourados (2011) – Áreas de centralidades	124
<b>10</b> – Dourados (2011) – Áreas de centralidades	125
<b>11</b> – Artigo Jornal O Progresso	160
<b>12</b> – Artigo Jornal O Progresso	161
<b>13</b> – Artigo Jornal O Progresso	186
<b>14</b> – Artigo Jornal O Progresso	188
<b>15</b> – Artigo Jornal O Progresso	189
<b>16</b> – Artigo Jornal O Progresso	187

## **LISTA DE TABELAS**

<b>01 - Dourados (1940 – 2010) Evolução da população do município</b>	<b>90</b>
<b>02–Enquete - Idade dos frequentadores das/nas ruas</b>	<b>179</b>
<b>03–Enquete - Definição por sexo dos frequentadores das/nas ruas</b>	<b>180</b>
<b>04–Enquete - Renda média familiar dos frequentadores das/nas ruas</b>	<b>181</b>
<b>05–Enquete - Idade dos frequentadores das/nas ruas</b>	<b>182</b>
<b>06 –Enquete - Definição por sexo dos frequentadores das/nas ruas</b>	<b>183</b>
<b>07–Enquete - Renda média familiar dos frequentadores das/nas ruas</b>	<b>184</b>

## LISTA DE FOTOS

<b>01</b> -Ruas da área central de Dourados-MS . (2011 e 2012)	50
<b>02</b> -Avenida Weimar Gonçalves Torres,Dourados-MS.(2011-2012)	51
<b>03</b> - Sujeitos das/nas ruas da área central deDourados-MS.(2011 – 2012)	52
<b>04</b> - Avenida Weimar Gonçalves Torres, Dourados-MS. (1950)	53
<b>05</b> - Avenida Weimar Gonçalves Torres, Dourados-MS.(2011)	53
<b>06</b> - Avenida Joaquim Teixeira Alves, Dourados-MS.(2011)	54
<b>07</b> - Avenida Joaquim Teixeira Alves, Dourados-MS. (1970)	54
<b>08</b> - Avenida Weimar Gonçalves Torres, Dourados-MS. (2011)	55
<b>09</b> - Avenidas e ruas da área central da cidade de Dourados-MS. (2011)	56
<b>10</b> - Feira livre na Rua Cuiabá, Dourados-MS. (2011)	62
<b>11</b> - Camelôs na área central, Dourados-MS (2011)	62
<b>12</b> - Vendedores ambulantes nas ruas da área central, Dourados-MS. (2011-2012)	64
<b>13</b> -Calçada da Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS. (2012)	69
<b>14</b> - Calçada da Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS. (2011)	70
<b>15</b> - Vendedores ambulantes na Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS (2011)	71
<b>16</b> - Desfile de 7 de setembro na Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS (2011)	72
<b>17</b> - Procissão de Corpus Christi na Avenida Joaquim Teixeira Alves, Dourados-MS. (2011)	72
<b>18</b> - Passeata na Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS. (2010)	73
<b>19</b> - Ruas da área central de Dourados-MS. (2011-2012)	74

<b>20</b> - Praça Antonio João, Dourados-MS. (2012)	74
<b>21</b> - Vista aérea da cidade de Dourados-MS.(1960)	79
<b>22</b> - Avenida Marcelino Pires,Dourados-MS. (1935)	81
<b>23</b> - Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS. (1940)	83
<b>24</b> - Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS.(1950)	85
<b>25</b> - Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS. (1950)	88
<b>26</b> -Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS. (1960)	92
<b>27</b> -Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS. (1970)	92
<b>28</b> - Vista aérea da Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS.(1970)	94
<b>29</b> -Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS.(1980)	96
<b>30</b> - Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS. (2011)	105
<b>31</b> - Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS. (2012)	105
<b>32</b> - Residência na Avenida Joaquim Teixeira Alves, Dourados-MS. (1950)	108
<b>33</b> -Estabelecimento comercial na Avenida Joaquim Teixeira Alves, Dourados-MS. (2011)	109
<b>34</b> - Vista aérea da Avenida Weimar Gonçalves Torres, Dourados-MS.(1980)	111
<b>35</b> - Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS.(1980)	111
<b>36</b> -Avenida Marcelino Pires,Dourados-MS. (2012)	113
<b>37</b> - Avenida Marcelino Pires,Dourados-MS. (2012)	115
<b>38</b> -Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS. (2011)	116
<b>39</b> - Avenida Marcelino Pires,Dourados-MS. (2012)	117
<b>40</b> - Avenida Marcelino Pires,Dourados-MS. (1958 e 2012)	119

<b>41</b> - Lojas localizadas na Avenida Weimar Gonçalves Torres, Dourados-MS. (2011-2012)	127
<b>42</b> - Calçadas da Avenida Weimar Gonçalves Torres, Dourados-MS. (2012)	128
<b>43</b> - Calçadas da Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS. (2012)	128
<b>44</b> - Estabelecimentos de serviços da saúde na área central de Dourados-MS. (2011-2012)	129
<b>45</b> - Estacionamentos para carros na área central de Dourados-MS. (2011)	133
<b>46</b> - Estacionamento na área central de Dourados-MS. (2011)	134
<b>47</b> - Estacionamento na área central de Dourados-MS. (2012)	135
<b>48</b> - Estacionamento na Rua Major Capilé, Dourados-MS. (2012)	135
<b>49</b> - Rotatórias das ruas da área central de Dourados-MS. (2012)	137
<b>50</b> - Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS. (2012)	137
<b>51</b> - Calçada da Rua Dr. Nelson de Araujo, Dourados-MS. (2011)	138
<b>52</b> - Rua Dr. Nelson de Araujo, Dourados-MS. (2012)	138
<b>53</b> - Rua Dr. Nelson de Araujo, Dourados-MS. (2012)	139
<b>54</b> - Avenida Joaquim Teixeira Alves, Dourados-MS. (2009)	143
<b>55</b> - Praça Antônio João, Dourados-MS. (1940)	149
<b>56</b> - Ponto de charretes Praça Antônio João, Dourados-MS. (1950)	150
<b>57</b> - Fonte na Praça Antônio João, Dourados-MS. (1950)	151
<b>58</b> - Praça Antônio João, Dourados-MS. (1970)	152
<b>59</b> - Praça Antônio João, Dourados-MS. (1980)	152
<b>60</b> - Praça Antônio João, Dourados-MS. (2012)	153
<b>61</b> - Mercearia na Rua Dr. Nelson de Araujo, Dourados-MS. (2011)	156

<b>62</b> - Desfile de 7 de Setembro na área central de Dourados-MS. (1950 e 2011)	158
<b>63</b> - Farmácia Popular na Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS.(1960 e 2012)	159
<b>64</b> - Banca do Jaime na Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS. (1960 e 2012)	159
<b>65</b> - Residência na Avenida Marcelino Pires, Dourados-MS. (2012)	160

## **LISTA DE QUADROS**

<b>01</b> - Atividades na Avenida Weimar Gonçalves Torres	175
<b>02</b> - Atividades na Avenida Marcelino Pires	176
<b>03</b> - Atividades na Avenida Joaquim Teixeira Alves	177
<b>04</b> - Atividades nas Ruas Firmino Vieira de Matos e João Rosa Góes	178
<b>05</b> - Avenida Marcelino Pires – Procedência de frequentadores da área	185

## SUMÁRIO

---

INTRODUÇÃO .....	19
CAPÍTULO 1	
A RUA É O LUGAR .....	26
1.1 – Sobre o lugar .....	27
1.2 – Sobre a apropriação e o uso das/nas ruas .....	44
1.3 – Sobre a multiplicidade de uso da /na cidade .....	59
CAPÍTULO 2	
A CIDADE DE DOURADOS: UMA ANÁLISE HISTÓRICO-GEOGRÁFICA.....	76
2.1 – Os anos 1970 e o processo de redefinição socioespacial de Dourados.....	91
CAPÍTULO 3	
OS NOVOS/VELHOS USOS DAS/NAS RUAS .....	102
CAPÍTULO 4	
OS NOVOS USOS DA/NA RUA E AS PERSISTÊNCIAS E/OU PERMANÊNCIAS .....	145
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	162
BIBLIOGRAFIA.....	165
ANEXOS.....	174

# INTRODUÇÃO

---

Iniciar uma pesquisa significa saber que encontraremos percalços, o que não significa que o caminho será repleto de pedras. Significa embrenhar num campo em que nem tudo está escancarado. Sabemos que precisamos arregaçar as mangas e procurar mais no fundo os detalhes e pormenores na busca de produzir algo pertinente e, com esse propósito, tomamos a rua como objeto de reflexão.

Um dos motivos que levou esta pesquisadora a tomar a rua como objeto de análise foi o fato de ter pais comerciantes da/na área central da cidade de Dourados, o que proporcionou uma convivência, desde criança, em que as observações foram sempre bastante realizadas. A curiosidade também foi um motivo pertinente, haja vista estar sempre percebendo as modificações e os porquês das mesmas. No início da graduação em Geografia, foi possível continuar essas observações, tanto nos projetos de iniciação científica quanto na pesquisa de monografia.

Um questionamento se colocava/coloca: qual o motivo de se estudar a rua? Um dos primeiros pressupostos é o fato de que a vida acontece na rua e, conforme aponta Carlos (2007), de maneira enérgica. Por outro lado, também vale destacar que a rua nunca havia sido tomada como objeto de pesquisa e análise em Dourados-MS (ver **Figura 1**). Sendo assim, esta pesquisa (ou melhor, esta pesquisadora) contou com as dificuldades e percalços que se colocam para os primeiros trabalhos sobre determinada temática. Buscando melhor compreender a rua, a revisão bibliográfica foi valorizada, visando a compreensão dos processos cotidianos, dos viveres e fazeres dos sujeitos da/na cidade. Também buscamos registrar imagens atuais das ruas, assim como nos valem de fotografias antigas, de acervos pessoais de entrevistados, de livros, anuários da Prefeitura Municipal e do acervo do Centro de Documentação Regional da Universidade Federal da Grande Dourados - UFGD.

A fim de tentar estabelecer uma leitura mais cuidadosa dos processos e dinâmicas que ocorreram/ocorrem na rua, definimos um recorte da área de pesquisa. A área delimitada compreende da Rua Ponta Porã até a Rua Cuiabá, no sentido norte-sul e da Rua Floriano Peixoto, até a Rua Mato Grosso, no sentido leste-oeste (ver **Figura 2 e Figura 3**). Buscamos, por meio de trabalho de campo, dados e/ou informações quantitativas e qualitativas. Nesse sentido, aplicamos questionários, realizamos enquetes e entrevistas, assim como produzimos imagens (fotografias) das/nas ruas.

Tendo como referência tais preocupações, iniciamos por tentar compreender a rua como lugar e, antes disso, buscar o sentido do lugar. Assim, no **Capítulo 1**, tratamos das nuances do lugar, partindo de como era visto/percebido/falado na Geografia Clássica. Diante de novas perspectivas, a cada intervenção/trans formação da/na cidade o lugar pode expressar, ao mesmo tempo, singularidade e pluralidade. Destacamos que, ainda no capítulo I, também tratamos do uso das/nas ruas da área central de Dourados.

No **Capítulo 2** tentamos fazer uma releitura histórico-geográfica da cidade de Dourados, buscando resgatar imagens da cidade e depoimentos de moradores. Para não minimizar a importância dos sujeitos, também buscamos apreender a percepção das ruas, a partir de aplicação de questionários e entrevistas. Neste segundo capítulo, também valorizamos a revisão bibliográfica, sobretudo a ligada à redefinição socioespacial da cidade.

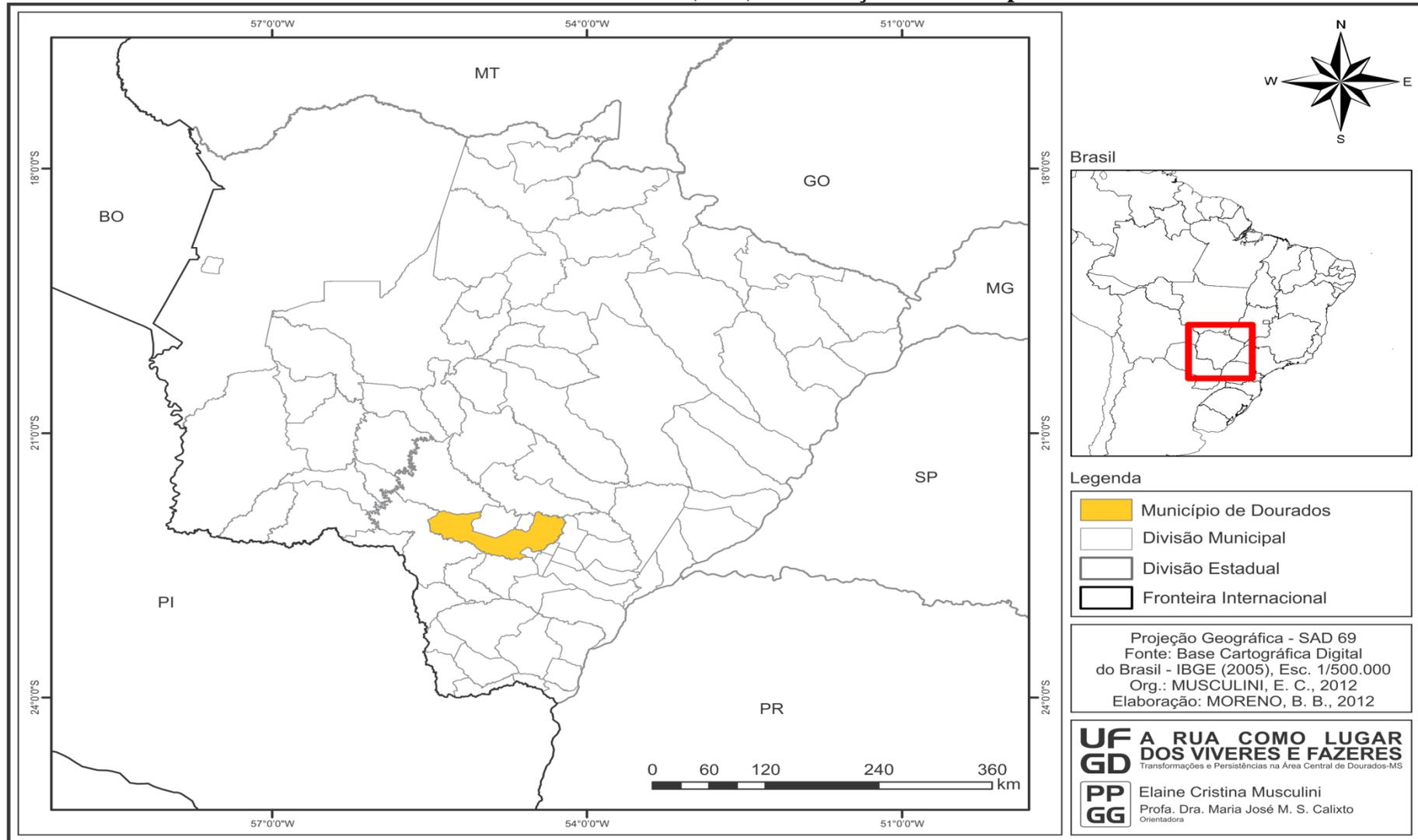
No **Capítulo 3**, discorremos sobre o uso e como é transformado com o passar do tempo. Com o advento das novas tecnologias e meios de transportes surgem, também, novas características das/nas ruas, bem como novas tendências, rearranjos e resignificações. Buscando apreender as mudanças no uso da rua, utilizamos de depoimentos, imagens, aplicação de questionários e enquetes. Nesse processo de levantamento de informações, indagamos, seja aquele que utilizava diariamente a rua, assim como aquele que estava de passagem e/ou passeio. Para tentar apreender as diferentes formas de uso, a aplicação de questionários, entrevistas e enquetes ocorreram em dias e horários alternados.

No **Capítulo 4** pontuamos que apesar das mudanças nas formas de uso, ainda existem as permanências, as resistências. Percebemos que nas ruas da área central de Dourados existem determinados pontos/locais que não seguiram a dinâmica da produção espacial, ditada pela lógica da velocidade e do chamado moderno. A partir de imagens, relatos, leituras, depoimentos e levantamento de dados, buscamos pontuar o que permanece e/ou resiste nas ruas da referida área.

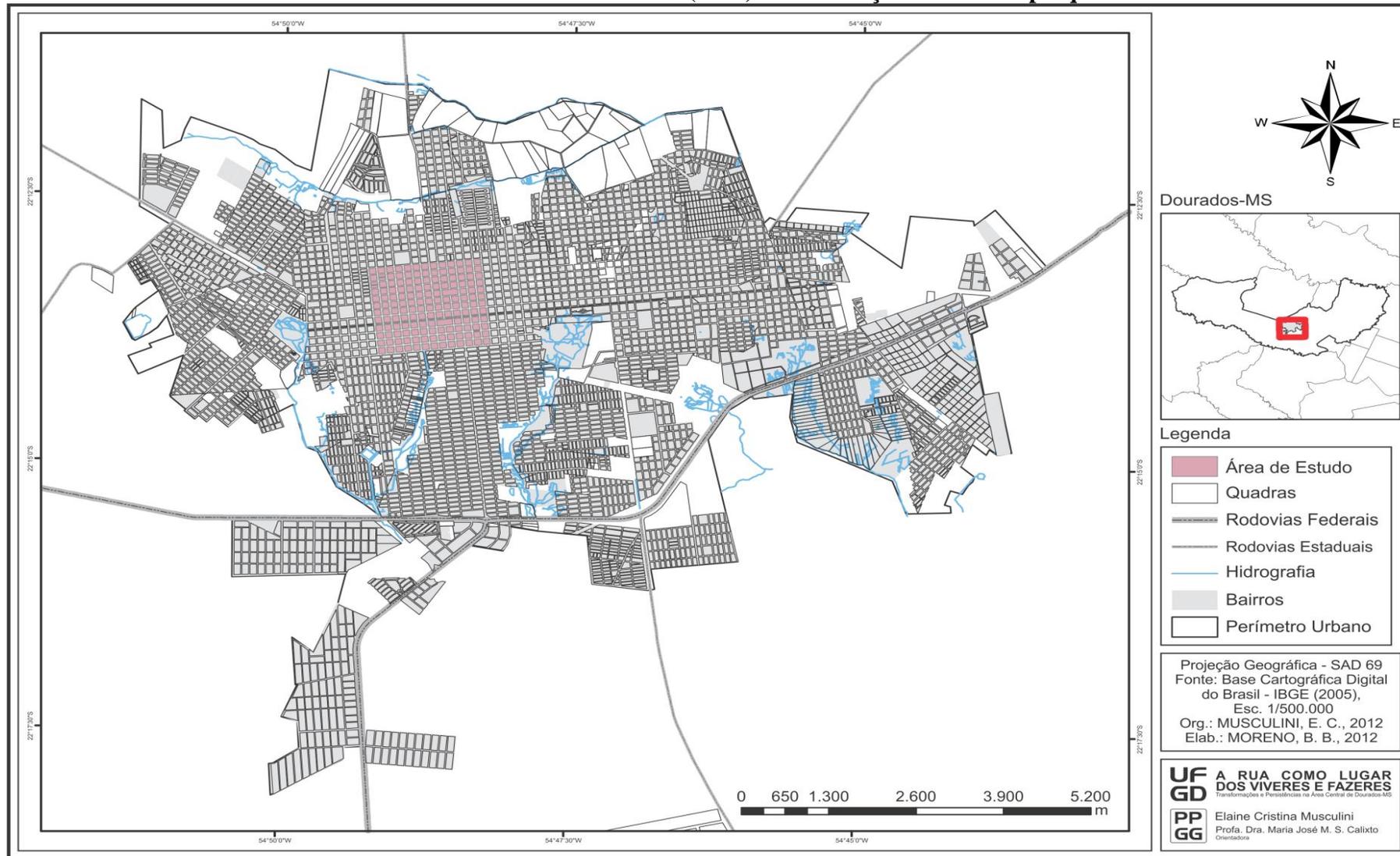
Terminamos esta etapa do processo de reflexão destacando que a rua é produzida a partir do viver, do fazer cotidiano, mas também é resultado de uma lógica mais ampla – a lógica do consumo, da modernidade, do mercado, do capital, das pressões econômicas e sociais.

Se a rua é o local da passagem, também, e ao mesmo tempo, é o local do encontro, da troca; o local em que a vida cotidiana se faz; o local em que vemos e somos vistos. Sendo assim, apreender as várias facetas da rua, significa considerá-la como local de transformação da/na cidade.

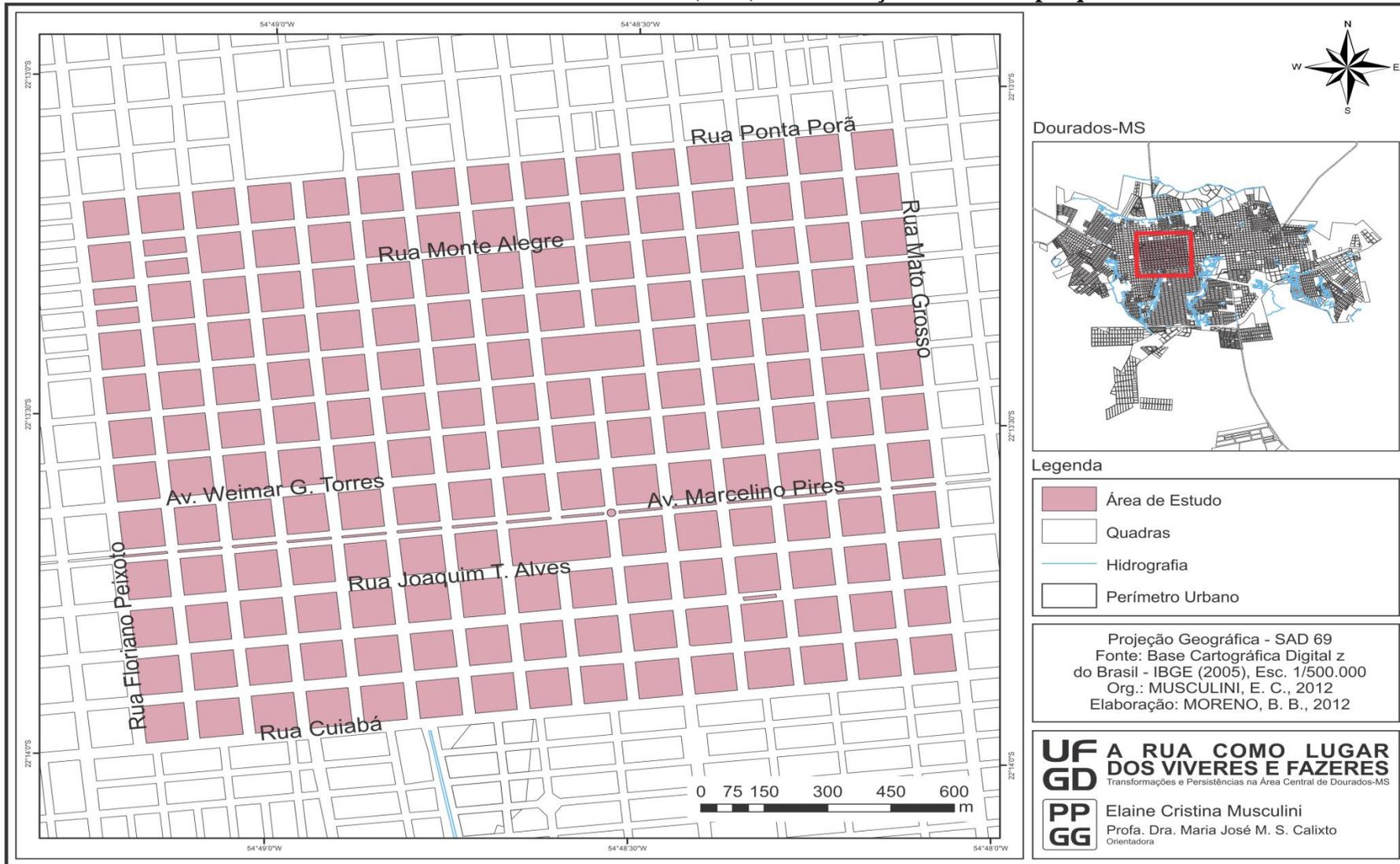
**FIGURA 01 – Mato Grosso do Sul (2011). Localização do Município de Dourados**



**FIGURA 02 – Dourados-MS (2011) – Delimitação da área de pesquisa.**



**FIGURA 03 – Dourados-MS (2011) – Delimitação da área de pesquisa.**



# **CAPÍTULO 1**

## **A RUA É O LUGAR**

---

## 1.1 –Sobre o lugar

“Não sou daqui, mas considero Dourados como o meu lugar...”<sup>1</sup>

Ao iniciarmos uma pesquisa julgamos importante esclarecer quais os referenciais e/ou categorias de análise que iremos utilizar, bem com os porquês de nossa escolha. No trabalho ora proposto, tentaremos compreender a rua – e para tal, precisaremos contextualizá-la como um lugar da/na cidade, produzido e reproduzido.

Lugar, espaço, cidade, produção, reprodução, uso, apropriação. Inúmeros termos, conceitos, categorias de análise que podemos utilizar no intuito de definir/compreender a rua. Mas antes mesmo de defini-la, precisamos saber que ela é um lugar. E o que é um lugar? Como defini-lo?

O lugar é um tema de diversas interpretações ao longo do tempo como também alvo de investigação nos vários campos do conhecimento. Já teve definições dadas por Aristóteles e Descartes. Aquele em sua obra *Física* apontava-o como o limite que circunda o corpo e este, em sua obra *Princípios Filosóficos*, dizia que além de limitar o corpo, o lugar também deveria definir-se a partir da posição de outros corpos, conforme aponta LEITE (1998, p. 9).

O lugar é um dos conceitos da ciência geográfica, apesar de sua importância só ter sido dada a partir dos anos 1970. Antes disso, a categoria *lugar* era eventualmente estudada num plano secundário. No início do século, na chamada Geografia Clássica (ou Tradicional), o fundamental era a confecção de mapas e o lugar tinha apenas um caráter locacional.

Relph (1976) *apud* Holzer (1999), na sua análise em La Blache (1913) e em Hartshorne (1959), aponta que o conceito de lugar era utilizado para definir a geografia, com este caráter locacional. “A Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens” (LA BLACHE *apud* RELPH, 1976, p. 11). E “As integrações que a geografia deve analisar são aquelas que variam de lugar para lugar” (HARTSHORNE *apud* RELPH, 1976, p. 13). Essa definição perdurou por 50 anos, momento em que o conceito de lugar

---

<sup>1</sup> Trecho da entrevista realizada em junho/2011 com Antonio Josué, 67 anos, natural do Estado de São Paulo, comerciante da área central de Dourados e residente na cidade desde 1984.

estava relacionado com a origem da própria disciplina. Mas a objetividade da Geografia Clássica (ou Tradicional) não permitiu que se desenvolvesse outra definição para o lugar que não a locacional. Ainda de acordo com Holzer (1999) foi um dos primeiros a discorrer sobre as propriedades locais do lugar e a definir a Geografia como a ciência dos lugares. Para Lukermann, o ponto culminante do estudo geográfico é a descrição da Terra em ordem geográfica. Ordem esta que está vinculada ao conceito locacional de lugar. *Enfatizar o relativo, o cultural, a experiência histórica da humanidade, em relação aos atributos físicos da área, é fazer o estudo completo da geografia – o estudo dos lugares.* (LUKERMANN, 1964, p. 172).

Holzer (1999) aponta que o estudo dos lugares é importante porque o conceito primordial da geografia seria o de “localização”. O conceito de localização era,

definido como a relação entre o arranjo interno de traços, ou sítio com seu entorno. Esta relação definiria o lugar. Esta relação exigiria mais do que o inventário dos conteúdos da área, ela se refere ao modo de ver o mundo, a seus padrões objetivos, mas também às crenças das pessoas, aos significados subjetivos dos lugares. (HOLZER, 1999, p. 69).

Sauer também foi um dos que tentaram desvincular o conceito de lugar desse sentido locacional, haja vista que vislumbrava na Geografia algo além da ciência e que poderia caminhar por uma via não-positivista:

O estudo da Geografia para Sauer estava vinculado ao conceito de “paisagem cultural”, no qual “ a cultura é o agente, a área natural é o meio, a paisagem cultural é o resultado. Este conceito de paisagem cultural incorporava fortes elementos subjetivos, e esses elementos remetiam ao conceito de lugar, como se pode depreender da passagem a seguir: “A literatura da Geografia, [...], inicia-se como parte das primeiras sagas e mitos, vividas como o sentido do lugar e da luta do homem com a natureza.” (SAUER *apud* HOLZER, 1999, p. 68)

Podemos perceber elementos subjetivos na caracterização da chamada “paisagem cultural”, ou seja, os elementos dessa paisagem remetiam ao conceito de lugar, com seus sentidos.

A partir dos anos 1970 o conceito de lugar atenta para uma nova redefinição. Ou seja, com as novas correntes do pensamento geográfico - como é o caso da geografia humanista e marxista -, ganha um redimensionamento. A abrangência do seu significado passa a ser compreendida para além de algo meramente produzido, no decorrer do tempo, com o homem transformando a natureza. O lugar é visto como uma construção singular, repleta de símbolos e que se forma a partir dos sentidos e das ideias das pessoas que o habitam.

Dessa forma, o lugar, na concepção humanística, é além de um espaço físico, de uma imagem descritiva e racionalizada, o lugar é paisagem cultural, campo do “viver e fazer”, local de experiências e usos, de apropriações e identificações. Esse “novo” pensamento prima pela valorização das relações de afetividade desenvolvidas pelos indivíduos em relação ao seu ambiente. Conforme aponta Leite (1998), a Geografia passa a utilizar a fenomenologia, o existencialismo, o idealismo e a hermenêutica para “explicar” o lugar, numa perspectiva humanística. Essas formas de pensar encontram na subjetividade humana as interpretações para suas atitudes perante o mundo:

Para os seguidores da corrente humanística, o lugar é principalmente um produto da experiência humana: “(...) lugar significa muito mais que o sentido geográfico de localização. Não se refere a objetos e atributos das localizações, mas a tipos de experiência e envolvimento com o mundo, a necessidade de raízes e segurança” (RELPH, 1979, p. 78).

Ou ainda, lugar é um centro de significados construído pela experiência (TUAN, 1975). Trata-se na realidade de referenciais afetivos os quais desenvolvemos ao longo de nossas vidas a partir da convivência com o lugar e com o outro. Eles são carregados de sensações emotivas principalmente porque nos sentimos seguros e protegidos; ele tanto nos transmite boas lembranças quanto a sensação de lar. Nas palavras de Buttimer (1985b, p. 228), “lugar é o somatório das dimensões simbólicas, emocionais, culturais, políticas e biológicas”.

Precisamos, porém, atentar que, conforme aponta Tuan (1975), *o lugar é criado pelos seres humanos para os propósitos humanos*, ou seja, existe uma intencionalidade humana. No mesmo sentido, Relph (1979), descreve que o lugar só adquire identidade e significado através da intenção humana, e que existe uma correlação entre o cenário físico e as atividades que nele acontecem.

Alguns autores empregam *lugar* para designar espacialidades usadas ou apropriadas, e que são revestidas de valor simbólico. O lugar é um produto social, um local onde interagem processos múltiplos e níveis de produção e reprodução em vários níveis. Conforme aponta Tuan, lugar é um espaço que foi apropriado afetivamente (1983, p. 198).

Podemos perceber então que, para a caracterização dos lugares, considera-se os sentimentos, ideias e experiências de um grupo. Conforme esclarece Corrêa, *a geografia humanista está assentada na subjetividade, na intuição, nos sentimentos, na experiência, no simbolismo, privilegiando o singular e não o particular ou o universal*(1995, p.30).Averiguamos, então, que aqui o lugar passa a ser mais relevante.

Em nossa pesquisa efetuamos algumas observações e entrevistas, buscando captar as percepções das pessoas acerca das ruas da área central de Dourados. A frase descrita no início desse capítulo foi extraída de uma entrevista realizada com um comerciante local, que chegou a Dourados nos anos 1980 e diz que hoje considera a cidade o seu lugar. Diz, ainda, que sente-se parte da história da cidade, mesmo tendo chegado muito depois do início do povoado.

*Gosto daqui, do meu comércio, desse pedaço da rua. Fiz minha vida aqui, criei meus filhos, tenho gosto por isso tudo. Uma pena que muita gente não sinta a cidade como eu sinto.*<sup>2</sup>

Para Tuan, espaço e lugar

são termos familiares que indicam experiências em comum. O espaço é mais abstrato do que o lugar. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor. As ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar (1983, p. 6).

---

<sup>2</sup>Trecho da entrevista realizada em junho/2011 com Antonio Josué, 67 anos, natural do Estado de São Paulo, comerciante da área central de Dourados e residente na cidade desde 1984.

O lugar é analisado, segundo Ferreira (2000), buscando aproximações com a Fenomenologia e o Existencialismo, abordado através do modo como é vivido. Na Geografia Humanista é identificado como a base da existência humana e por meio de uma experiência com o mundo, experiência essa impregnada de significados. Nesse sentido, percebemos que o conceito de lugar ganha um papel central, onde se articulam asexperiências e vivências do/no espaço.

Existe certa semelhança no que os geógrafos humanistas chamam de “lugar” e no que os fenomenólogos chamam de “mundo”. Para estes últimos, o mundo refere-se às vivências individuais, assim como o lugar é para a Geografia Humanista. De acordo com Tuan:

Todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível das relações humanas. Lugares podem ser **símbolos públicos** ou campos de preocupação, mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação. (1976, p. 421) (*grifo nosso*)

A rua é um símbolo público. Em algumas entrevistas e questionários aplicados nas coletas de dados, perguntamos o que era a rua para as pessoas, muitas restringiam-se a dizer apenas que era um espaço público. *A rua é um lugar de todo mundo. Eu posso ir, você pode, qualquer um pode ir por ela.*<sup>3</sup>

É importante destacar que a partir da nossa familiaridade, o lugar torna-se realidade, não se restringindo a uma paisagem limitada, mas de conhecimento e sentido de pertencimento do ser humano. Quando isso acontece, isto é, quando o espaço torna-se totalmente familiar, ele também se torna lugar. Buttimer (1976) aponta que cada pessoa tem um “lugar natural”, que é definido pela correlação dos espaços, isto é, vários lugares que desembocam em locais significativos, ou, nas palavras da própria autora “regiões significativas”. Tuan (1976) também investiga e compartilha da ideia dos

---

<sup>3</sup>Trecho da entrevista realizada em junho/2011 com Antonio Josué, 67 anos, natural do Estado de São Paulo, comerciante da área central de Dourados e residente na cidade desde 1984.

fenomenólogos, dizendo que todos os lugares são pequenos mundos. “Lugar” e “mundo” são produzidos pela consciência humana e por sua relação intersubjetiva.

Holzer (1999) diz que:

A preocupação dos geógrafos humanistas, seguindo os preceitos da fenomenologia, foi de definir o lugar enquanto experiência que se refere essencialmente, ao espaço como é vivenciado pelos seres humanos. Um centro gerador de significados geográficos, que está em relação dialética com o constructo abstrato que denominamos “espaço”. (p. 70)

O lugar, conforme explicitado por Tuan (1976), tem mais substância que o termo “localização”, sugere queo lugar é especial, tem história e significado, é ali que se vivencia as experiências e aspirações das pessoas. Vai além de um mero fato a ser explicado, *é realidade a ser esclarecida e compreendida sob a perspectiva das pessoas que lhe dão significado*. (1979, p. 387). A partir da experiência dos lugares é que ele torna-se visível, e é constituído dessas experiências que temos do mundo.

Sant’Anna *apud* Zukin (2009) aponta que a ideia de lugar está associada à delimitação socioespacial comunitária, isto é, cada comunidade elege um lugar, define-o como lugar próprio, sob sua perspectiva, *“com seus limites espaciais mais ou menos definidos, sua cultura, seus hábitos modos de vida e relações”* (2009, p. 3).

De acordo com Tuan, o espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que atribuímos a ele um valor, e só fazemos isso após um tempo, ou seja, lugar tem correlação imediata com o tempo. “A sensação de tempo afeta a sensação de lugar” (TUAN, 1983, p. 206). Assim, podemos iniciar um processo de identificação do lugar a partir de apropriações afetivas no decorrer do tempo, da vivência, das experiências. Para o mesmo autor, existe uma relação entre experiência e tempo, na medida em que a essência de lugar raramente é adquirida pelo simples ato de passarmos pelo local. Vê-se então que seria necessário manter um convívio, um contato frequente do indivíduo com o lugar, e a partir disso, ocorrer uma inter-relação.

Os sujeitos se identificam com os lugares da cidade, a praça, as ruas, os locais de entretenimento e de trabalho.

*Dourados é uma cidade muito boa. Amo Dourados, é aqui meu lugar. Não me vejo morando em nenhum outro lugar. Minha vida é aqui: família, trabalho, amigos. Temos o necessário para viver bem. Dá pra se estudar, educar os filhos, temos comércios que nos dão a oportunidade de ter coisas que tem em qualquer outra cidade. É, fica um pouco suspeito eu falar de Dourados, porque eu simplesmente amo isso daqui.*<sup>4</sup>

Essa premissa, porém, não descarta outras, como por exemplo, de um indivíduo sentir-se profundamente “em seu lugar” numa primeira visita. Assim como também existe a possibilidade de alguém não gostar do lugar em que sempre viveu, sentindo-se como forasteiro em suas próprias terras. Tuan *apud* Leite aponta que *se leva tempo para conhecer um lugar, a própria passagem do tempo não garante um senso de lugar. Se a experiência leva tempo, a própria passagem do tempo não garante a experiência.* (1998, p. 11).

Há, também, olhares diferenciados, como por exemplo, aquele que percebe como visitante, isto é, o olhar observador, e aquele que experimenta o lugar, de acordo com Pocock *apud* Holzer, o que está “em casa”. (1999, p. 72).

*Gostei de Dourados, a cidade é bonita, mas eu achei também que em outros lugares as pessoas costumam dar mais atenção pra gente. Andei essa rua inteira aqui, ofereci minha mercadoria, só teve uma senhora que parou pra olhar, mas nem comprou. Trabalhar na rua tem seu lado ruim, tem dia que não vendo nada. (...). É claro que gosto mais da minha terra, não sei se eu conseguiria viver longe de lá.*<sup>5</sup>

Além de todas as características apontadas, os autores citados destacam outras, como por exemplo, a identidade e a estabilidade, que provêm de intenções e experiências que desembocam em familiaridades do lugar, isto é, implicam em um

---

<sup>4</sup> Trecho de entrevista realizada em janeiro/2012 com Rosana Chencarek, 48 anos, professora da rede estadual de ensino, natural de Dourados-MS.

<sup>5</sup> Trecho da entrevista realizada em abril/2011 com Herculano Ferreira, 42 anos, vendedor de redes, residente no Estado do Ceará.

conhecimento detalhado do lugar, *na constituição de raízes, de um centro de significados que se torne insubstituível*. (HOLZER, 1999, p. 72).

Para Tuan (1976), a estabilidade é fator fundamental na constituição dos lugares, e que ela nos leva relacionar o tempo e o lugar. *O lugar denota a relação inseparável entre espaço e tempo* (HOLZER, 1999, p. 73).

Há, porém, críticas acerca do “tempo” na consideração do lugar. Cosgrove (1978) diz que o lugar quase não aparece nas obras de Tuan e Relph, e que, apesar dessa visão fenomenológica fornecer contribuições ao entendimento e significado dos lugares, também pode ser consideravelmente idealista e um tanto ingênua. Segundo Leite, correlacionar mente e mundo pode-se levar ao erro de privilegiar as abstrações da mente e recair sobre *interpretações filosóficas tradicionais utilizadas pelo positivismo, de caráter determinístico* (LEITE, 1998, p. 11).

Ainda de acordo com Leite:

Para Cosgrove, esta abstração seria, no entanto, falsa pois nem estaria de acordo com nossa experiência de mundo, e nem nos permitira a possibilidade de entender a razão para coisas, pois nossas atitudes e intenções, são também influenciadas por outros fatores tais como as relações de produção. (1998, p. 11)

Frequentemente utilizamos “espaço” como análogo ao “lugar”. Fazemos referência a ambos querendo dizer a mesma coisa, porém, para muitos autores, espaço é um conceito mais abstrato que o de lugar.

Para Relph (1976), o espaço é amorfo e intangível e não uma entidade que possa ser diretamente descrita e analisada, porém está próximo e inter-relacionado ao lugar. De acordo com Holzer (1999), Relph faz uma análise de diversos tipos de espaço, todos levando até o significado do lugar, e acrescenta que o mais importante, para a compreensão do lugar, é o “espaço vivido”, onde estão contidos o espaço sagrado<sup>6</sup> e o espaço geográfico, que são centros de significados. Ainda para o autor, o lugar tem uma personalidade e um sentido.

---

<sup>6</sup>Para Relph (1976) espaços sagrados são os espaços significantes de uma cultura particular, que são humanizados a partir da nomeação dos lugares, por suas qualidades para o homem, e para que sirva melhor às necessidades da humanidade.

Relph afirma, deste modo, que é necessário levar-se em conta a profunda necessidade humana de associação com lugares. Para o autor, a negação de tal fato irá levar a um futuro em que o lugar deixará de ter importância. Entretanto, se decidirmos transcender a deslugaridade<sup>7</sup> o lugar ressurgirá como um reflexo da variedade humana.

“Espaço e lugar” para De Certeau (1998), tem significados opostos. Para ele o lugar corresponde a um nível máximo de coerência entre a função e o uso, pendendo para um sentido normativo. Já o espaço seria o lugar revolvido por elementos que sugerem a incoerência e o imprevisível. *A rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres* (DE CERTEAU, 1998, p. 201).

Mello (1990), por sua vez, descreve que lugar é aquele que emerge da experiência e é recortado afetivamente. Espaço seria qualquer porção da superfície terrestre, ampla, desconhecida, temida ou rejeitada e provocaria a sensação de medo, sendo totalmente desprovido de valores e de qualquer ligação afetiva. *Nesse contexto, o lugar está contido no espaço*. (LEITE, 1998, p. 14). Mas, ainda de acordo com Leite, as experiências locais de habitação, trabalho, divertimento, estudo e dos fluxos transformariam o espaço em lugar.

A Geografia Humanista, não restringe sua preocupação apenas com a formação e experiência do lugar, ela também questiona outros aspectos, como as ações do/no mundo contemporâneo globalizado, que gradativamente destrói e/ou desconsidera as especificidades do lugar. Conforme aponta Ferreira (2000), a questão da globalização é importante para tentar compreender a diminuição do número de lugares significantes, bem como a homogeneização das paisagens.

No mesmo sentido, Relph (1980) elabora o conceito de “deslugaridade”, em que o mundo estaria perdendo a diversidade e, conseqüentemente, os significados dos lugares. Ainda para o autor, atualmente, nos deparamos com a diminuição do número de lugares significantes, o que desponta para o surgimento do que ele chama de “Geografia do deslugar”, e estaríamos, portanto, perdendo o nosso sentido de lugar. Relph *apud* Ferreira destaca:

---

<sup>7</sup> Relph (1980) elaborou o conceito de deslugaridade, associando ao mundo moderno a perda da diversidade e do significado destes lugares. De acordo com o autor, na sociedade atual, a diminuição do número de lugares significantes e paisagens diferenciadas estariam apontando para o surgimento do que ele chama de uma Geografia do deslugar. Como conseqüência disso, estaríamos sendo subjugados pelas forças da deslugaridade e pela perda de nosso sentido de lugar.

as sociedades industrializadas e de massa possuem um modo de vida predominantemente inautêntico onde a comunicação de massa, a cultura de massa, as grandes empresas, o processo de autoridade central e o próprio sistema econômico são os principais responsáveis por todo esse processo. (2000, p. 69)

O que Ferreira (2000) chama de “Lugar Fenomenológico” e “Lugar Radical”, são duas visões que Leite (1998) também denomina em seu trabalho como “Lugar e Experiência” e “Lugar e Singularidade”. O sentido do primeiro é aquele da existência, da vivência, da experiência. Já o segundo, a acepção é outra, do lugar enquanto expressão geográfica da singularidade, descentrada, universalista, objetiva, associada ao positivismo ou ao Marxismo. Conforme Leite:

Trata-se na realidade de uma visão na qual o lugar é considerado tanto como produto de uma dinâmica que é única, ou seja, resultante de características históricas e culturais intrínsecas ao seu processo de formação, quanto como uma expressão da globalidade. (1998, p. 15)

Massey (2000) também descreve o lugar pelo viés das identidades no mundo contemporâneo. Para a autora, necessário se faz repensar o lugar, haja vista a compressão do espaço-tempo, que ocasiona a perda de referenciais e identidades, outrora ligadas à sensação de pertencimento, que determinados grupos possuem em relação a um lugar. Massey desenvolve esse raciocínio visando estruturar um conceito progressista do termo, em que o sentido do lugar articularia a sensação de pertencimento com as novas condições do espaço – como ela mesma denomina, “condição pós-moderna”.

Nas palavras de Massey:

Trata-se de um lugar de encontro. Assim, em vez de pensar os lugares como áreas com fronteiras ao redor, pode-se imaginá-los como momentos articulados em redes de relações e entendimentos sociais, mas onde uma grande proporção dessas relações, experiências e entendimentos sociais se constroem numa escala muito maior do que costumávamos definir para esse momento como lugar em si, seja uma rua, uma região ou

continente. Isso por sua vez, permite um sentido do lugar que é extrovertido, que inclui uma consciência de suas ligações com o mundo mais amplo, que integra de forma positiva o global e o local (2000, p.184).

Compartilhando dessa mesma ideia, Ferreira descreve que essa “nova” percepção acerca do lugar está relacionada ao processo de expansão do modo capitalista de produção, que *através de uma rede de fluxos conseguiu incorporar todos os pontos da superfície do planeta, inclusive aqueles considerados mais remotos* (1998, p. 15). Acrescenta ainda, dialogando com Harvey (1992), que os lugares ficaram vulneráveis à influência do mundo mais amplo, isto, por conta do comércio, da competição territorial, do surgimento de novas mercadorias.

Para Harvey *apud* Ferreira:

a acumulação de riqueza, de poder e de capital passou a ter um vínculo com o conhecimento personalizado do espaço e o domínio individual dele. Do mesmo modo, todos os lugares ficaram vulneráveis a influência direta do mundo mais amplo graças ao comércio, á competição intraterritorial, a ação militar, ao influxo de novas mercadorias, ao ouro e a prata etc (1992, p. 221).

Salientamos, também, que decorrente dos processos que tiveram um desenvolvimento gradativo, as concepções acerca do espaço e do tempo também foram lentas. *Na medida em que a dimensão espaço foi se tornando cada vez mais finita, a dimensão tempo foi aos poucos sendo reduzida* (FERREIRA, 1998, p. 15).

Pode-se, hoje em dia, falar do conceito de lugar a partir da percepção igualmente universalizante como o processo de desenvolvimento. Na medida em que as contradições internas constituem-se na principal razão de existência do capitalismo, o lugar, segundo este ponto de vista, seria também um reflexo desta ambiguidade e logo das dualidades *centro/periferia, geral/pontual, globalização(homogeneização)/fragmentação*(FERREIRA, 1998, p. 15).

Ainda de acordo com Ferreira (1998), o processo de homogeneização/fragmentação tem suas bases fundamentadas na Europa de finais do século XVIII, quando surge a necessidade de um novo modelo de gestão do território, que *fosse eficiente em propiciar o bem-estar social e este, por sua vez, dentro dos*

*princípios da igualdade, encontrou na homogeneização do espaço o único meio de exercer sobre ele o controle, e logo alcançar tais objetivos* (HARVEY, 1992, p. 231). A cartografia passa a repensar os mapas, favorecendo um quadro de pensamento e de ação estável e apreensível, em que os espaços são demonstrados de maneira abstrata, homogênea e universal em suas qualidades.

Obviamente, essa maneira de demonstrar a realidade repercutiu de maneira positivamente no âmbito da arquitetura, engenharia, administração e dos proprietários de terra. Para Ferreira:

Naiminência da eclosão de outras concepções do espaço e do tempo então coexistentes (sagradas, profanas, simbólicas, pessoais, etc), sentiu-se a necessidade de alguma medida que consolidasse o uso do espaço dentro dos moldes desejados (homogêneo, abstrato e universal); o meio encontrado para tal foi a instituição da propriedade privada da terra e da compra e venda do espaço como mercadoria, em outras palavras, a fragmentação (1998, p. 15).

No mesmo sentido, Lefebvre aponta que uma das formas de alcançar a homogeneização do espaço, é através de sua fragmentação em parcelas livremente alienáveis de propriedade privada que podem ser compradas e comercializadas à vontade no mercado. O que ocorre, em verdade, é que houve um remanejamento de funções, o que antes era feito pelo Estado, agora passe-se às mãos do mercado, com sua característica cada vez mais global e homogeneizante, o que também pressupõe a fragmentação.

Neste contexto, emerge o lugar tanto como uma expressão do processo de homogeneização do espaço imposta pela dinâmica econômica global, quanto uma expressão da singularidade, na medida em que cada lugar exerce uma função imposta pela divisão internacional do trabalho.

Para Carlos

a realidade do mundo moderno reproduz-se em diferentes níveis, no lugar encontramos as mesmas determinações da totalidade sem com isso eliminar-se as particularidades, pois cada sociedade produz seu espaço, determina os ritmos da vida, os modos de apropriação

expressando sua função social, seus projetos e desejos.  
(1996, p. 17)

O lugar é, pois, produto de uma ambiguidade que se estende a todas as relações sociais que envolvem o homem e o meio – *é o singular (o fragmento) e é também o global (universal) que o determinam* (FERREIRA, 1998, p. 17).

No mesmo sentido, Santos aponta que *quanto mais os lugares se mundializam, mais se tornam singulares, isto é, únicos* (1988, p. 34). E ainda de acordo com o autor, ao mesmo tempo em que a singularidade garante configurações únicas, os lugares estão em interação.

Percebemos, então, que tanto a Geografia Humanista quanto a chamada Geografia Radical compartilham de ideias. O lugar, em ambas, trata-se, pois, de uma espacialidade usada e transformada a todo momento, ou pelas determinações de ordens distantes, como por exemplo o Estado, as grandes empresas, Órgãos Internacionais, ou ainda pelos usos que fogem à regra da globalização. Percebemos então um lugar que é um espaço social híbrido. Santos (1996) aponta que o lugar é uma espacialidade em que se fundamenta as relações da vida, em que se conjugam o plano do vivido, com suas trocas, comunhão, partilha.

Por serem vistas como “espaço de liberdade”, as ruas deveriam ser vividas, experimentadas e conhecidas, porém, ela ainda é um objeto de estudo pouco explorado. Porém, tentar compreender a rua pode vir a constituir-se como importante forma de análise da vida urbana atual. Por ser espaço público, comum, de acesso irrestrito (não há quem não possa transitar por ela), e onde também se convivem as diversidades, o coletivo, os embates e os negócios, é onde tudo acontece, onde tudo é vivido e feito. É o lugar da apropriação, da produção e da reprodução de usos, de vínculos, de táticas, de práticas, de relações, de dinâmicas sociais, de transformações.

Nestes termos, salientamos a importância da pesquisa proposta, uma vez que a “rua” ainda não foi tomada como objeto de análise na cidade de Dourados-MS. A rua é um lugar privilegiado, onde se circulam viveres, fazeres, sentidos, percepções, para a formação de identidades, tanto individuais quanto coletivas. Identidades estas que podem (e vêm sendo) projetadas num acervo de pretensões globais, onde todos, de alguma forma, tentam se inserir.

Segundo Carlos (1994), para a consideração do lugar, precisamos entendê-lo como elemento de uma totalidade concreta, no nível da formação econômica e social capitalista. Para a autora, a discussão sobre o lugar nos remete à noção de totalidade concreta aberta e em movimento.

A noção de totalidade permite-nos apreender o movimento através do qual o lugar pode ser explicado, na medida em que a ideia de movimento sugere momentos de interpretação da realidade. Esta ideia pode ser analisada a partir das articulações entre os fenômenos, pela mediação das contradições inerentes ao processo de produção espacial e de sua superação. A noção de movimento aparece no desenvolvimento das relações contraditórias que constroem a dinâmica da realidade em seu infinito processo de autoconstrução (1994, p. 40).

E acrescenta:

pode-se pensar o lugar como representação espacial, definido a partir dos entrelaçamentos impostos pela divisão (espacial) do trabalho, articulado e determinado pela totalidade espacial; portanto, não é uma forma autônoma dotada de vida própria, uma vez que tem sua origem vinculada ao caráter social do trabalho que produz o espaço geográfico (1994, p. 42)

A ideia de lugar, no entendimento de Santos (1994) pode ser compreendida como *extensão do acontecer homogêneo ou do acontecer solidário* (p. 36). Para o autor existe uma dupla acepção no debate do lugar - a partir da visão de fora e a partir da visão de dentro. Para ele, os lugares se definem pela *sua densidade técnica, pela sua densidade informacional e pela sua densidade comunicacional* (1994, p. 160). A primeira diz respeito às técnicas empenhadas em determinado local, a segunda derivada em parte da primeira e se perfaz com a ação de sujeitos e a terceira é resultado da interação das pessoas, ou seja, da ação.

Carlos (2007) concorda com a ideia de Santos, e para além dela, salienta que pode ser acrescentado o fato de que há outra dimensão, a da história que se realiza na prática cotidiana. Instala-se no plano do vivido e produz o *conhecido-reconhecido* (p. 17). Para a autora, é no lugar que se desenvolve a vida em todas as suas dimensões

Também significa pensar a história particular de cada lugar se desenvolvendo, ou melhor se realizando em função de uma cultura/tradição/língua/hábitos que são próprios, construídos ao longo da história e o que vem de fora, isto é, o que se vai construindo e se impondo como consequência do processo de constituição do mundial (CARLOS, 2007, p. 17)

Em determinado momento, a ruada/na área central da cidade tinha uma forma de uso, ela servia como ponto de encontro, como o lugar em que as pessoas conviviam, as crianças brincavam. Hoje, pelos novos ritmos da vida impostos às pessoas, as ruas têm sido apenas visualizadas como passagem. Percebemos que a rua é muito mais o dos carros e da velocidade do que das pessoas. Dessa forma, presos a várias situações que nos fazem apenas repetir mecanicamente nossos dias e usos das/nas ruas, elas acabam reduzindo-se à função da passagem, de ligação entre os lugares desta forma organizada para o consumo do lugar. *Ela é apenas transição obrigatória entre o trabalho forçado, os lazeres programados e a habitação como lugar de consumo.* (CARLOS, 2007, p. 56).

A mesma autora aponta que o lugar é base da reprodução da vida, analisado a partir da correlação “habitante-identidade-lugar”. A cidade produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo, e as relações que são mantidas nos espaços por estes sujeitos, exprimem e imprimem modos de uso. *É o espaço passível de ser sentido, pensado, apropriado* (CARLOS, 2007, p. 17).

De Certeau (1998) descreve que o lugarse refere a uma relação entre elementos que definem equilibrada e harmonicamente um determinado campo. Dentro dessa delimitação, cada elemento separado realiza um trabalho estável e constante e definem uma ordem imutável. Correspondem aos objetos produzidos pela técnica; praças, calçadas, edifícios públicos, mobiliário urbano.

Sant’Anna (2009), dialogando com De Certeau (1998) aponta que o lugar é o lócus daquilo que é prescrito, corresponde a um nível máximo de coerência entre a função e o uso, no sentido mais estrito do normativo, e o espaço, forma oposta, é o *lugar subvertido por componentes que suscitam a incoerência e o imprevisível* (SANT’ANNA, 2009, p. 07). E cita um exemplo dado por De Certeau onde *a rua*

*geometricamente definida por um urbanismo, é transformada em espaço pelos pedestres* (1998, p. 201).

Após atentar para as diversas acepções acerca do lugar, podemos perceber que este só existe a partir da reunião de vários aspectos. Incluindo aí, os sentidos, os símbolos, a cultura, como também características ditadas pela nova ordem mundial, pela globalização. Os outdoors definem o que precisamos vestir e comer, a mídia define como devemos nos portar nas ruas, a velocidade do tráfego dita nosso ritmo, a concentração do comércio na área central nos instiga a consumir.

Elencamos em várias passagens o referencial humano na definição do lugar, e não descartamos que isso ocorra, como é o caso das pessoas que se identificam com os lugares a partir da forma, dos contrastes de determinada área, até mesmo o olfato ou o som podem dar identidade ao lugar, conforme aponta Rapoport (1978). No mesmo sentido, Tuan (1976) destaca que a experiência do lugar depende da cinestesia, da visão e do tato, para ele o lugar depende da intimidade de uma relação humana.

Devemos, em contrapartida, também considerar que os lugares não possuem funções idênticas em todas as partes. E um dos papéis da Geografia seria o de decifrar a essência de cada lugar. O lugar desenvolve a particularidade, o singular, mas não podemos tentar compreendê-lo ou mesmo percebê-lo sem considerarmos os outros sistemas inseridos.

De acordo com Massey, o esforço teórico de reconceituação do lugar tem uma redefinição paradoxal. O lugar torna-se resultado de *condicionantes que o desespacializam pois, as relações sociais que o conformam estão cada vez menos articuladas com seu sítio físico ou sua tradição histórica* (SANT'ANNA, 2009, p. 5). Ainda para a autora, a ideia de lugar tem capacidade de abranger uma gama de novas relações sociais, decorrentes de uma sociedade informacional, de uma nova consciência global. Santos (1994) aponta que mais importante do que a consciência do lugar é a consciência de mundo que se tem por meio do lugar.

Podemos perceber que o conceito de lugar alarga-se diante de novas percepções e olhares, desenvolvidos não apenas por uma perspectiva. Os lugares expressam singularidades e globalidade; materializa a construção de identidades individuais como também coletivas. O lugar absoluto, de um só tipo de viver, fazer ou acontecer não existe, haja vista ele “depende” do todo: não existe o todo sem as partes, o lugar passa a representar algo além do que um espaço que circunda o corpo.

A vida acontece na rua de maneira enérgica, nas palavras de Carlos (2007), a rua é o nível do vivido, onde encontramos não apenas a vida, como também, os fragmentos dela. A rua é o lugar onde o homem comum aparece como vítima ou como figura subversiva.

## 1.2 – Sobre a apropriação e o uso das/nas ruas

*“Eu tô usando essa esquina aqui até ela não me servir mais...”<sup>8</sup>*

Para tentar compreender como as pessoas usam e percebem os lugares no centro da cidade, partimos para um trabalho de campo inicial que foi observar as ruas em vários momentos e circunstâncias da vida da cidade, tais como, o horário em que as pessoas estão indo para o trabalho/escola, finais de semana, em algumas festividades nas ruas, dentre outras ocasiões. Além das observações, coletamos informações, por meio do contato com pessoas que nos deram suas impressões sobre o centro da cidade e como elas se utilizam desse lugar. Essas impressões contribuíram como mais um elemento na compreensão.

A importância dessas observações e coleta de informações está calcada no fato de que as pessoas interagem no lugar – e aqui neste trabalho em particular, a rua – do centro da cidade, a partir da vivência. Por meio de viveres e fazeres diários ou apenas em determinados momentos.

De acordo com Carlos (2007), o homem percebe o mundo através de seu corpo e sentidos e a partir disso, constrói e se apropria do espaço e do mundo. Para a autora, o lugar é a porção do espaço apropriado para a vida – *apropriado através do corpo – dos sentidos – dos passos de seus moradores, é o bairro, é a praça, é a rua* (p. 17).

É através do corpo que o homem habita e se apropria do espaço, através dos modos de uso. São os lugares que o homem habita na cidade que dizem respeito ao seu cotidiano e a seu modo de vida, onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é pelas formas por meio das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso.

São a rua, a praça, o bairro – espaços do vivido, apropriados através do corpo – espaços públicos, divididos entre zonas de veículos e a calçada de pedestres dizem respeito ao passo e a um ritmo que é humano e que pode fugir aquele do tempo da técnica (ou que pode

---

<sup>8</sup> Trecho da entrevista realizada em novembro/2011 com Camilo, 39 anos, vendedor ambulante das ruas da área central de Dourados, natural do Estado do Paraná.

revelá-la em sua amplitude). É também o espaço da casa e dos circuitos de compras dos passeios, etc. (CARLOS, 2007, p. 18)

A cidade é um produto social, é trabalho materializado, construído (e reconstruído diariamente) pelo homem, que produz o lugar a partir do momento em que o ocupa. Esse modo de ocupação do lugar da e na cidade acontece da necessidade da realização de determinada ação, podendo ser ela a produção, o consumo, ou simplesmente o viver. Conforme Carlos:

O uso do solo ligado a momentos particulares do processo de produção das relações capitalistas é o modo de ocupação de determinado lugar na cidade. O ser humano necessita, para viver, ocupar determinado lugar no espaço. Só que o ato em si, não é meramente ocupar uma parcela do espaço; tal ato envolve o de produzir o lugar. (2009, p. 45)

A necessidade de se ocupar o lugar é proveniente da própria existência do homem, que para “ser”, precisa produzir seus meios de vida. Ao produzir os seus meios, o homem produz sua vida material. Conforme aponta Carlos (2009), essa produção vai além da pura reprodução física, ela é, também, um determinado modo de vida. *Nesse sentido, a história tem uma dimensão espacial que emerge no cotidiano das pessoas através do modo de vida urbano* (2009, p. 45).

Em nossas observações nas e das ruas da área central de Dourados foi possível constatar a presença de sujeitos diversos, de usos variados. O vendedor ambulante de redes e artefatos de couro que entrevistamos; os vendedores de raízes que “ocupam” uma esquina durante o dia, nos horários comerciais; o malabarista dos semáforos; as pessoas que apenas utilizam as ruas para passagem, num passo rápido muitas vezes sem olhar para os lados. Há também alguns moradores da área central que, de certa maneira, resistem ao processo geral de “expulsão” das residências dessa área da cidade.

No intuito de articular o que observamos com o que Carlos (2009) observa acerca da produção do modo de vida, podemos destacar trechos das entrevistas que demonstram a vivência das pessoas das/nas ruas. Quando questionadas sobre as transformações nas ruas da área central da cidade, apontam:

*Eu sempre morei nessa casa. E por isso pude perceber muitas mudanças nesse trecho aqui. Aqui só tinha casa, só famílias moravam por aqui. Aí um dia chegou um escritório, outro dia uma loja, agora tem a onda dos consultórios médicos, parece que cada ano é uma coisa nova. Não sei se isso é bom sabe, quase não tenho mais vizinhos. Ficou estranho.<sup>9</sup>*

Percebemos que a moradora da área central da cidade viu toda a transformação pela qual passou o lugar. Viveu um momento em que havia relações de vizinhança, as pessoas se encontravam e realmente conviviam. Hoje ela experimenta um lugar onde não há mais vizinhos e sim outras formas de uso (consultórios, hospitais, clínicas).

*Percebi transformações sim. Não só porque sou historiador, mas porque sou praticamente douradense. E vejo as coisas que as pessoas fazem sem pensar, sem planejar. Já reparou no tanto de prédios que foram demolidos? Eu contei vários. Tinha aquele próximo da loja Seller. Lembro que no meu tempo era uma mercearia, daquelas que vendiam tudo a granel. Eles não poderiam ter feito isso, era um prédio antigo sabe. Do tempo que Dourados nem sonhava em ser cidade. Achei uma judiação. Parece que aqui nessa cidade ninguém tem amor às coisas antigas.<sup>10</sup>*

Nesse depoimento, também percebemos um discurso saudosista, de pessoas que gostavam dos lugares das/nas ruas como se mostravam antigamente. Hoje os passos são mais rápidos e costuma-se não observar os lugares. Quando se percebe, boa parte do que foi o passado não existe mais.

*Sim, muita coisa mudou. A criançada brincava na rua, e o pessoal ia tudo sentar na frente de casa pra conversar. Antigamente dava né, não tinha movimento. Hoje se fizer isso, morre atropelado. Tem muito carro. Eu não podia fazer isso, porque*

---

<sup>9</sup> Trecho da entrevista realizada em julho/2011 com Maria de Nazaré, 74 anos, moradora da área central de Dourados.

<sup>10</sup> Trecho da entrevista realizada em julho/2011 com Miguel, 45 anos, professor da rede estadual de ensino, residente em Dourados desde 1981.

*eu trabalhava muito. Vivi para o trabalho. Fiquei pouco tempo aqui quando era moleque. Então vim pra cá já trabalhando. Essa esquina aqui<sup>11</sup> ajudei meu sogro a construir. Ali era tudo, secos e molhados, armarinho, a gente vendia de tudo. Bar, mercearia. Tudo mesmo.<sup>12</sup>*

Mais uma vez podemos perceber, a partir do depoimento desse entrevistado, que as mudanças ocorridas na área central foram significativas. Em determinado momento, existiam crianças brincando nas ruas, hoje, o que se vê, é a velocidade do tráfego de veículos.

*Mudou muita coisa sim, pra começar nem asfalto tinha, hoje em dia a gente pensa como que conseguimos ficar tanto tempo na luz da lamparina e na rua de terra. Hoje está muito melhor, apesar de muitas coisas que precisam melhorar, apesar de todo meu movimento de clientela ter diminuído, eu prefiro assim, do jeito que está.<sup>13</sup>*

Nesse relato, que também denuncia as transformações ocorridas, podemos perceber que o entrevistado preferiu as novas formas das/nas ruas. Há também as pessoas que falam das mudanças sem o olhar saudosista, de um tempo em que não havia asfalto nem energia elétrica.

A produção espacial é uma forma de ocupação de determinado lugar e momento e realiza-se no cotidiano das pessoas. Existem pontos de vista que podem vir a indicar a forma de uso, como por exemplo, do olhar do produtor de mercadorias, a cidade materializa-se enquanto condição da produção – ela (a cidade) é o mercado, é onde estão as atividades de apoio etc. Mas também pode demonstrar o olhar do morador e a cidade para ele pode ser percebida como meio de consumo coletivo – é o habitar, é o local de trabalho, é o lazer. De acordo com Carlos (2009), a diferenciação dos usos será a manifestação espacial da divisão técnica e social do trabalho, num determinado momento histórico.

---

<sup>11</sup> Cruzamento da Avenida Marcelino Pires e Rua Firmino Vieira de Mattos.

<sup>12</sup> Trecho da entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos, 88 anos, aposentado, morador da área central de Dourados.

<sup>13</sup> Trecho da entrevista realizada em 14/10/2011 com Mário Eto, morador e comerciante da área central, desde 1985.

No mesmo sentido, Seabra (2004) aponta que:

na urbanização contemporânea, o cotidiano emerge para a análise na metamorfose das formas de uso do tempo vivido; que o cotidiano urbano prolonga e explicita o sentido da urbanização capitalista pela generalização de um modo de vida no qual foram sendo aprofundadas as separações no âmbito da vida social. (p. 182)

O uso do solo urbano será disputado pelos vários segmentos da sociedade de forma diferenciada, o que gerará conflitos, às vezes, entre indivíduos e usos. Carlos aponta ainda que esses conflitos serão orientados pelo mercado, *produzindo um conjunto limitado de escolhas e condições de vida* (2009, p. 47). Ainda para a autora, é o processo de reprodução do capital que vai indicar os modos de ocupação do espaço pela sociedade.

Temos então que o uso do solo é o produto da condição geral do processo de produção da humanidade, que impõe uma determinada configuração ao espaço urbano. Ainda de acordo com Carlos (2008), devemos considerar dois modos de uso, um vinculado ao processo de produção e reprodução do capital e o outro vinculado à reprodução da sociedade – subentendendo a força de trabalho e os consumidores. Dialogando com Lipietz, Carlos aponta que hoje a sociedade urbana apresenta um quadro de vida que é reflexo de um conjunto de estruturas de instituições e práticas dos agentes, isto é, de um *modo de produção capitalista e de seus imperativos* (2008, p. 90).

Há de se salientar, também, que quando pensamos na cidade produzida e reproduzida a partir da circulação do capital, não podemos deixar de lado o fato de que existe um produto social também produzido pela sociedade. De acordo com Carlos, isso implica num modo de vida. Para a mesma:

Considerado como uso do solo para o processo de reprodução do capital, o espaço será analisado como capital fixo; como uso para a reprodução da vida, ele será examinado como meio de consumo coletivo. (2008, p. 92)

A autora ainda diferencia o uso do solo como reprodução do capital e o uso como reprodução da vida. No primeiro, a cidade aparece como condição material para a

produção. Para ela, o urbano é analisado como condição, meio e produto do processo de reprodução da sociedade quando a cidade aparece como localização da indústria, como local do trabalho, como aglomeração de mão-de-obra e mercadorias. A autora aponta ainda que:

O tipo e os requisitos de uso são, entretanto, diferentes. A localização comercial, inicialmente concentrada e estabelecida nas áreas mais centrais da cidade, tem passado por vários estágios, dependendo do grau do desenvolvimento urbano. Com a invasão do automóvel e com a urbanização em mancha de óleo, a localização comercial passa a depender do traçado do tecido e da infraestrutura, do desenvolvimento do transporte rodoviário [...]. (2008, p. 94)

Visando caracterizar as duas formas de uso colocadas pela autora, abaixo apresentamos algumas imagens das ruas da área central da cidade de Dourados. Algumas demonstrando o comércio, a invasão do automóvel, o tráfego fluente, a infraestrutura das ruas, calçadas que são melhores na área central. Como também outras imagens que demonstram a tentativa de reprodução da vida, fugindo ou minimamente resistindo à pressão do capital.

Na **Foto 01** visualizamos quatro momentos das/nas ruas da área central da cidade. O trânsito intenso no cruzamento da Rua Joaquim Teixeira Alves com a Rua Presidente Vargas demonstra que a área central hoje é o lugar destinado mais ao carro do que ao habitante. Vemos também semáforos, parquímetros, canteiros centrais sendo transformados em estacionamentos:

## FOTO01



Cruzamento da Rua Joaquim Teixeira Alves com a Avenida Presidente Vargas. Foto disponível em: <http://www.midiams.com.br>. Estacionamento para motos na Rua Dr. Nelson de Araujo cruzamento com a Avenida Weimar Gonçalves Torres. Foto disponível em: <http://www.pulsarimagens.com.br>. Parquímetros instalados em algumas ruas da área central da cidade. Foto disponível em <http://www.oprogresso.com.br>. Canteiros centrais das ruas/avenidas utilizados para estacionamento de veículos e motos. Foto: Elaine Musculini.(2010-2011)

**AFoto 02**, revela as lojas na Avenida Weimar Gonçalves Torres, mais especializadas, geralmente de grifes. Algumas dessas lojas possuem estacionamento privativo, e as que não tem, geralmente, proporcionam aos clientes os cartões de pagamento dos parquímetros, como cortesia.

## FOTO 02



Lojas localizadas na Avenida Weimar Gonçalves Torres. Fotos: Elaine Musculini.(2011-2012)

Já o uso como reprodução da vida, tem como base, o trabalhador / consumidor, isto é, as pessoas, os agentes, os sujeitos do processo social de produção e reprodução da cidade. Existe a necessidade latente do indivíduo morar, viver em determinado lugar. Há também uma série de outros elementos espaciais que se agregam à moradia – o uso para o lazer, para as áreas verdes, os equipamentos coletivos e bens de consumo coletivo (escolas, transporte, água, luz, esgoto, telefone, assistência médica, dentre outros).

Na **Foto 03** vislumbramos os diversos sujeitos das/nas ruas. Os que se utilizam dela para o trabalho, para a reprodução da vida. O pipoqueiro, o vendedor de picolés com seu carrinho, os índios que vendem o que produzem na reserva indígena (milho, mandioca, etc), os malabaristas dos semáforos, os vendedores ambulantes.

### FOTO 03



Sujeitos das/nas ruas (“pipoqueiros”, ambulantes, malabaristas de semáforo, índios). Fotos: Elaine Musculini. (2011 – 2012)

A autora ainda salienta que:

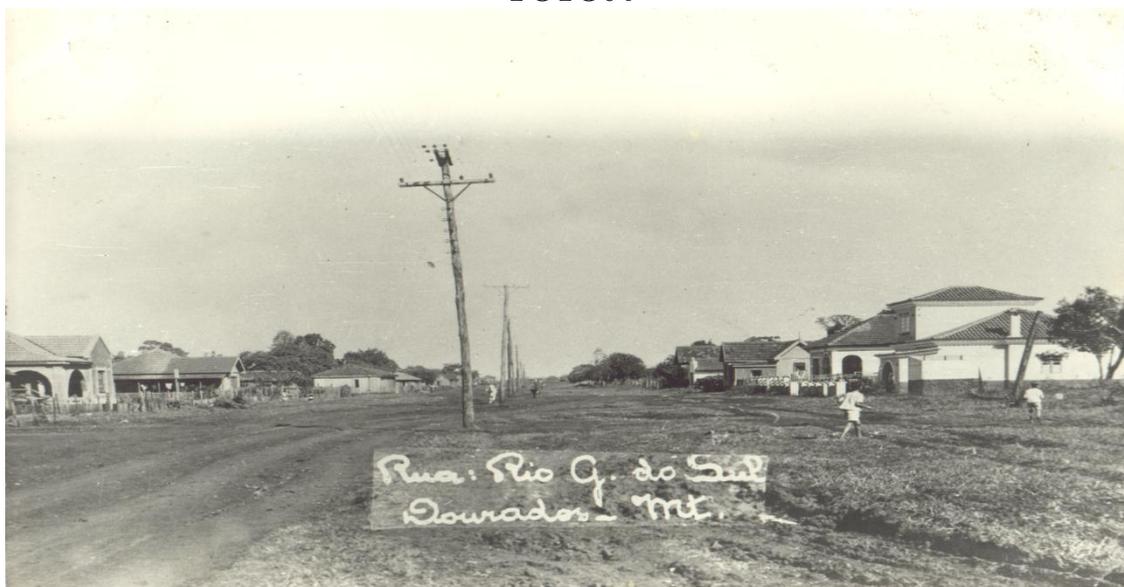
Do ponto de vista da superestrutura, há o uso do solo pelos organismos de planejamento, instituições municipais, estaduais e federais, as intervenções políticas – é o espaço da gestão e do controle. Esse controle é fundamental para o capital; entretanto, tais mecanismos entram em colisão com os anseios e as necessidades da sociedade, o que gera a luta. Tais lutas podem levar a uma mudança ou alteração das políticas que influenciam, ou determinam, o uso do solo, ou ainda a mudança de usos de sua redistribuição. (2008, p. 97)

Precisamos, porém pensar que o lugar pode sofrer outros tipos de usos, estes que modificam-se no decurso do tempo, que podem absorver novos sentidos, sofrer impactos de novas tendências, passarem por resignificações, dentre outros aspectos.

As duas imagens abaixo (**Fotos 04 e 05**) são da mesma área: Avenida Weimar Gonçalves Torres, próximo ao cruzamento com a Rua Presidente Vargas. Em meados

de 1950, não havia asfalto na avenida, os postes ainda de madeira, poucas edificações e a casa que aparecesse no canto inferior direito é onde hoje é a Imobiliária Kamimura<sup>14</sup>. A área é a mesma, porém, percebemos claramente as transformações: hoje há asfalto, os canteiros centrais foram readequados para estacionamentos de carros e motos, dentre outros.

#### FOTO04



Avenida Weimar Gonçalves Torres que em meados dos anos 1950, quando ainda chamava-se Rua Rio Grande do Sul. Foto: MOREIRA.(1990)

#### FOTO 05

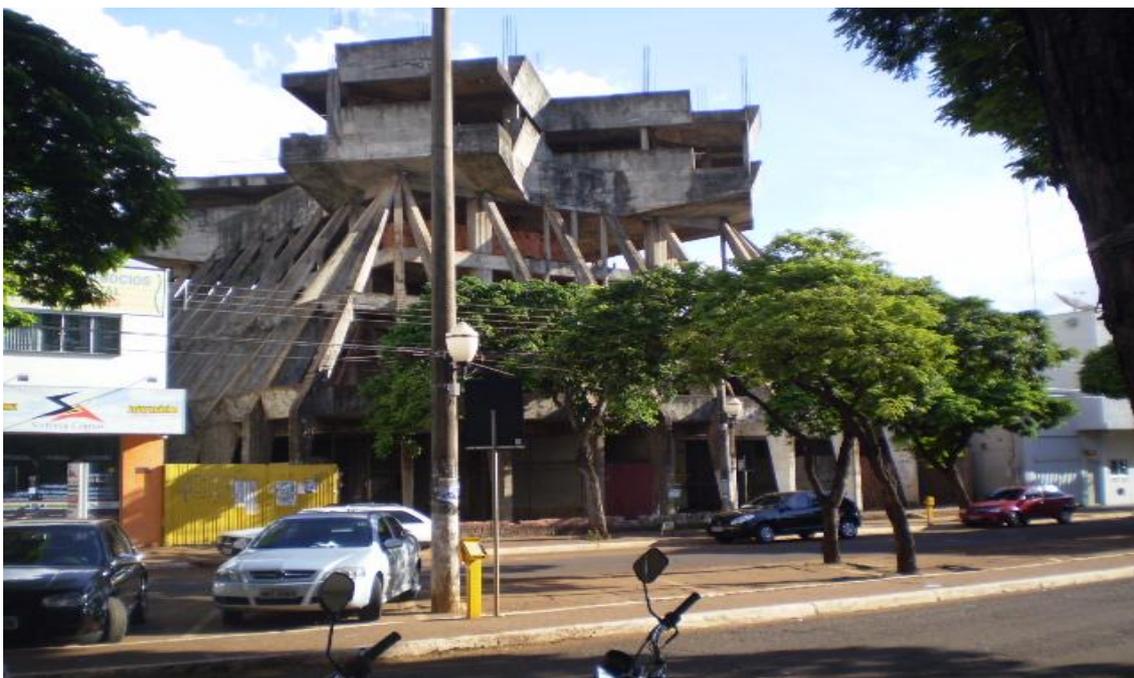


Avenida Weimar Gonçalves Torres, Prédio onde hoje é a Imobiliária Kamimura. Foto: Elaine Musculini. (2011)

<sup>14</sup> A Imobiliária Kamimura situa-se na Avenida Weimar Gonçalves Torres entre as Ruas Presidente Vargas e João Rosa Góes.

Na **Foto 06**, destacamos o prédio que encontra-se em construção desde os anos 1980. Na **Foto 07**, o Clube Social de Dourados, que situava-se onde hoje existe a construção. O Clube Social era o lugar das festas, as pessoas se encontravam no clube nos finais de semana para confraternizarem, hoje é apenas uma obra inacabada.

### FOTO 06



Avenida Joaquim Teixeira Alves, entre as Ruas João Cândido da Câmara e Dr. Nelson de Araujo. Foto: Elaine Musculini. (2011)

### FOTO 07



Avenida Joaquim Teixeira Alves, entre as Ruas João Cândido da Câmara e Dr. Nelson de Araujo em meados dos anos 1970. Acervo pessoal de Rosana Chencarek.

Podemos também denotar as transformações das/nas ruas da área central da cidade a partir dos depoimentos de alguns entrevistados que, a partir de suas memórias, contam como eram os lugares e como as pessoas viviam-nos.

*Tudo por aqui era residência. A pessoa trabalhava e morava. E aí o tempo foi passando e foi ficando só comércio. Ali onde é o Sicredi<sup>15</sup>, ao lado ainda tem a casa que foi do Ciro Mello<sup>16</sup>, e hoje é uma lanchonete. O Ciro foi o pai dos dois primeiros fiscais da prefeitura. E ali onde é o Sicredi, não era nada, só tinha eucalipto. Ali onde é a escola Erasmo Braga era também vazio, morava uns parentes meus.<sup>17</sup>*

Abaixo destacamos foto atual da casa que o entrevistado menciona. Hoje em dia é uma lanchonete e a configuração já não é mais de uma residência.

#### FOTO 08



Avenida Weimar Gonçalves Torres, entre as ruas Firmino Vieira de Matos e Melvin Jones. Foto: Elaine Musculini. (2011)

<sup>15</sup> Banco Sicredi – localizado no cruzamento da Rua Firmino Vieira de Matos e Avenida Weimar Gonçalves Torres.

<sup>16</sup> Ciro Mello – de Porto Alegre, veio para o município de Dourados em 1934. Foi eleito para vereador da cidade em 1946.

<sup>17</sup> Trecho da entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos, 88 anos, aposentado, morador da área central de Dourados.

Identificamos também novos usos/configurações das/nas ruas do centro de Dourados. A imagem que segue demonstra, respectivamente: 1) reforma de um estabelecimento comercial situado na Avenida Marcelino Pires, entre as Ruas João Cândido da Câmara e Dr. Nelson de Araujo; 2) Demolição de um prédio que foi uma frutaria, no cruzamento da Avenida Marcelino Pires com a Rua Floriano Peixoto, para a instalação de uma galeria de escritórios e estabelecimentos comerciais; 3) Demolição de um imóvel antigo, que funcionou um laboratório de análises clínicas, na Avenida Weimar Gonçalves Torres, entre as Ruas João Cândido da Câmara e Dr. Nelson de Araujo; 4) Os terrenos vazios que ainda restam no centro da cidade e que tem servido para a acomodação de *outdoors* e propagandas.

### FOTO 09



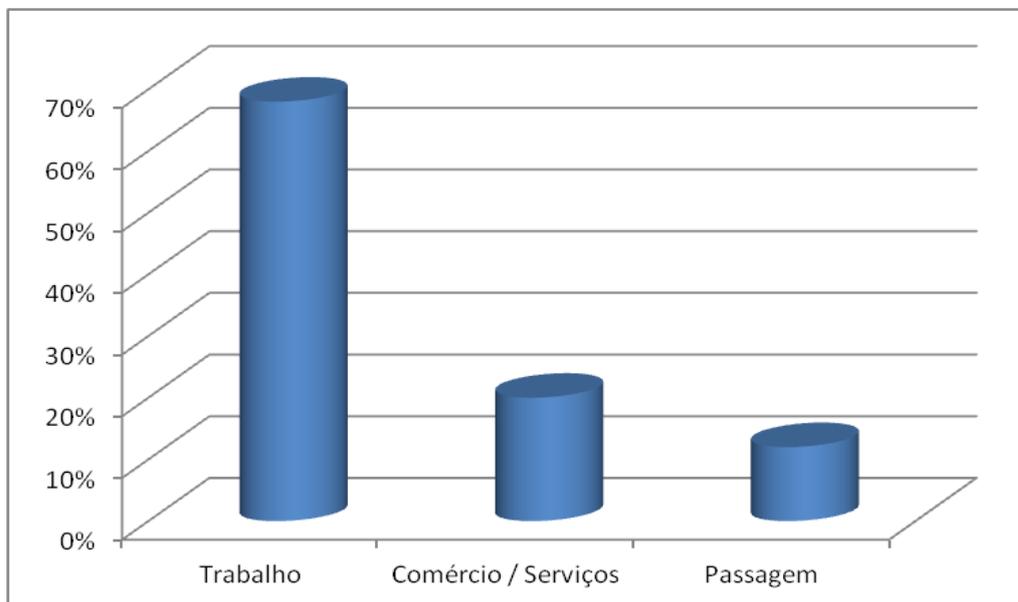
Avenidas e ruas da área central da cidade de Dourados. Fotos: Elaine Musculini. (2011)

Os usos das/nas ruas no centro da cidade mudam. No intuito de compreender como são e quem são as pessoas que se utilizam das ruas, aplicamos questionários.

Questionamos cinquenta pedestres entre a Rua Dr. Nelson de Araujo e Rua João Cândido da Câmara, em uma sexta-feira às 8h, acerca de suas atividades na rua. Naquele momento, e 68% das pessoas estavam indo trabalhar, 20% estava indo a algum

comércio/serviço e o restante (12%) estava apenas de passagem. Conforme podemos perceber na **Figura03**.

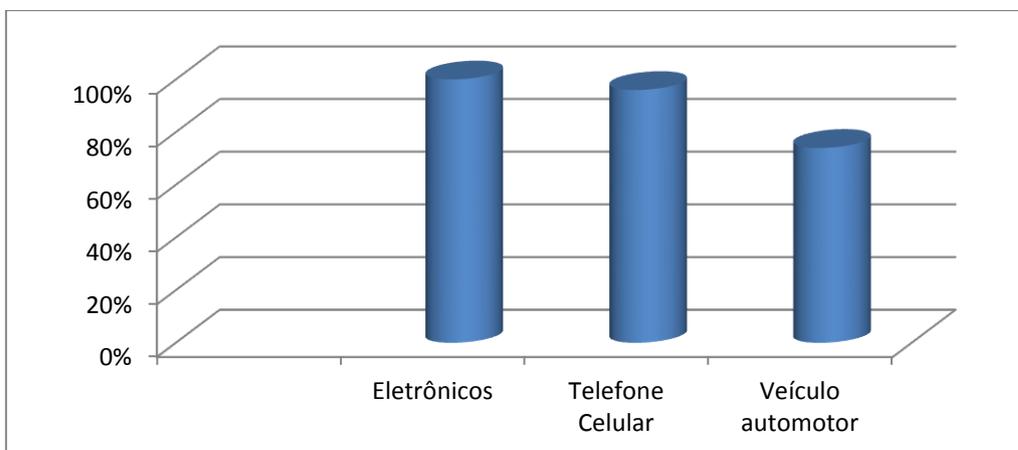
**FIGURA 04**



Fonte: Pesquisa de Campo  
Org.: Elaine Musculini

Questionamos outras cinquenta pessoas no dia 21/01/2012, em um sábado, às 10h. E obtivemos outro resultado, sendo que 66% estava indo a algum comércio/serviço, 20% a trabalho, 10% a passeio e 4% estava de passagem na rua naquele momento. É o que se verifica na **Figura04**.

**FIGURA 05**



Fonte: Pesquisa de Campo  
Org.: Elaine Musculini

Conforme aponta Carlos (2001):

as formas se associam ao uso, dois tempos podem ser percebidos na paisagem urbana: o da história e o do contexto de sua transformação (o contexto do tempo e de seu uso). O primeiro tempo se refere ao tempo da morfologia urbana ou da história da cidade, e o segundo se refere ao tempo e ao ritmo da vida (...), que permite a construção das referências da vida urbana a partir do tempo da vida. (p. 209)

Isto posto, o lugar pode, ou não, ser penetrado pelas imagens e representações veiculadas pelo Estado, ou ainda por outros grupos detentores ou não do poder econômico. Estes agentes tendem a incitar uma nova qualidade que independe do valor de uso, a partir de novas tipologias, de novas representações.

### 1.3 – Sobre a multiplicidade de uso da /na cidade

*“Gosto da minha casa, mas gosto da rua também...”<sup>18</sup>*

Conforme percebemos, a rua não é somente um lugar material. Ela guarda em si uma particularidade abstrata, imaterial, os fazeres e viveres dos agentes sociais. Para se compreender a ‘rua’ necessário se faz analisar suas especificidades, as características, os símbolos que lhe são inerentes e que a fazem ser, ora homogênea, ora heterogênea, ora singular, ora contraditória. É na rua que nos apoderamos do lugar, conseqüentemente, da cidade, surgindo daí toda a dinâmica que perfaz nossas vidas, que nos dá referencial para compreender o aparato de regras, normas e estratégias do poder.

Num primeiro momento podemos perceber apenas o concreto, o asfalto, as edificações, mas se analisarmos com um olhar mais atento, observaremos a produção e reprodução, a partir de ações particulares, individuais, que se fazem, cotidianamente, e que se transformam em local, aparentemente material, em imaterial, sendo que este não elimina aquele. É preciso considerar que estamos sendo imagetivamente guiados, seja por leis, seja por costumes, por normas implícitas e explícitas, que nos fazem trilhar o nosso momento na rua, imaginando ser ela apenas um local de passagem, obscurecendo as variadas facetas que ela guarda em si.

Partindo de uma análise mais detalhada, podemos então perceber o que a rua tem a nos dizer, a nos mostrar, seja com seu simbolismo, seja com suas imagens, com suas paisagens, no anseio de compreender as significações por trás do conjunto de edificações, no fluxo de pessoas, nas configurações de muros e calçadas, dentre outros.

O lugar revela os múltiplos significados, e como as pessoas reagem, vivem e se fazem. Salienta-se também, a constante modificação nas e das ruas, seja pelo transcurso do dia (alternância dia-noite), como também de lapsos temporais maiores. Podemos perceber, com o levantamento de campo, que a rua está sempre num processo de transformação, de resignificação.

---

<sup>18</sup> Trecho da entrevista realizada em dezembro/2011 com Ana Josefa, 68 anos, aposentada, moradora da área central de Dourados desde 1982.

No transcurso de um único dia é possível presenciar que as ruas da cidade são tomadas por passos com ritmos diferenciados, com destinos diferentes. Os usos da cidade vistos através da rua permitem perceber os tempos simultâneos. Ela guarda múltiplas dimensões. (CARLOS, 2007, p. 52)

O uso também pode variar de acordo com o horário ou dias da semana, conforme constatado e demonstrado nos gráficos das **Figuras 3 e 4**, bem como nas respostas dos questionários. Em uma sexta-feira pela manhã, foi possível constatar que a maioria das pessoas dirigia-se para o local de trabalho, uma parte menor ia para o comércio e algumas pessoas estavam apenas de passagem. Naquele momento do dia, ninguém estava a passeio. Já nos questionários aplicados em um sábado, a maioria das pessoas dirigia-se ao comércio e/ou serviços. Também foi possível constatar que naquele horário – 10 horas da manhã – poucas pessoas dirigiam-se aos seus locais de trabalho, um número menor estava a passeio ou de passagem.

De acordo com Carlos, a rua dá ensejo a percebermos os objetos formados por este novo mundo, e que modificam as relações entre os homens, e dos homens com a cidade. A tecnologia, as inovações, como por exemplo, carros, celulares, mp3, *ipod*, dentre outros utensílios que podemos considerar “a cara do urbano”, nos fazem discutir a reconfiguração da cidade. A partir disso, convém pensar a rua não só como o lugar de passagem, mas como o lugar das vivências, dos fazeres, das atividades:

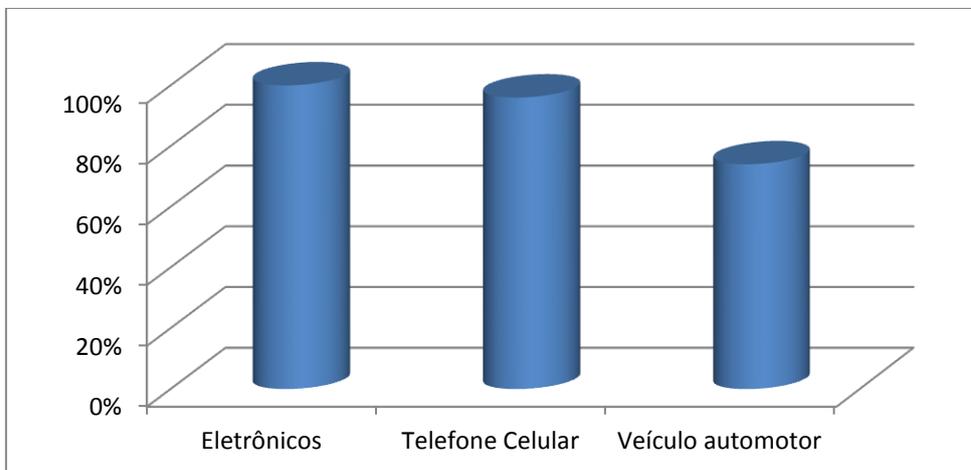
A rua pode ter o sentido de passagem, apenas enquanto meio – de manhã o que vemos pelas ruas desde as primeiras horas do dia é um grande fluxo de trabalhadores, que meio acordados, meio sonolentos, se dirigem ao trabalho.

A rua pode ter o sentido de fim em si mesma quando seu uso se volta para, por exemplo, a realização da mercadoria (CARLOS, 2007, p. 53).

Ao andar pelas ruas do centro da cidade de Dourados facilmente identificamos essas novas tecnologias, as inovações que modificam as relações entre os homens. Semáforos, tráfego rápido, pessoas num passo apressado utilizando seus celulares e outros aparelhos eletrônicos. Aplicamos questionário em uma das ruas do centro, e das 50 pessoas que nos responderam, 100% possuía algum tipo de aparelho eletrônico e/ou

de comunicação<sup>19</sup>, 96% possuía aparelho de telefone celular e 74% possuía algum veículo automotor.

**FIGURA 06**



Fonte: Pesquisa de campo  
Org.: Elaine Musculini

A rua se veste ou se traveste de várias maneiras, sejam elas no sentido do comércio, ou no sentido da festa, ou no sentido da reivindicação. Carlos (2007, p.53) aponta que: *A rua pode ter o sentido do mercado / aquele vinculado à troca com destino – aqui é o lugar da feira que reúne as pessoas, a rua ocupada por camelôs*. Ela pode ainda ser lugar ocupado por uma gangue, ou grupo de pessoas que ali impõem suas leis e normas de comportamento. Cada uma dessas particularidades da e na rua, faz com que ela seja um local em que os sujeitos são os atores sociais, que através de suas formas de uso, dão sentido à rua. Para exemplificar os apontamentos da autora e trazer para o que foi levantado na pesquisa de campo, abaixo apontamos fotos que demonstram o sentido do mercado/troca.

Na **Foto 10** vislumbramos a feira livre da Rua Cuiabá que ocorre aos sábados e domingos. Lugar bastante frequentado e considerado ponto de encontro dos moradores mais antigos da cidade. Em observações feitas na pesquisa de campo, foi possível constatar que muitas pessoas utilizam-se da feira para reencontrar as pessoas. Além do sentido do consumo, para alguns, tem também o sentido do encontro.

<sup>19</sup>Televisores, computadores, tablets, notebooks, netbooks, dentre outros.

Na **Foto 11** visualizamos o “camelódromo”, no cruzamento da Avenida Weimar Gonçalves Torres com a Rua João Rosa Góes. Já neste local, não há o sentido do encontro como na feira livre, ali prevalece a ideia da rua como lugar do consumo.

**FOTO 10**



Feira livre na Rua Cuiabá. Foto disponível em <http://www.pulsarimagens.com.br>.

**FOTO 11**



Camelôs na área central – Cruzamento da Avenida Weimar Gonçalves Torres e Rua João Rosa Góes. Foto: Elaine Musculini. (2011)

A imposição de normas, regras, também pode vir de outra maneira que não a instauração de gangues ou grupo de pessoas que exercem ali seu poder, seu domínio. Essa normatização pode vir com outros símbolos, com outros intuitos. A existência de placas, de indicativos nas ruas demonstram que somos tacitamente comandados por normas que delimitam, alteram ou impedem nossos quererres.

As ruas têm sentido da normatização da vida – as placas, os semáforos indicam o sentido dos passos, do lugar do encontro, orientam e determinam o fazer, bem como o modo de percorrê-las. As ruas têm o sentido da segregação social, elas apontam a hierarquia social através de uma hierarquia espacial – marcada nas formas de uso (CARLOS, 2007, p. 53).

Também através de algumas imagens notamos a diferenciação socioespacial. Aquelas pessoas que não têm como manter um estabelecimento comercial acabam tendo uma única opção para comercializar seus produtos/mercadorias. Geralmente, ficam em esquinas ou em lugares das ruas da área central, que concentram um número consideravelmente alto de transeuntes. É o caso, por exemplo, dos vendedores de raízes, sorvetes (carrinho de sorvetes), utensílios domésticos, flores artificiais, CD's, DVD's, bijuterias, chaveiros, frutas, dentre outros, que ficam nas ruas da área central. Facilmente os encontramos nas esquinas da Avenida Marcelino Pires com a Rua Dr. Nelson de Araujo, ou com a Rua João Cândido da Câmara, ou com a Rua Presidente Vargas.

Na **Foto 12** podemos perceber tais sujeitos: o vendedor de picolés com seu carrinho no ponto de parada de ônibus da Avenida Marcelino Pires, entre as Ruas João Rosa Góes e Firmino Vieira de Mattos; alguns vendedores de utensílios domésticos, flores artificiais, CD's e DVD's no cruzamento da Avenida Marcelino Pires com a Rua Presidente Vargas; artesãos que também vendem suas mercadorias no cruzamento da Avenida Marcelino Pires com a Rua Dr. Nelson de Araujo e vendedores de raízes também no mesmo cruzamento.

## FOTO12



Imagens de vendedores ambulantes nas ruas do centro da cidade. 1) Avenida Marcelino Pires entre as Ruas Firmino Vieira de Matos e João Rosa Góes; 2) Avenida Marcelino Pires cruzamento com a Rua Presidente Vargas; 3 e 4) Avenida Marcelino Pires cruzamento com a Rua Dr. Nelson de Araujo. Fotos: Elaine Musculini. (2011-2012)

A rua é o lugar em que a vida acontece e aparece.

Finalmente a rua ainda preserva o sentido do encontro. Estes quase sempre referem-se aos finais de semana quando, em virtude da diminuição do tráfego de automóveis, é possível, às crianças brincarem em alguns lugares da cidade. Os parques e algumas praças são usadas nesse sentido. Aqui os ruídos diferem sensivelmente daqueles dos dias de semana. Em algumas áreas públicas as pessoas vão para se expor. O encontro de pessoas que se conhecem há tempo e que jogam carta, por exemplo. (...) (CARLOS, 2007, p.53)

Tais situações, em Dourados, podem ser notadas no Parque dos Ipês, Parque Antenor Martins e mais recentemente na Praça Antonio João<sup>20</sup>. Ainda podemos perceber o sentido do encontro em praças menores, situadas em bairros mais distantes

---

<sup>20</sup> A Praça Antônio João é a praça central de Dourados, que recentemente passou por reformas, o que mudou algumas configurações de seus usos.

do centro. Nesses bairros, muitas vezes, observamos pessoas sentadas nas calçadas de suas casas, ouvindo música, tomando tereré, conversando com vizinhos etc.

Também, no mesmo sentido, é comum encontrarmos locais em que pessoas reúnem-se para praticar algum esporte, como futebol ou vôlei. Geralmente isso ocorre em quadras poliesportivas e em escolas. Conforme já citado, no Parque dos Ipês, no Parque Antenor Martins, dentre outros locais. Esse tipo de atividade acontecia com mais frequência nas ruas, hoje em dia já é mais difícil acontecer, sendo praticamente inexistente nas ruas da área central.

Conforme relata um entrevistado, que reside na cidade desde meados de 1940, as ruas do centro eram tomadas de crianças brincando, jogando bola. Existia uma atividade constante, seja do passeio, seja do encontro, seja apenas de uma conversa com a vizinhança. Hoje isso está cada vez mais raro.

*A criançada brincava na rua, e o pessoal ia tudo sentar na frente de casa pra conversar. Antigamente dava né, não tinha movimento. Hoje se fizer isso, morre atropelado. Tem muito carro.<sup>21</sup>*

Para Lefebvre (1961, p. 309):

A rua representa a cotidianidade na nossa vida social (...) Lugar de passagem, de interferências, de circulação e de comunicação, ela torna-se, por uma surpreendente transformação, o reflexo das coisas que ela liga, mas viva que as coisas. Ela torna-se o microscópio da vida moderna. Aquilo que se esconde, ela arranca da obscuridade. Ela torna público.

A dinâmica da rua nos faz pensar também na dialética de dois movimentos: um de revelação da diferença e o outro de regulação do cotidiano. O primeiro movimento se configura com os variados motivos que levam as pessoas às ruas, seja pelo trabalho (camelôs, ambulantes), seja pela passagem (estudantes indo para a escola, pessoas indo para o trabalho), dentre outras formas. O segundo movimento, que diz respeito ao

---

<sup>21</sup>Trecho da entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos, 88 anos, aposentado, morador da área central de Dourados.

cotidiano, manifesta-se pelo fator da subordinação ao mundo das mercadorias, ditado pelo capitalismo. Perceptível, em Dourados, os objetos, tais como, luzes chamativas e imagens instigantes que tendem a transformar a cidade em fetiche. Percebemos a mudança no ritmo da vida, que passa a ser permeada por relações mercadológicas (compra, venda, troca, especulação).

Em grande parte das entrevistas que fizemos, bem como dos questionários que aplicamos, ouvimos as pessoas dizerem que hoje em dia é mais seguro estar/ficar dentro de casa do que na rua. A violência é uma questão que se coloca em pauta no dia-a-dia de todo o sujeito que vive na cidade.

*Vivemos em prisões domiciliares. Tenho tudo dentro da minha casa, justamente para não ter que ir buscar nas ruas. Seja diversão, seja conforto, ou qualquer outra coisa. Encontro e prefiro encontrar em minha casa tudo isso.*<sup>22</sup>

Além da violência, outras dinâmicas perfazem e criam o cotidiano. A velocidade das informações, o ritmo da vida ditado por uma ordem que prima pela rapidez e pela mutação constante dos gostos, formas, comportamentos.

*É comum a gente correr agora. Às vezes não temos tempo de olhar para o lado, para o vizinho, para o cachorro, para os filhos. A gente precisa seguir o ritmo da modernidade. Esses dias eu li numa revista enquanto esperava pra ser atendida no dentista, uma frase assim: “você já abraçou quem você ama hoje?”. Fiquei pensando que faz muito tempo que não abraço nem mesmo minha mãe. Não tenho tempo.*<sup>23</sup>

Essa realidade faz com que pensemos a rua apenas como o lugar da passagem, o tempo, ou melhor, a falta dele, faz com que passemos por ela sem percebê-la. De acordo com Carlos:

---

<sup>22</sup> Trecho de entrevista realizada em maio/2012 com Pedro Lima, 55 anos, autônomo, residente em Dourados desde 1983.

<sup>23</sup> Trecho de entrevista realizada em janeiro/2012 com Rosana Chencarek, 48 anos, professora da rede estadual de ensino, natural de Dourados-MS.

Estamos diante de uma nova noção de tempo, no qual os lugares de passagem – ruas e avenidas – mudam de significado e passam a ser mais importantes que os pontos do estar, do morar, do encontro, da festa. O significado da rua muda radicalmente, priorizando o movimento e transformando-se em lugar de deslocamento e passagem, onde o que importa é o percurso (2007, p. 55).

Antes de nos atermos aos contextos na e da rua, precisamos percebê-la como um “lugar”, e para tal, é necessário que façamos a análise a partir dessa premissa.

O lugar é a base da reprodução da vida e pode ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. A cidade, por exemplo, produz-se e revela-se no plano da vida e do indivíduo. Este plano é aquele do local. As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos do uso, nas condições mais banais, no secundário, no acidental. É o espaço de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo (CARLOS, 2007, p. 17).

A rua, considerada como o lugar do movimento, em que as coisas acontecem, está ligada à maneira como a vida se realiza, no sentido não só de produção, mas também de reprodução das relações sociais, da continuidade. Essa produção, e conseqüentemente reprodução, acontece por conta da apropriação que fazemos, a partir de nossas vivências, de nossos fazeres.

É nesse momento, no do uso, que o lugar assume sentido. Por meio do nosso viver, do nosso fazer, da nossa maneira de perceber, dos nossos sentidos, do nosso corpo.

É através de seu corpo, de seus sentidos que o homem constrói e usa os lugares – um espaço usado em um tempo definido pela ação cotidiana. Isto é, o lugar é a porção do espaço apropriável para a vida – daí a importância do corpo e dos sentidos que comandam as ações, que envolvem e definem o ato de morar que tem a casa como centro, mas que a partir dela vai ganhando os significados dados pela articulação desta com o bairro, com a praça, com a rua através do movimento da vida (CARLOS, 2007, p. 19).

A rua é, ainda, espaço público, e muitas vezes é apenas caracterizada no seu conceito jurídico, em que o espaço é submetido a uma regulação específica por parte da administração pública, que garante a acessibilidade a todos e fixe as condições de utilização e de instalação de atividades.

Fisicamente, o espaço público é, antes de mais nada, o lugar, praça, rua, shopping, praia, qualquer tipo de espaço, onde não haja obstáculos à possibilidade de acesso e participação de qualquer tipo de pessoa. Essa condição deve ser uma norma respeitada e revivida, a despeito de todas as diferenças e discórdias entre os inúmeros segmentos sociais que aí circulam e convivem, ou seja, as regras do convívio e do debate devem ser absolutamente respeitadas (GOMES, 2006, p. 160).

Existem também formas de apropriação privada do chamado espaço público, como é o caso dos camelôs, vendedores ambulantes etc, conforme já destacamos em fotos. Ou em momentos específicos de festividades ou eventos esportivos, em que alguns vendedores vão às ruas vender camisetas, bandeiras, bonés, ou ainda Dia de Finados em que há a venda de flores nas ruas, os bares e lanchonetes que colocam mesas nas calçadas, dentre outros. Muitas vezes, vemo-nos em meio a um “espaço público”, mas que encontra-se “tomado” por atividades particulares, privadas. Neste sentido, a rua também pode ser pensada como domínio do público. Ou sob outro olhar, podemos pensar que ter acesso livre a determinada área, não configura um estatuto público. Ou ainda, é possível perceber que em alguns casos, a área pública não tem essa característica, como é o caso de escolas, de áreas militares, que de regra são públicos, mas nem todos podem neles adentrar.

Na **Foto 13**, vislumbramos a apropriação privada da área pública. As mesas do estabelecimento comercial toma praticamente toda a calçada, inclusive atrapalha a continuidade do piso tátil para os deficientes visuais.

### FOTO 13



Cadeiras na calçada no cruzamento da Avenida Marcelino Pires com a Rua Firmino Vieira de Mattos.  
Foto: Elaine Musculini. (2012)

Podemos perceber também, a partir da rua, a expressão de uma multiplicidade que dita regras e comportamentos.

Territorialmente, a cidade expressa-se enquanto mundial e local. Em cada fragmento do território de uma cidade é possível encontrar similitude com outras tantas cidades, e assim nos parece que todas as cidades estão cada vez mais iguais, revelando-se mundiais. Mas, ao mesmo tempo, em tantos destes fragmentos territoriais é possível se reconhecer a especificidade, revelando-se o local (SPOSITO, 1994, p. 177).

Esse processo se constitui pela apropriação das pessoas, com seus ritmos, tanto do trabalho, quanto de ideias ou de mudanças, revelando o fazer e o viver, espaço-temporalmente. Hoje podemos perceber como as formas urbanas (e aqui inclui-se a rua) se modificam rapidamente, obedecendo ao discurso do progresso, do desenvolvimento, do crescimento.

A rua aparece, nesta perspectiva, como um elemento revelador a partir do qual se pode pensar o lugar da experiência, da rotina, dos conflitos, das dissonâncias, bem como, através dela desvendar a dimensão do urbano, das estratégias de subsistência e de vida, pois marca a simultaneidade do cheio e do vazio e das temporalidades

diferenciadas. No panorama das ruas pode-se ler a vida cotidiana – seu ritmo, suas contradições – os sentimentos de estranhamento, as formas como se trocam mercadorias, o modo como a solidão desponta, a arte da sobrevivência (meninos de rua, mendigos), as vitrines onde o ritual da mercadoria inebria, o contraste das construções, das suas formas, usos, cores, as imagens dos outdoors e luminosos que ocupam o olhar (CARLOS, 2007, p. 46).

As ruas são áreas comuns das cidades, se sobressaem aos parques, às praças, aos monumentos. De acordo com Ferreira (2002, p. 32), *a negação da rua é a negação do urbano*. Pois ela é de domínio público e onde se dão relações visíveis, invisíveis, expostas e veladas. Ainda, como aponta o mesmo autor, *a rua se torna, com frequência, o lugar da novidade, do inesperado. É o lugar onde se dá o social também como espetáculo*.

Importante pensar que a rua representa a cotidianidade da vida social. É o lugar da comunicação, como também circulação. A partir dessas ações, passamos a nos apropriar das ruas, esse uso nos dá a ideia de construção e constante reformulação.

As imagens que seguem retratam a multiplicidade de usos da/na rua, que pode ter o sentido da passagem. Na **Foto 14**, percebemos pedestres na calçada da Avenida Marcelino Pires, entre as Ruas Dr. Nelson de Araujo e João Cândido da Câmara.

**FOTO 14**



Pedestres e ciclistas em calçada da Avenida Marcelino Pires. Foto disponível em: <http://oprogreso.com.br>

Há também os casos cujo sentido está ligado ao fim em si mesmo, como, por exemplo, na **Foto 15** em que visualizamos um vendedor de artefatos de couro no Cruzamento da Avenida Marcelino Pires com a Rua Dr. Nelson de Araujo.

**FOTO 15**



Vendedores ambulantes na Avenida Marcelino Pires. Foto disponível em: <http://www.dourados.ms.gov.br>

A rua também pode ter o sentido da festa, da reivindicação, do protesto. Conforme percebemos nas **Fotos 16, 17 e 18**, que aparece, respectivamente, o Desfile de 7 de Setembro na Avenida Marcelino Pires, a Procissão de Corpus Christi na Avenida Joaquim Teixeira Alves e uma passeata também na Avenida Marcelino Pires.

**FOTO 16**



Desfile de 7 de setembro na Avenida Marcelino Pires. Disponível em <http://www.radiocoracao.org>.

**FOTO 17**



Procissão de Corpus Christi na Avenida Joaquim Teixeira Alves. Disponível em <http://www.radiocoracao.org>.

## FOTO 18



Passeata na Avenida Marcelino Pires. Disponível em <http://www.douradosnews.com.br>.

As ruas têm sentido da normatização da vida – as placas, os semáforos indicam o sentido dos passos, o lugar do encontro, orientam e determinam o fazer, bem como o modo de percorrê-las. (CARLOS, 2007, p. 53)

Na **Foto 19** percebemos as placas, semáforos e outros meios de normatização da vida nas ruas da área central de Dourados: placas informativas de “não estacione”; placas de informação sobre o estacionamento rotativo, o semáforo no cruzamento da Avenida Marcelino Pires com a Rua Melvin Jones e a rotatória, que tem o escopo da contenção da velocidade no trânsito, na Avenida Weimar Gonçalves Torres esquina com a Rua João Rosa Góes.

### FOTO 19



Placas, semáforos e rotatórias das/nas ruas da área central de Dourados. Fotos: Elaine Musculini. (2011-2012)

A rua ainda pode ter o sentido do encontro. Os parques e algumas praças são usados nesse sentido. É o caso, por exemplo, da Praça Antônio João na área central **(Foto 20)**.

### FOTO 20



Praça Antonio João. Disponível em: <http://www.msja.com.br>. (2012)

Retomando o uso no tempo, conforme já descrevemos, em que verificamos as modificações nos/dos usos das ruas da área central de Dourados, pretendemos destacar que as ruas, no decorrer do tempo, tiveram reconfigurações significativas em suas estruturas, alterando, assim, as formas de uso pelas pessoas.

E os usos das/nas ruas modificam-se não apenas pelo passar do tempo, mas também pela dinâmica de movimentos que nelas verifica-se. Sposito (1993) aponta que a cidade é o lugar do trabalho, da produção, do consumo, do ir e vir, do estar, da ordem, dos sistemas econômicos, das funções, da arte. A cidade é ainda natureza transformada e que se rebela, é objetiva e pragmática, é comunicação e encontro, podendo ser também isolamento, desencontro e procura.

A rua também pode ser o lugar do trabalho (ambulantes, pipoqueiros, dentre outros); lugar do consumo (comércio, outdoors), lugar do ir e vir (avenidas, calçadas, movimento dos ônibus lotados), lugar da ordem (placas, faixas, semáforos, horários, filas, policiamento), lugar das funções (construções, pessoas, máquinas, cada qual desempenhando seu papel), lugar da arte (artesãos, artistas de rua e malabaristas). A rua também é natureza transformada (as construções, as reformas, o asfalto), a rua é objetiva e pragmática (a praticidade dos supermercados e caixas eletrônicos de banco), como também é subjetiva e espiritual (as igrejas), e acima de tudo, a rua é encontro e desencontro. A rua é encontro nos eventos, como, por exemplo, desfiles, procissões, passeatas ou o simples ato de pessoas se encontrarem por acaso e manterem uma conversa. Mas a rua pode ser o desencontro, o isolamento para as pessoas que andam sozinhas, que se sentam num dos bancos da praça.

A rua é unidade, diversidade e contradição.

**CAPÍTULO 2**  
**A CIDADE DE DOURADOS: UMA**  
**ANÁLISE HISTÓRICO-**  
**GEOGRÁFICA**

---

Feitas tais considerações sobre a rua e seu uso, julgamos importante fazer uma releitura do processo de expansão urbana de Dourados, buscando destacar elementos que possam contribuir para a análise. Que seja, buscando pontuar a mudança de uso da/na rua, por meio do tempo.

De acordo com Silva (2000), a análise que agora tentaremos fazer, acerca do crescimento urbano de Dourados, mostra-nos etapas diferenciadas, ocorridas em quatro momentos:

A primeira com início na primeira década do século XX e estendendo-se até aproximadamente 1940, corresponde à origem e consolidação do novo núcleo urbano na condição de pequeno centro de abastecimento local, resultado da interação das duas principais atividades econômicas regionais: o extrativismo da erva-mate<sup>24</sup> e a pecuária extensiva. A fase seguinte, que se estende de 1943 a 1970, foi definida por intervenções estatais e por diversos projetos públicos e privados de colonização no Mato Grosso do Sul meridional, que promoveram o reordenamento das atividades econômicas nesse espaço regional (SILVA, 2000, p. 76).

Já o terceiro e quarto períodos, para o autor:

tem início com a chegada das lavouras tecnificadas de trigo e soja a partir de 1968-1970 e com a intensificação das intervenções federais no espaço urbano-regional. (...) O quarto e último período principia em 1989/90 com o esgotamento do modelo de urbanização fortemente dependente do financiamento federal e com a emergência de um novo padrão urbano em Dourados que se elabora no novo contexto dominado pelas determinações cruzadas dos processos de retraimento do Estado desenvolvimentista e de reestruturação econômica em curso (SILVA, 2000, p. 76 e 77).

Vale destacar que, atualmente, configura-se uma nova redefinição do espaço urbano, com novas centralidades, novas formas e, conseqüentemente, novos usos da

---

<sup>24</sup> A extração da erva-mate era feita em grande parte pela Companhia Erva Mate Laranjeira, dirigida por Tomás Laranjeira que chegou à região em 1872. Pelo Decreto Lei nº 8799 de 9 de dezembro de 1882, o Governo liberou para a empresa a exploração dos ervais em terras devolutas na fronteira.

rua. Retrocedendo com Silva (2000), podemos apontar que o embrião urbano de Dourados data de 1909, quando houve a disputa pela posse de uma mesma gleba de terra, entre dois fazendeiros: Marcelino Pires<sup>25</sup> e Joaquim Teixeira Alves<sup>26</sup>. Essa disputa teve como resultado, a destinação da área em litígio para o *patrimônio de um futuro povoado* (2002, p. 84). O primeiro fazendeiro citado foi considerado o fundador da cidade por ter tido a ideia da doação da porção de terra para a instalação do povoado. Essa área, porém, só foi homologada anos depois, em 1915, através do Decreto Estadual nº 402, momento em que foi reservada uma área de três mil e seiscentos hectares de terras para o patrimônio de Dourados<sup>27</sup>.

As imagens que seguem mostram a cidade de Dourados em meados de 1960. A **Foto 21** demonstra, em destaque, o cruzamento que seria o marco efetivo da cidade: a Avenida Marcelino Pires, com a Rua João Rosa Góes.

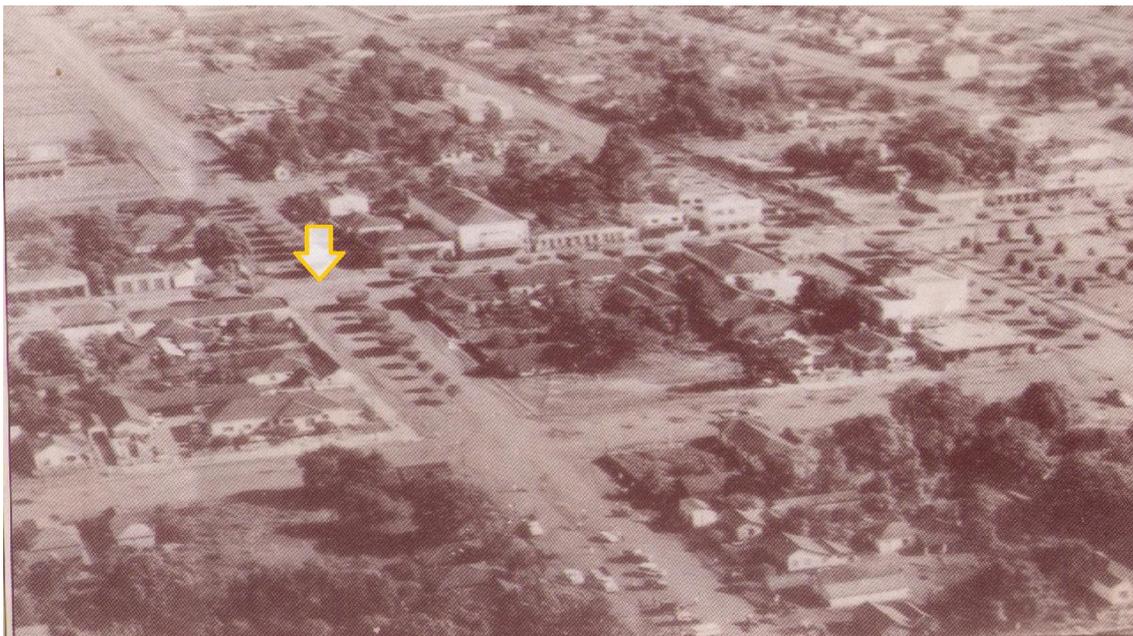
---

<sup>25</sup> Marcelino Pires: Marcelino Pires foi um dos pioneiros que chegou ao local onde futuramente seria instalado o Município de Dourados, no início do século XX. Doou certa parte de suas terras para que pudesse ter início o povoado. (GRESSLER, 1988)

<sup>26</sup> Joaquim Teixeira Alves: um dos pioneiros que chegou à região em meados dos anos 1900.

<sup>27</sup> O marco efetivo do início do povoado, no entanto, foi estabelecido pelo pioneiro Januário Pereira de Araujo, responsável pela construção das primeiras casas do aglomerado que nascia. Assim, como explica um comentador da história local, “Januário chegou em 1909 e aqui plantou esperanças e sementes. Construiu a primeira casa de tábua, coberta de zinco, na esquina da rua Marcelino Pires com a João Rosa Goes (...). Em seguida, construiu um sobradinho, também de tábua, na outra esquina (...). Posteriormente, levantou mais três casas, totalizando, assim, cinco. As cinco primeiras sementes que deram origem à cidade. (SILVA, 2000, p. 84)

## FOTO21



Vista aérea da cidade nos anos 1960. Avenida Marcelino Pires cruzamento com a Rua João Rosa Góes. Anuário da Prefeitura Municipal de Dourados, 1985.

Silva (2000) ainda relata que a estruturação desse embrião urbano seguiu um traçado prévio, que desenhou as primeiras ruas e quadras da cidade de Dourados, definiu certa ordem e passou a orientar o processo posterior de crescimento.

O autor também relata o primeiro levantamento da área doada por Marcelino Pires para o patrimônio e que a partir desse levantamento de dados foi feita uma planta, um plano urbano embora limitado. O plano se restringia à Avenida Marcelino Pires, que foi medida em quarteirões de 100 x 100 metros e a largura de 40 metros permanece até hoje.

As outras ruas tiveram medidas menores - 30 metros - abertas posteriormente como, por exemplo, a Rio Grande do Sul, atual Avenida Weimar Gonçalves Torres, que era apenas uma trilha na mata. *Desde a Rua Cuiabá, já tinha. Da Cuiabá pra cá só. E pra cima só até a Weimar. Pra cima da Weimar era só chácara e mato.*<sup>28</sup>

Conforme aponta Silva (2000), nesse início do povoado não havia necessidade de intermediação financeira para se ter acesso à terra, *os novos moradores chegavam e se apossavam dos terrenos vagos onde desejavam erguer suas moradias.* (p. 85)

---

<sup>28</sup>Trecho da entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos, 88 anos, aposentado, morador da área central de Dourados.

A partir do Decreto Estadual nº 658 de 15/06/1914, o município de Ponta Porã passa a administrar as terras do patrimônio de Dourados, mas devido à distância e à falta de comunicação e transporte da época, não havia controle estatal no que tange à ocupação do solo do distrito. Silva ainda aponta que só em 1924 é que, efetivamente, inicia-se, por parte do poder público, um controle no processo de ocupação dos terrenos. A Resolução nº 165 desse ano dava ao poder executivo de Ponta Porã autorização para conceder títulos de aforamento perpétuo dos lotes urbanos e chácaras.

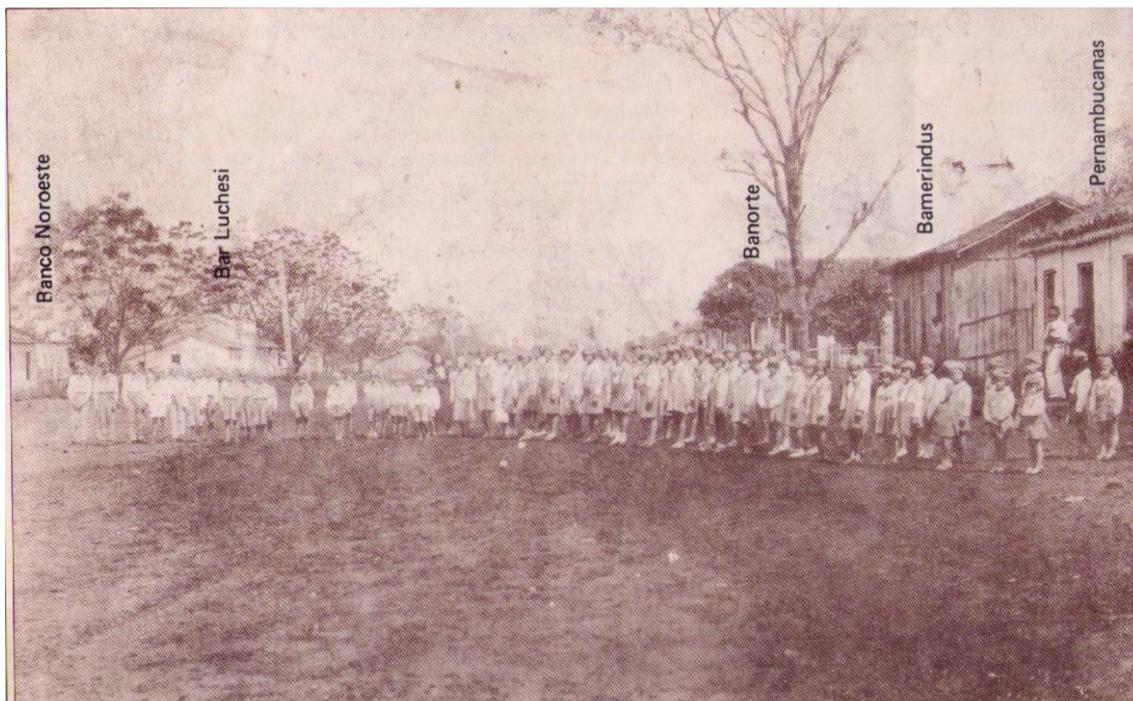
O Patrimônio ainda tinha aquele esboço inicial, elaborado na época de sua formação e, até o início dos anos 1930, permaneceu dessa maneira. O poder público não intervinha no processo de ocupação e os lotes iam tendo a configuração que cada ocupante dava.

Outra planta do Patrimônio só foi feita em 1934, pelo agrimensor Theodoro S. Mello. Nessa planta a área do povoado era composta, além do núcleo, pelas chácaras que o circundavam. De acordo com Silva (2000), é a partir dessa planta que teve efetivamente início o controle da distribuição de lotes pelo poder público municipal.

Essa planta do patrimônio é reveladora das reduzidas dimensões do povoado por essa época. Esse porte acanhado de Dourados era, todavia, o reflexo da precariedade econômica do meio rural que o envolvia: em outras palavras, a pequena aglomeração era um produto da economia rural e o ritmo de sua expansão dependia essencialmente dos influxos provenientes do campo. Suas possibilidades de crescimento nessa etapa estavam limitadas pelo reduzido dinamismo e escassos estímulos provenientes das duas principais atividades econômicas regionais: a pecuária extensiva e o extrativismo da erva-mate. (SILVA, 2000, p. 87)

A imagem que segue retrata a Avenida Marcelino Pires esquina com a Rua Presidente Vargas nos anos 1930. Podemos perceber que não havia pavimentação e as edificações eram de madeira.

## FOTO 22



Avenida Marcelino Pires cruzamento com a Rua Presidente Vargas em 1935. Anuário da Prefeitura Municipal de Dourados (1985)

A foto acima data de 1935, porém foi utilizada no anuário da prefeitura de Dourados no ano 1985, por este motivo, vê-se a indicação de estabelecimentos que ali estavam neste ano.

Conforme já relatado anteriormente, eram precários os meios de transporte e comunicações, haja vista as distâncias das regiões mais dinâmicas, como também dos centros urbanos do País. Percebemos pela Imagem que a principal rua da cidade não possuía qualquer infraestrutura.

Silva (2000) aponta:

Até os primeiros meados da década de 20, o pequeno aglomerado não dispunha sequer de uma estrada regular que o integrasse com os centros urbanos mais próximos (Ponta Porã, Entre Rios – atual Rio Brillante – Aquidauana, Campo Grande, etc). A ligação com essas cidades vizinhas eram realizada por precárias trilhas entre a mata. Conforme esclarece uma pioneira da época, ‘a picada do Bocajá era a saída para Rio Brillante, ela começava onde hoje é a loja Centauro (esquina da Marcelino Pires com a Nelson de Araujo), por ali começava a mata, tinha como se fosse um túnel, aquela boca, você entrava, caminhava 100 metros, não enxergava mais o sol porque o mato fechava, as copas

das árvores cobriam o sol, você viajava escuro na mata, um cavaleiro atrás do outro, até a barranca do rio Brilhante, lá na barranca do rio Brilhante passava de balsa, e do rio até a cidade (Entre Rios) não tinha mais mata, era só o cerrado. Essa trilha era bem estreitinha, não passava carreta, só passava a cavalo, e quando chovia o mato vinha vindo pelo meio da estrada e a gente tinha que cortar, levar um facão, um machete'<sup>29</sup>(p. 90)

Gradativamente vão se desenvolvendo alguns trabalhos para a melhoria dos transportes e comunicações. Em 1921 houve a extensão da linha telegráfica de Campo Grande a Ponta Porã, passando por Dourados, e em 1923, assim como o telégrafo, chegou também a estrada. Em 1935, Dourados foi elevado à categoria de município, sem maiores alterações em seu tamanho e configurações. Em 1940, havia no município 14.985 habitantes, distribuídos, de acordo com Silva (2000):

em uma extensa área de 19.688 km<sup>2</sup> o que configurava uma reduzidíssima densidade demográfica de 0,7 habitantes por km<sup>2</sup>. Por outro lado, a nova cidade reunia em sua sede municipal apenas 1.821 habitantes. [...]. Dourados desempenhava o modesto papel de pequeno centro de abastecimento local que redistribuía bens de consumo que não podiam ser elaborados localmente para uma população predominantemente rurícola e rarefeita. A nova cidade caracterizava-se pela carência dos equipamentos urbanos mais elementares (luz elétrica, água encanada, pavimentação, etc.), constituindo um ajuntamento de casas singelas (de madeira) em meio a um arruamento restrito e precário – com ruas empoeiradas na seca e enlameadas no período das chuvas. (p. 92 e 93)

De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o total populacional, até a década de 1940, era de 14.985, sendo que a zona rural contava com mais de 90% da população (13.164 habitantes).

---

<sup>29</sup> Trecho de entrevista realizada por SILVA (2000, p. 90) com Ercília de Oliveira Pompeu em 17/11/1997.

Vale destacar que na década de 1930, a Marcha para Oeste<sup>30</sup> é instituída como política no governo de Getúlio Vargas, política esta que estabelecia, via Constituição, a pequena propriedade e a proibição de arrendamentos de grandes áreas de fronteira.

A partir desta política adotada pelo governo, Dourados passa, no início dos anos 1940, por mudanças. Conforme aponta Silva, redefiniu-se o *papel de Dourados que ascendeu de pequeno centro de abastecimento local para polo embrionário do cone sul do Estado* (p. 93). A imagem que segue retrata um trecho da Avenida Marcelino Pires na década de 1940.

### FOTO 23



Avenida Marcelino Pires, década de 1940. MOREIRA (1990).

Na imagem percebemos algumas mudanças na avenida, como, por exemplo, o canteiro central, com algumas árvores e edificações de alvenaria.

Também vale ressaltar que em 1943 foi implantada a CAND – Colônia Agrícola Nacional de Dourados<sup>31</sup>, uma das intervenções federais impetrada pelo Estado Novo para “povoar” o oeste brasileiro. Conforme aponta Silva (2000), os projetos de

---

<sup>30</sup> Marcha para o Oeste: política de governo adotada por Getúlio Vargas no período do Estado Novo (1937 a 1945), que tinha como objetivo ocupar econômica e demograficamente as áreas ou escassamente povoadas situadas no interior do território brasileiro.

<sup>31</sup> Em Dourados criou-se a Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND em 28 de outubro de 1943, instalada em janeiro de 1944. Após a instalação da CAND vieram migrantes brasileiros do Sudeste e principalmente Nordeste e imigrantes estrangeiros, como árabes e japoneses.

colonização pública foram o principal instrumento para a implementação da Marcha para o Oeste. A CAND foi a iniciativa estatal que maior impacto produziu na trajetória de Dourados e região. De pequeno posto de abastecimento de local de passagem, com inexpressiva produção pecuária e extração ervateira com caráter apenas exploratório, a cidade passou a ser o principal polo de produção agrícola do Estado. Além de atrair fluxo de pequenos produtores, a CAND também contribuiu para o aumento populacional, propiciando a fixação de um contingente demográfico de mais de 35.000 habitantes. Nas palavras do autor:

Durante a década de 50, período áureo da CAND, Dourados apresentou o ritmo mais intenso de crescimento demográfico entre os diversos municípios que compunham o território do antigo Mato Grosso uno, alcançando uma taxa geométrica de crescimento demográfico de 13,5% a/a. Nesse período sua população absoluta quase quadruplicou ao evoluir de 22.834 habitantes em 1950 para 84.955 habitantes em 1960. (p. 102)

Acerca desse momento, um entrevistado relata que:

*A gente viu que a cidade foi crescendo, de repente eu tinha mais vizinhos, e os vizinhos, mais vizinhos. Num dia tinha meia dúzia de criança brincando na rua, no outro dia já tinha uma dúzia. A gente achava tudo muito bom, chegavam mais pessoas pra ajudar na construção da cidade, da igreja, do comércio, da praça, de tudo. Na minha casa, por exemplo, veio gente pra morar que antes morava na roça: uma irmã solteira e outra casada, que veio com o marido e os três filhos.<sup>32</sup>*

Ernandes (2009) descreve esse momento:

A cidade passava por um clima de agitação. Migrantes chegavam a todo o momento, lotes eram demarcados e entregues aos colonos, a produção agrícola se

---

<sup>32</sup> Trecho de entrevista realizada em maio/2011 com o Sr. Felipe Menezes, 65 anos, comerciante, morador da área central de Dourados.

intensificava e estradas foram construídas para facilitar o acesso e dinamizar a circulação de pessoas e mercadorias. O ramal ferroviário da Noroeste do Brasil chegou em Itaum a sessenta quilômetros de Dourados. Caminhões e vagões faziam o escoamento da produção, e no caminho inverso traziam consigo pessoas e mercadorias. (p. 60)

Analisando a imagem que segue, também da Avenida Marcelino Pires, constatamos a presença de mais edificações de alvenaria e charretes. As pessoas se reuniam nas ruas para conversar, podemos perceber a movimentação de várias pessoas na avenida. Conforme relatos de entrevistados, era nas ruas que as pessoas conversavam, a rua era o lugar do encontro.

#### FOTO 24



Avenida Marcelino Pires, meados dos anos 1950. MOREIRA (1990).

A cidade foi expandindo seu contingente populacional como também ampliando outros serviços elementares, como por exemplo, hospital (Hospital Evangélico), escola, máquinas de beneficiamento de produtos agrícolas, dentre outros serviços. Conforme observa Silva (2000):

A cidade começou a concentrar diversos comerciantes e proprietários de máquinas de beneficiamento de produtos agrícolas [...]. Simultaneamente a cidade começou a se equipar com serviços elementares, porém de existência ainda rarefeita na região: Na segunda metade dos anos 40, foi construído o primeiro hospital. Em 1948, a cidade passou a contar com jornal. Em 1949, foi instalada a primeira unidade de geração de energia elétrica do município (usina Filinto Muller). Em 1952, foi inaugurada a primeira agência bancária: o Banco Nacional do Comércio e Produção S/A. Nesse mesmo período, a cidade foi dotada ainda de emissora de rádio, aeroporto e ensino ginásial. (p. 105)

Assim, também aumentava os interesses pelo solo urbano. A atuação especulativa de agentes imobiliários fez com que houvesse uma rápida subida de preços dos lotes urbanos. Deste fato, verificaram-se consequências, quais sejam: mudança na forma de acesso à terra urbana, que antes se dava conforme a política de aforamento/concessão de terras e passa a ser mercantilizada. De acordo com Silva (2000) a cidade passa a experimentar uma nova modalidade de expansão urbana. Anteriormente a expansão territorial se dava por abertura de ruas isoladas e já a partir dessa nova etapa, a expansão acelera-se e o arruamento passa a ser processado pelo sistema de malha urbana – conjunto articulado de ruas – implantado por meio dos loteamentos.

Essa expansão da propriedade privada do solo urbano de Dourados e a constante “valorização” dos lotes, fez com que os proprietários de chácaras no entorno da cidade se interessassem em lotear.

Calixto (2008) observa que:

A partir do início dos anos 1950, os proprietários de chácaras, principalmente as localizadas próximo ao núcleo urbano, desmembraram suas propriedades em lotes, inserindo-se no ramo da transação imobiliária. A atuação desses agentes loteadores fez com que, na década de 1950, ocorresse a implantação de 49 loteamentos aprovados pela Prefeitura Municipal. (p. 23)

Com este incentivo aos loteamentos cria-se uma nova dinâmica de parcelamento do solo. Um grande número de lotes era vendido fora da cidade e, então, boa parte do que é hoje o centro da cidade pertencia a pessoas que não eram de Dourados. Como

parte dos lotes era vendida para pessoas de outras localidades, aumentou-se o número de lotes vazios. Esses proprietários não ocupavam a propriedade adquirida, compravam para investir, aguardar “valorização”. Em decorrência dos “vazios” urbanos, também existia a invasão desses terrenos. Silva (2000) também aponta para o fato de que muitos não respeitavam a continuidade do arruamento em tabuleiro de xadrez, estabelecido no projeto original da cidade, *distorcendo esse traçado e criando sérias discontinuidades nas vias de circulação*. (p. 118)

Em 1951 o poder público institui a Comissão de Urbanização de Dourados<sup>33</sup>, para conter os problemas decorrentes dos loteamentos inadequados.

Calixto (2008) observa que:

Na década de 1950, a prática especulativa e os vazios urbanos dela decorrentes geraram insatisfação na comunidade local, que começou a pressionar as autoridades para que fossem tomadas providências, evitando-se, ao menos temporariamente, a aprovação de novos loteamentos. A primeira iniciativa do poder público municipal nesse sentido data de 1951, com a criação da Comissão de Urbanização de Dourados, que visava verificar as plantas dos loteamentos e observar o cumprimento da continuidade do arruamento. No entanto, essa Comissão era composta por pessoas leigas, que não tinham critérios para analisar os projetos de loteamentos, pouco influenciando na promoção de melhorias. (p. 24)

A imagem que segue retrata outro momento da Avenida Marcelino Pires, também nos anos 1950, em que já percebemos canteiros centrais e meio fio.

---

<sup>33</sup> O trabalho da Comissão consistia basicamente em examinar as plantas dos novos loteamentos para certificar-se se os mesmos respeitavam a continuidade do arruamento já existente, além de checar também a procedência e legalidade da documentação apresentada. (SILVA, 2000, p. 120).

## FOTO 25



Avenida Marcelino Pires, final da década de 1950. MOREIRA (1990).

Em 1960, foi aprovada a Lei nº 266, que era mais uma tentativa de “disciplinar” o parcelamento do solo urbano. A lei previa que os loteamentos só seriam devidamente registrados caso tivessem sido demarcados conforme a Seção de Engenharia da Prefeitura estabelecia. Deveriam, ainda, implantar o arruamento do loteamento e apresentar planta assinada por profissional habilitado do CREA.

Outra Lei aprovada, no mesmo intuito de disciplinar os loteamentos, foi a nº 476 de 1965, que estabeleceu os primeiros Código de Posturas e Código de Obras do Município. Mesmo com essas iniciativas tomadas pelo poder público municipal, os loteamentos continuaram a se expandir de maneira desordenada. Silva (2000):

Esse processo de expansão desordenada da cidade que teve início a partir dos anos 50, nada mais foi do que o sub produto da crescente presença de interesses do capital que, a partir do período mencionado, paulatinamente passaram a assumir o controle da produção do espaço urbano local. Nesse contexto, a introdução da propriedade privada do solo urbano, a mercantilização da terra e a crescente especulação que a acompanhou surgem como marcos sinalizadores da nova lógica que passou a assumir o controle da expansão urbana em Dourados. (p. 129)

Apesar do ritmo de expansão, a cidade carecia de serviços, ou eram insatisfatórios. Até meados dos anos 1960 as ruas do centro não dispunham sequer de

pavimentação asfáltica, como também não havia sistema de escoamento das águas pluviais. Ainda de acordo com Silva, *essas vias eram tomadas pela lama durante a época das chuvas e sufocadas pela poeira no período seco* (2000, p. 130).

*Quando não tinha ainda asfalto e chovia, era bem complicado. Só dava pra andar direito quem tinha cavalo. A pé era impossível. Quem era charreteiro também sofria. E era ruim também quando passava muito tempo sem chover, imagina só, terra vermelha e seca, a gente comia poeira.*<sup>34</sup>

Outro serviço bastante precário era o sistema de energia elétrica, que era fornecida pela Usina Filinto Muller – instalada no início dos anos 1940 – mas que fornecia de maneira incerta e restrita em poucas horas diárias. A usina era movida a lenha e era administrada pela Prefeitura.

De acordo com uma entrevistada<sup>35</sup>, que morou na própria Usina, em meados dos anos 1960, era difícil “*acertar os dias em que a Usina ia fornecer energia pela manhã ou no período da tarde*”. Seu esposo trabalhava na Usina e eles moraram lá por alguns anos. Disse ainda que, mesmo com a precariedade no fornecimento de energia, “*era o que tinham na cidade e as reclamações existiam, até mesmo porque havia momentos em que a aparelhagem quebrava e a cidade ficava tempos sem energia*”.

A população reivindicava seus direitos, conforme aponta Ernandes (2009):

O cotidiano da cidade refletia o desenvolvimento pelo qual ela passava. Entre melhorias e novas conquistas, a administração municipal tinha que estar atenta aos problemas. A imprensa denunciava a interrupção no fornecimento da energia elétrica, satirizava as promessas feitas pelo governo municipal de uma torre de sinal de televisão e reivindicava o tapamento dos buracos nas ruas. (p. 68).

Na Tabela 01, observamos a evolução da população do município de Dourados.

---

<sup>34</sup>Trecho da entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos, 88 anos, aposentado, morador da área central de Dourados.

<sup>35</sup>Trecho de entrevista realizada em março/2012 com Marta Andrade, 67 anos, cozinheira, natural de Dourados-MS.

**Tabela 01**  
**Dourados (1940 – 2010)**  
**Evolução da população do município**

<b>Ano</b>	<b>População Nº de habitantes</b>	<b>Urbana % sobre o total</b>	<b>População Nº de habitantes</b>	<b>Rural % sobre o total</b>	<b>Total</b>
<b>1940</b>	<b>1.821</b>	<b>12,15</b>	<b>13.164</b>	<b>87,85</b>	<b>14.985</b>
<b>1950</b>	<b>4.730</b>	<b>20,72</b>	<b>18.104</b>	<b>79,28</b>	<b>22.834</b>
<b>1960</b>	<b>16.468</b>	<b>19,38</b>	<b>68.483</b>	<b>80,62</b>	<b>84.955</b>
<b>1970</b>	<b>31.599</b>	<b>39,90</b>	<b>47.587</b>	<b>60,61</b>	<b>79.186</b>
<b>1980</b>	<b>84.849</b>	<b>79,67</b>	<b>21.644</b>	<b>20,33</b>	<b>106.493</b>
<b>1991</b>	<b>122.856</b>	<b>90,36</b>	<b>13.128</b>	<b>9,64</b>	<b>135.984</b>
<b>1996</b>	<b>139.695</b>	<b>91,20</b>	<b>13.496</b>	<b>8,80</b>	<b>153.191</b>
<b>2000</b>	<b>149.679</b>	<b>90,90</b>	<b>14.995</b>	<b>9,10</b>	<b>164.674</b>
<b>2010</b>	<b>181.086</b>	<b>92,36</b>	<b>14.982</b>	<b>7,64</b>	<b>196.068</b>

*Fonte:* FIBGE – Censo Demográfico de Mato Grosso – 1940, 1950, 1960 e 1970. FIBGE – Censo Demográfico de Mato Grosso do Sul – 1980, 1991, 1996 e 2000. IBGE – Resultados do Censo 2010. *In:* CALIXTO, 2008, p. 26. Adaptado e atualizado por YAMASHITA, A.C., 2011.

Notamos que houve um processo de ampliação do contingente populacional de 1950 a 1960. Em meados dos anos 1960, a cidade não possuía nenhum serviço de saneamento ou fornecimento de água tratada; bem como inexistia sistema de drenagem das águas pluviais. Tudo isto, adicionado ao fato do aumento do contingente populacional na cidade, configurava um quadro complexo.

## 2.1–Os anos 1970 e o processo de redefinição socioespacial de Dourados

A partir da década de 1970 inicia-se um processo de importantes transformações na cidade de Dourados. De acordo com Silva (2000) tais dinâmicas tangem

não apenas ao fornecimento dos equipamentos urbanos, mas a cidade em seu conjunto e o cone sul do Mato Grosso do Sul passarão por profundas transformações demarcadoras de uma nova etapa do desenvolvimento urbano-regional. (p. 135)

Essa etapa foi marcada pela chegada dos complexos agroindustriais (com suas lavouras tecnificadas) e pelas intervenções do Estado federal desenvolvimentista, intensificando o processo de redefinição do espaço urbano de Dourados.

As imagens que seguem revelam dois momentos do cruzamento da Avenida Marcelino Pires com a Rua João Rosa Góes. Na **Foto 26** podemos perceber alguns veículos estacionados nos dois lados de cada via da avenida, ainda sem pavimentação. As árvores que aparecem no canteiro central eram, de acordo com a Engenheira da Prefeitura Municipal<sup>36</sup>, figueiras. O maior prédio que aparece do lado esquerdo era o Cine Ouro Verde, um dos principais pontos de encontro dos habitantes da cidade.

*Íamos ao Cine Ouro Verde, que ficava onde hoje é o Magazine Luiza, e que também foi a Brasimac. Era o que a gente tinha pra fazer, e a gente gostava. Aos sábados era cheio de gente, e aos domingos também, nas matinês, quando criança a gente só podia assistir matinê.<sup>37</sup>*

Já na **Foto 27** passamos a apreender uma nova configuração nas ruas do centro da cidade. Percebemos nitidamente as transformações ocorridas: a cidade passa a contar com pavimentação asfáltica, comum número maior de veículos e de prédios. Notamos também que as árvores (figueiras) foram derrubadas e os canteiros centrais passam a ter um novo redimensionamento.

---

<sup>36</sup> Informação coletada em entrevista em março/2012 com a Sra. Rosilene Ferreira – engenheira agrônoma da Prefeitura Municipal de Dourados.

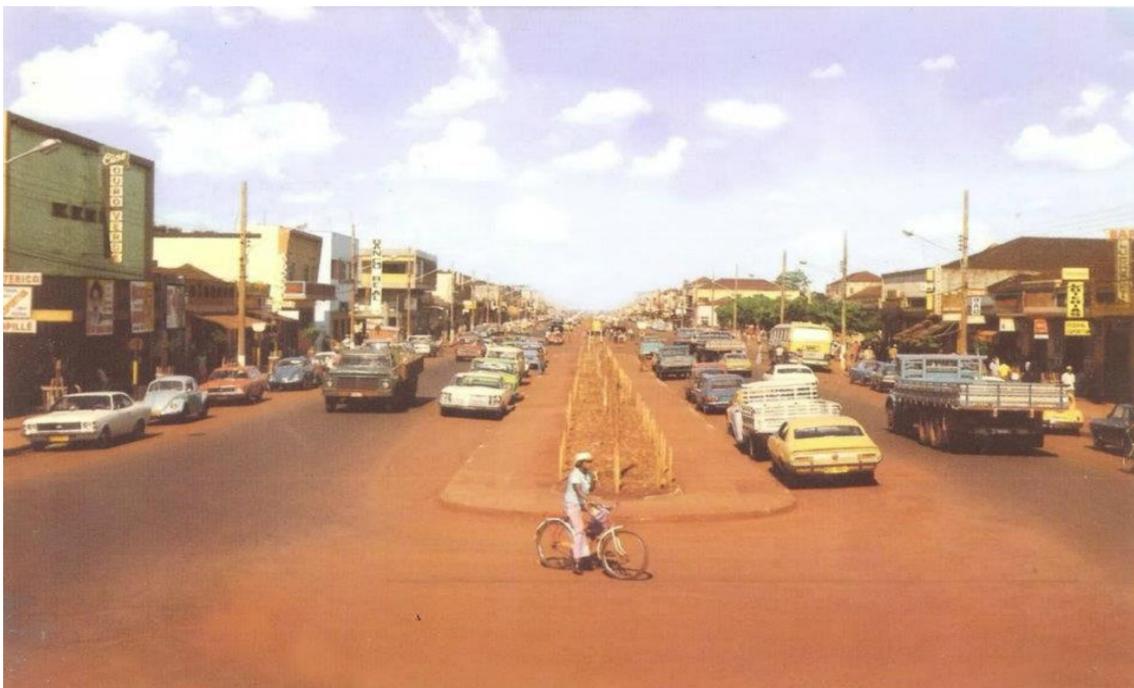
<sup>37</sup> Trecho da entrevista realizada em julho/2011 com Maria de Nazaré, 74 anos, aposentada, moradora da área central de Dourados.

### FOTO 26



Avenida Marcelino Pires cruzamento com a Rua João Rosa Góes nos anos 1960. MOREIRA (1990).

### FOTO 27



Avenida Marcelino Pires cruzamento com a Rua João Rosa Góes nos anos 1970. Foto disponível em <http://www.opalass.com.br>.

Especialmente a partir dos meados dos anos 1960 e início dos anos 1970, o centro da cidade se redefine. De maneira mais tímida no primeiro período descrito, evidenciando um crescente processo no segundo. Esses momentos são considerados

como uma nova etapa no processo de desenvolvimento regional e no crescimento territorial urbano, o que acontece a partir da chegada das lavouras tecnificadas integradas ao interesse do setor agroindustrial.<sup>38</sup>

Calixto (2004) observa:

A partir da década de 1970, em razão da introdução de um sistema agrícola ligado a um padrão de modernização agroindustrial, o quadro de transformações vivenciado pela região de Dourados, cidade situada na porção sul de Mato Grosso do Sul, começou a se tornar complexo, agregando a si e desenvolvendo novas formas e condições de desencadeamento do processo de produção, apropriação e consumo do espaço urbano. (p. 21)

Na imagem 28 vislumbramos cidade muito diferente do que se via nas imagens anteriores: a Igreja Catedral Imaculada Conceição, ruas asfaltadas, prédios maiores, veículos e postes de iluminação pública. Ao fundo podemos notar ainda a ausência de construções, porém já havia definido o traçado das ruas.

---

<sup>38</sup>“A expansão desse sistema agrícola vinculado aos interesses agroindustriais, nesta porção austral do Mato Grosso do Sul, foi o resultado da convergência simultânea de três processos desencadeados a partir do final dos anos 60: o esgotamento da fronteira agrícola no Rio Grande do Sul; a expansão vigorosa do mercado internacional da soja; e as políticas do Estado desenvolvimentista de incentivo à expansão da agricultura capitalizada para exportação, com forte incidência na região em tela”. (SILVA, 2000, p. 233)

## FOTO28



Vista aérea da Avenida Marcelino Pires em meados dos anos 1970. Autor desconhecido.

O intervencionismo do poder público federal nessas instâncias econômicas no Estado de Mato Grosso do Sul, especialmente na região de Dourados teve prosseguimento com a criação de vários programas de desenvolvimento, tais como: Programa do Boi Gordo<sup>39</sup>, PRODOESTE<sup>40</sup>, PLADESCO<sup>41</sup>, PRODEGRAN<sup>42</sup>.

Certamente que todas essas mudanças no setor iriam traçar modificações no ambiente geral do campo, que até então era o da pequena produção familiar, que passa a ter dificuldades de adaptação à nova maneira de produzir. No novo processo, que ora se colocava, era necessário um alto nível de capitalização e conseqüentemente, certo poder financeiro. De acordo com Silva (2000), nesse contexto, dominado pelos interesses

---

<sup>39</sup> Programa Boi Gordo: implantado a partir de 1967 que consistia na liberação de financiamento com o objetivo de promover a pecuária;

<sup>40</sup> PRODOESTE: (Programa de Desenvolvimento do Centro-Oeste) – de 1971, que impulsionava ações para a ampliação e melhoria da rede de estradas, financiamento para a construção de plantas agroindustriais e a implantação de um conjunto de silos e armazéns;

<sup>41</sup> PLADESCO: (Programa de Desenvolvimento Econômico e Social do Centro-Oeste) – de 1973, que previa a ampliação da ação estatal na região, promovendo não apenas a pecuária como também as lavouras mecanizadas de soja e trigo;

<sup>42</sup> PRODEGRAN: (Programa de Desenvolvimento da Grande Dourados) – de 1976, com o objetivo central de incorporar 700.000 ha. de lavouras ao sistema agrícola regional.

agroindustriais, ocorreu a desarticulação e recuo da pequena produção familiar simultaneamente à expansão dos estabelecimentos mecanizados de médio e grande porte. Houve uma redefinição da estrutura agrária e em 15 anos – de 1970 a 1985 – ocorreu uma brusca diminuição das propriedades pequenas, aquelas que se utilizavam de mão de obra familiar. Esse contingente populacional migrou para os centros urbanos mais próximos, boa parte para a cidade de Dourados.

*Vim pra cá em 71, quando meu pai vendeu nosso sítio. Ele dizia que não estava mais dando certo e então viemos. Meus irmãos gostavam de morar na roça, eu também gostava, mas minha mãe, pra consolar, falava que na cidade ia ser melhor, que íamos poder estudar e trabalhar. Moramos numa casa próximo da rua da feira. Acho que nem existe mais. Na verdade a gente gostou de vir morar aqui, estava todo mundo vindo pra cidade.*<sup>43</sup>

ParaSilva (2000):

a ação simultânea da tecnificação da agricultura e do desmantelamento da pequena produção dos colonos funcionou como importante combustível que alimentou a intensificação do crescimento urbano de Dourados. No entanto, a aceleração do processo de urbanização de Dourados foi, em boa medida também, o resultado da crescente concentração de investimentos federais, a partir de 1970, no espaço urbano, que, ao favorecer o acúmulo de oportunidades de emprego na cidade, tornou-a ponto de atração para os contingentes demográficos recém-deslocados do campo. (p. 236)

De 1970 a 1980, o contingente da população, que era rural, inverte-se. Em 1970, a população urbana tinha um percentual de 39,9% e a rural 60,1%. Já no decorrer de dez anos, ocorreu o contrário, em 1980 a população urbana passa a ser de 79,6% do total, e a rural de 20,4%.

Além da inversão demográfica, ocorreu também a consolidação da cidade de Dourados como o principal centro urbano da economia regional, *atraindo e*

---

<sup>43</sup> Trecho de entrevista realizada em novembro/2011 com Magali Menezes, dona de casa, 58 anos, residente em Dourados-MS desde 1971.

*centralizando os principais benefícios da expansão econômica em curso. (SILVA, 2000, p. 237)*

O centro urbano passa a receber investimentos e equipamentos. Esses investimentos, por sua vez, eram da esfera federal e estadual<sup>44</sup>, uma vez que o Município não tinha estrutura para arcar com tantas transformações no processo de expansão urbana. Até início da década de 1970, os principais serviços como saneamento e energia eram responsabilidades do poder público municipal, porém, a partir dessa época, passa-se à esfera estadual e federal. Mais transformações/inoações são observadas na imagem que segue, por exemplo, os semáforos, maior quantidade de veículos, faixas de pedestres, dentre outros.

### FOTO 29



Avenida Marcelino Pires, década de 1980. Anuário da Prefeitura Municipal de Dourados (1985).

Em 1970 a distribuição de energia elétrica passa a ser da Companhia Elétrica do Mato Grosso – CEMAT; em 1972, os serviços de água e esgoto passaram para a

---

<sup>44</sup> O processo de crescimento da demanda, paralelamente à impossibilidade da Prefeitura de financiar a ampliação e mesma a manutenção adequada desses equipamentos, determinou sua integração às grandes redes desses serviços pertencentes aos sistemas federais e estaduais que se encontravam em expansão nesse período. (SILVA, 2000, p. 240)

Companhia de Saneamento do Estado do Mato Grosso – SANEMAT e em 1975, a telefonia transferiu-se de uma empresa privada para a Telecomunicações do Mato Grosso – TELEMAT.

Além desses serviços que passaram para a administração dos governos federal e estadual, a implantação e ampliação de infraestrutura e serviços urbanos também passaram pelo mesmo processo, ou seja, pavimentação, drenagem pluvial, habitação social, áreas de lazer, educação, saúde, dentre outros.

Vale destacar que em 1978, foi implantado na cidade o Projeto CURA (Comunidade Urbana para a Recuperação Acelerada), que destacou-se por ser um instrumento de financiamento de equipamentos urbanos mais sistemático que os outros. Era necessário um planejamento para o crescimento territorial urbano. Era um novo contexto de mudanças. Nesse sentido, foi contratado, para a elaboração de um Plano de Complementação Urbana de Dourados, o escritório do arquiteto Jaime Lerner – Jaime Lerner Planejamento Urbano.

O Plano de Complementação Urbana trazia uma proposta para a nova estrutura das ruas do centro da cidade<sup>45</sup>:

Para Silva (2000), o Projeto CURA foi o marco decisivo no planejamento de Dourados, impondo uma nova racionalidade. A cidade passa a ser dividida em zonas destinadas a cumprir papéis específicos. Nas palavras do autor, esse planejamento impôs

---

<sup>45</sup>- Consolidar como eixos estruturais, a Rua Marcelino Pires e suas paralelas, que abrigariam os usos já consagrados e que definiria um eixo linear gerador de empregos;  
- Eliminar-se-iam, todavia, atividades geradoras de tráfego de veículos pesados;  
- A área central, caracterizada por um trecho da Rua Marcelino Pires, entre as ruas João Rosa Góes e Bahia, seria equipada como o ponto de encontro mais importante da cidade, cristalizando uma tradição local;  
- As ruas Presidente Vargas e Cândido Câmara, transversais ao eixo estrutural seriam destinadas ao uso exclusivo do pedestre, equipadas e animadas, visando a estimular o encontro da população;  
- Em termos de uso do solo, seria estimulado o adensamento das duas quadras subsequentes àquelas localizadas junto ao eixo estrutural da Rua Marcelino Pires (gerador de empregos), destinando-as ao uso habitacional de média densidade, permitindo-se a construção de edificações de até 4 pavimentos, na escala do casarão;  
- A Rua Marcelino Pires, caracterizada com um eixo de serviços, teria mantida essas funções, mediante realocação de atividades não compatíveis para fora da malha urbana;  
- As ruas de lazer seriam dotadas de canaletas de acesso às moradias, ciclovias e paisagismo adequado, visando a reduzir a escala da via, destinando-a preferencialmente, ao uso do pedestre.

um zoneamento rígido, separando não apenas a cidade em setores com distintos usos do solo, mas também definindo os níveis de densidade de ocupação satisfatórios para cada um destes setores. (p. 267)

Há também que destacar a atuação do Banco Nacional de Habitação – BNH, que também tem seu papel nesse quadro geral de redefinição do espaço urbano. Com as modificações ocorridas na cidade, seja pela nova sistemática da produção agrícola, seja pela dinamização de atividades e serviços, necessitou-se de mão de obra qualificada, visando atender às novas demandas.

Conforme aponta Calixto (2004):

Nesse contexto, o conjunto habitacional colocou-se como alternativa de acesso à moradia, sobretudo por dois motivos, um de caráter mais geral e o outro mais específico. Primeiro em virtude dos preços mais baixos permitidos pelo financiamento público, via SFH. O outro motivo foi o fato de que nos anos 70, o estoque de moradia em Dourados era não apenas insuficiente como também insatisfatório, para atender às necessidades habitacionais dos novos segmentos sócio-profissionais, pois, naquele momento, parcela significativa das habitações existentes eram edificadas em madeira. Assim, os financiamentos permitidos pelo SFH, via BNH, possibilitaram a construção de um número considerável de casas de alvenaria na cidade. (p. 135)

Ainda para a autora:

A atuação do BNH via implantação de unidades residenciais, impulsionou também a dinamização de instituições envolvidas no ramo da comercialização imobiliária, como: corretoras, empresas construtoras, incorporadores, investidores, proprietários fundiários, dentre outras, caracterizando uma complexa rede de relações entre os diferentes agentes envolvidos no processo de produção, apropriação e uso do espaço urbano (2008, p. 29)

Em 1973 inicia-se uma nova fase no processo de redefinição do espaço urbano. A verticalização, com o lançamento do primeiro edifício da cidade – Condomínio Eldorado, com sete pavimentos. Em 1976 é lançado o Condomínio Adelina Rigotti com

onze pavimentos. Esse processo de verticalização, porém, viu-se interrompido provisoriamente pelo advento da Lei nº 1.040 de 1979 que regulamentava o zoneamento do uso do solo e sistema viário do Município (a partir do projeto desenvolvido pela equipe do arquiteto Jaime Lerner). A lei acima referida restringia o limite de seis pavimentos para os prédios novos.

A lei foi modificada em 1985, elevando-se a altura máxima permitida dos edifícios para doze andares.

Para Silva (2000), a atuação dos agentes imobiliários foi primordial para a reestruturação socioespacial da cidade.

o espaço urbano sofreu uma importante reestruturação com base na criação de áreas e bairros cada vez mais socialmente homogêneos e territorialmente apartados. Essa segmentação não se restringiu ao espaço residencial, mas incluiu também uma idêntica segmentação do comércio e dos serviços, produzindo um modelo de cidade dividida e segregada, bem diferente daquele que viveu até os anos 60, em que os diferentes estratos sociais se encontravam misturados nos diversos quadrantes do espaço urbano. (p. 249)

As ruas do centro da cidade passam a ter novas configurações: as residências dão lugar a comércios especializados e serviços diversos. Já não mais se percebe uma área em que as crianças brincam nas ruas, mas sim o movimento contínuo de veículos e pessoas indo ao trabalho, à escola, ou apenas de passagem.

A partir dos anos 1980 o modelo nacional desenvolvimentista brasileiro entra em colapso. O esgotamento desse modelo de desenvolvimento *levou ao estrangulamento o seu correspondente padrão de urbanização que se caracterizava por ser fortemente atrelado e dependente dos financiamentos do planejamento e da regulação estatal de nível federal* (SILVA, 2000, p. 250).

Calixto (2000) observa que:

já no final da década de 1980, iniciou-se a recriação dos mecanismos capitalistas de acumulação no estado de Mato Grosso do Sul, apontando para um processo de diversificação econômica, pois a soja começou a

conhecer um período desfavorável no mercado externo.  
(p. 70)

A partir dos anos 1990, inicia-se um processo de diversificação econômica, propiciado, em parte, pela reestruturação elaborada no estágio anterior – tecnização das lavouras. A fluidez implantada com as novas infraestruturas desse período propiciou a mobilidade do capital, especialmente pelos mecanismos de circulação e comunicação instalados na cidade.

De acordo com Calixto (2000), essa diversificação econômica gerou, sobretudo, novas relações de trabalho e de produção recriadas pelo capital, *visando novas formas de acumulação por meio da incorporação de um novo conteúdo técnico ao espaço regional*. (p. 70 e 71)

A partir da década de 1990 a cidade passa a experimentar um novo padrão de crescimento. As agências estatais que até essa década vinham financiando a reestruturação da cidade entram em crise, devido o colapso do Estado desenvolvimentista.

Para Silva (2000), a desmobilização das principais agências estatais de abastecimento dos equipamentos urbanos, *que forneceram as bases de sustentação para a expansão de Dourados até a década passada, deu-se de três formas distintas*. (p. 257). Essas formas dizem respeito à desativação de instituições, como é o caso do BNH; a crescente utilização da privatização de serviços urbanos que eram de responsabilidade de agências estatais e passam às mãos de empresas privadas – ENERSUL em 1997 e TELEMS em 1999 –; e a adoção da gestão compartilhada pelos governo municipal e estadual da empresa SANESUL em 1999.

Percebemos, com isto, a redução do papel do Estado no que tange a administração de serviços urbanos, ocorrendo a rápida substituição por agentes privados. O Estado tem, a partir desse momento, o papel de produtor indireto do espaço urbano, passando a intervir como agente regulador, através da legislação urbanística.

Agora enfatizava-se a necessidade de tornar a cidade atrativa para os novos investimentos. De acordo com Silva (2000), *o poder público volta-se para criar dispositivos e incentivos que atraiam empreendimentos e promovam a dinamização da economia da cidade*. (p. 268)

Em 1991, através da Lei nº 1.743 foi criado o PROINTRA – Programa Indústria e Trabalho – que tinha por objetivo a implantação de pequenos núcleos industriais nos bairros mais populosos da cidade que deveriam sediar pequenas e micro unidades industriais não poluentes. O poder público criaria facilidades e incentivos fiscais aos que quisessem instalar seus empreendimentos nesses moldes.

Toda essa dinâmica redefine as formas de uso da rua.

Assim, passaremos no próximo Capítulo, a tratar das novas formas urbanas, relacionadas com os usos no decorrer do tempo, ou seja, recriaremos a trajetória espaço-temporal de Dourados, através das resignificações dos lugares no centro urbano da cidade. O que permaneceu, o que transformou, bem como as novas tendências de dinamização dos fluxos. Tentaremos esboçar, também, o que há de “resistente” nos lugares recriados pela lógica do novo, do moderno.

**CAPÍTULO 3**  
**OS NOVOS/VELHOS USOS**  
**DAS/NAS RUAS**

---

A Geografia e outras ciências tem, atualmente, feito uma reavaliação teórico-metodológica, no que tange às questões acerca do espaço urbano e da paisagem urbana. Buscam, dessa forma, romper a herança do positivismo ou da Geografia Tradicional, que procurava verdades acabadas, sem conceber a subjetividade. (FERREIRA, 2002).

Para o autor citado, importante se faz pensar na dinâmica que envolve e diversifica o espaço urbano: os fatores sociais, econômicos, culturais. Existe uma interação desses fatores, que não nos permite mais aceitar explicações e ou soluções prontas *para os problemas das cidades quando se objetiva estudar a paisagem somente como agente passivo, estático segmentado*. (FERREIRA, 2002, p. 78)

No mesmo sentido, Carlos (2001) aponta que o processo de reprodução espacial se realiza na articulação de três níveis, sendo eles: o político, o econômico e o social, que são articulados pela mediação do Estado.

Carlos (2009) ao discorrer sobre a paisagem urbana faz-nos pensar sobre o que nos cerca, quando caminhamos pelas ruas. Inicialmente visualizamos o instantâneo, o que nos é perceptível é o concreto, ou seja, as casas, os prédios, o asfalto e todos os símbolos do urbano – semáforos, placas, dentre outros. Mas se analisarmos mais detalhadamente a nossa própria memória, lembraremos que existe *o boteco da esquina, a padaria, o supermercado, a vendinha, o clube, (...), etc.* (p. 35)

Além disso, notaremos que essas construções datam de tempos diferentes. Ainda de acordo com Carlos (2009), *a dimensão de vários tempos está impregnada na paisagem da cidade*. (p. 35)

Nas ruas da área central de Dourados percebemos a existência de prédios com sua arquitetura antiga e que estão “escondidos” pelas fachadas com luzes e cores que são a nova tendência do comércio, do consumo, da modernidade. O velho e o novo convivem nessa dinâmica.

Ainda para Ferreira (2002), espaço e história estão intrinsecamente ligados, porque a acumulação de tempos se manifesta por meio da forma, *é uma linguagem da História que reflete diferentes momentos da evolução da sociedade*. (p. 80)

No mesmo sentido, Matta (1997) observa que o tempo e o espaço constroem e, ao mesmo tempo, são construídos pela sociedade dos homens. Para ele, ainda, não há sistema social que não vislumbre uma noção de tempo e de espaço.

Esse recuo no tempo nos faz perceber que cada época, cada momento histórico, a relação lugar/sujeito se redefine. De acordo com Carlos (2009):

o espaço geográfico é o produto, num dado momento, do estado da sociedade, portanto, um produto histórico; é resultado da atividade de uma série de gerações que através de seu trabalho acumulado têm agido sobre ele, modificando-o, transformando-o, humanizando-o, tornando-o um produto cada vez mais distanciado do meio natural. Suas relações com a sociedade se apresentam de forma diversa sob diferentes graus de desenvolvimento. (p. 32)

Essa dimensão histórica é importante para o entendimento da natureza da cidade – no caso em questão, de Dourados. Essa natureza não é algo definitivo, não está pronto e acabado, *pois as formas que a cidade assume ganham dinamismo ao longo do processo histórico. A cidade tem uma história.* (CARLOS, 2009, p. 57). E em cada etapa do processo histórico, a cidade assume formas, características e funções diferenciadas.

Conforme descrito anteriormente, o início do núcleo urbano de Dourados data do ano de 1909 quando houve a disputa pela posse de uma mesma gleba de terra, entre dois fazendeiros: Marcelino Pires e Joaquim Teixeira Alves. Mas, apenas em 1915, é que é efetivado o início do povoado, com construção das primeiras casas do aglomerado, por Januário Pereira de Araujo, no local onde hoje é o cruzamento da Avenida Marcelino Pires com a Rua João Rosa Góes.

As imagens que seguem demonstram as transformações ocorridas nas ruas da área central da cidade. Na época em que a fotografia foi tirada – abril/2011 – ainda não existia o semáforo que hoje há no cruzamento da Avenida Marcelino Pires com a Rua João Rosa Góes.

A implantação do semáforo mudou a forma de uso da rua, não só para os condutores de veículos, como também para os pedestres. O tráfego ficou mais rápido com a instalação do novo equipamento e também normatizou o ir e vir dos pedestres e ciclistas.

Fizemos alguns questionamentos a alguns pedestres que passavam pelo cruzamento da Avenida Marcelino Pires com a Rua Melvin Jones (onde está instalado outro semáforo). Das 50 pessoas entrevistadas, 41 aprovaram a instalação dos novos

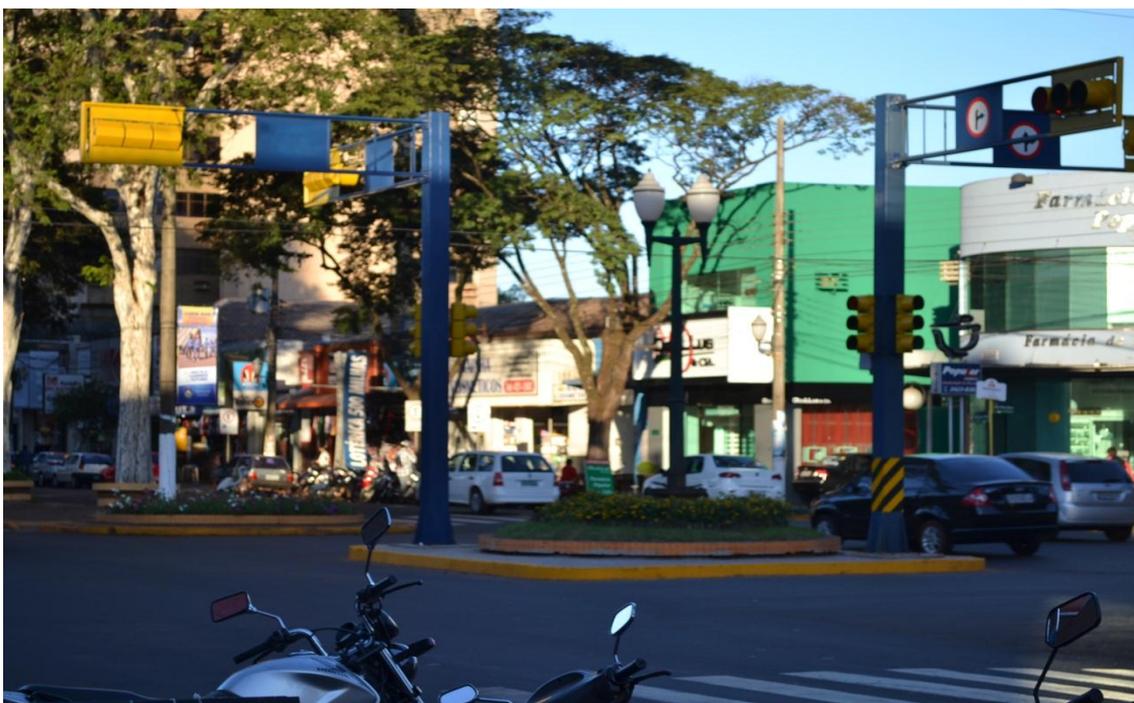
semáforos na Avenida Marcelino Pires, ou seja, 82% das pessoas questionadas são a favor da mudança. As imagens que seguem demonstram dois ângulos do cruzamento da Avenida Marcelino Pires com a Rua João Rosa Góes.

**FOTO 30**



Avenida Marcelino Pires cruzamento com a Rua João Rosa Góes. Foto: Fábio Bernobic. (2011)

**FOTO 31**



Cruzamento da Avenida Marcelino Pires com a Rua João Rosa Góes. Foto: Elaine Musculini. (2012)

Um dos entrevistados<sup>46</sup> disse que, quando a cidade era menor, o comércio e a casa eram no mesmo local, onde trabalhava a família – o marido, a esposa e os filhos. Apesar do núcleo da cidade ser caracteristicamente pequeno, existia um comércio, que, muitas vezes, se confundia com as casas. A família morava e trabalhava no mesmo local.

*Comércio na frente de casa, e só o marido a mulher e os filhos que trabalhavam nele. Tinha farmácia, bar, mercearia. Quando eu me mudei pra cidade, vim trabalhar nessa casa comercial que tinha na esquina ali.*<sup>47</sup>

Havia poucos carros, as ruas não eram asfaltadas, o meio de locomoção mais utilizado era o cavalo e a carroça. Havia uma familiaridade das pessoas com o lugar, com a vizinhança, com o cotidiano simples, porém, pitoresco. De acordo com o entrevistado<sup>48</sup>, as crianças brincavam nas ruas, as pessoas sentavam-se em frente suas casas comerciais, conheciam-se, conversavam. Havia relações de vizinhança e o lazer era comumente ir até o Clube Social de Dourados ou participar de alguma festividade da igreja. As pessoas animavam-se com o desfile do feriado de sete de setembro e com a chegada de algum circo ou teatro itinerante. Nas palavras de uma entrevistada, fica claro que Dourados tinha uma vida social bastante pacata, mas as pessoas viviam-na, esperavam-na: *“Era uma festa cada vez que tinha desfile de sete de setembro. A meninada esperava o ano todo pra colocar uma fardinha e ir desfilar. Meus meninos adoravam, e olha que nessa época nem tinha asfalto na Avenida Marcelino Pires”*.<sup>49</sup>

Esses aspectos de vivência também foi relatado por outra entrevistada<sup>50</sup>. Residente no centro da cidade desde 1950, ela diz que viu muitas mudanças na cidade, bem como nas ruas.

---

<sup>46</sup>Trecho da entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos, 88 anos, morador da área central de Dourados.

<sup>47</sup> Trecho de entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos. A esquina que o mesmo se refere é o cruzamento da Avenida Marcelino Pires com a Rua Firmino Vieira de Mattos.

<sup>48</sup> Trecho de entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos.

<sup>49</sup>Trecho de entrevista realizada em março/2012 com Marta Andrade, 67 anos, cozinheira, natural de Dourados-MS.

<sup>50</sup> Trecho de entrevista realizada em abril/2012 com Luiza Moreira, 70 anos, aposentada, moradora da área central de Dourados-MS.

*Fui vendo tudo ser construído na nossa volta. É claro que a gente achava maravilhoso ver os prédios sendo erguidos, o asfalto sendo feito, a gente gostava de saber que ia ter coisas pra fazer, pra comprar, pra ver, porque até então, a gente não tinha nada.*

Apesar de seu relato, a princípio, constatar que a cidade carecia de serviços e equipamentos urbanos, a entrevistada também observou que era um tempo diferente, em que

*qualquer coisa nos divertia, era bom sentar na frente de casa e conversar com os vizinhos, hoje quase não temos vizinhos. O centro da cidade cresceu e as coisas parecem que foram sendo expulsas daqui. Fazer o que, pagamos o preço de querermos tanto o progresso<sup>51</sup>.*

Carlos (2007) aponta que:

O ritmo da rua passa a ser determinado cada vez mais pelo ritmo dos meios de transporte, marcando a impossibilidade de antigos usos como o passo vagaroso dos elefantes, em marcha, seguidos pelos palhaços, acrobatas e malabaristas que desfilam pela cidade anunciando a chegada do circo, convidando a todos para o espetáculo de logo mais à noite. (p. 51)

Destacamos aqui a mudança do uso das/nas ruas da área central da cidade. De um momento em que havia apenas charretes e algum veículo, em que as pessoas moravam e usavam a rua para o lazer, passamos para um momento em que as ruas são tomadas pelos carros e pelo anseio da agilidade, da rapidez e da eficiência. Nas vezes que saímos a campo, muitas pessoas que abordávamos diziam que não poderiam nos dar atenção, pela falta de tempo ou porque estavam com pressa.

---

<sup>51</sup>Trecho de entrevista realizada em abril/2012 com Luiza Moreira, 70 anos, aposentada, moradora da área central de Dourados-MS.

Por muitas vezes ouvimos que “uma imagem vale mais que palavras”. É claro que não vamos reduzir a trajetória espaço-temporal da cidade de Dourados em fotografias, porém utilizamo-nos delas para perceber as transformações dos lugares, bem como a resignificação dos mesmos.

Como descreve Moreira (1990):

Pelas fotografias percebe-se claramente a organização do núcleo urbano: a igreja, a casa comercial, a pensão, o hotel são pólos organizadores deste núcleo – dando a ele a feição de cidade. A igreja foi a primeira instituição que surgiu atuando, inclusive, na organização do espaço urbano. Posteriormente surgiram as escolas, os hospitais, etc. A casa comercial se constituiu em pólo organizador do núcleo urbano na medida em que as pessoas não precisavam mais ir a Ponta Porã ou a Rio Brillhante para fazer parte de suas compras, e na medida em que atraiu os moradores das fazendas para a sede do Patrimônio de Dourados (p. 12-13).

A área central da cidade era, também, o local das residências, do comércio, do campo de futebol, das festividades, dos eventos religiosos, enfim, toda a vida política, social e cultural da cidade se concentrava aí. As imagens que seguem são do mesmo local, em 1950 era uma residência, já no momento atual, é um estabelecimento comercial. As imagens demonstram claramente a mudança no uso da rua.

### FOTO 32



Residência na Avenida Joaquim Teixeira Alves, na década de 1950. MOREIRA(1990).

### FOTO 33



Estabelecimento comercial na Avenida Joaquim Teixeira Alves. Foto: Elaine Musculini. (2011)

De acordo com Moreira:

No período do Patrimônio e na primeira década de existência do Município, as residências e as casas de comércio se confundiam, até que o crescimento da atividade urbana já não comportou mais residências em pleno centro e, então, o centro comercial ficou onde nasceu a cidade. (1990, p. 11).

Este cenário permanece na cidade até meados dos anos 1960 e início dos anos 1970, quando, conforme já relatado no capítulo anterior, o poder público local passa a ter importante papel na iniciativa de produção do espaço urbano.

Para Calixto (2004):

A década de 1970 marcou o delineamento da passagem de uma cidade em que praticamente todos os habitantes se conheciam, compartilhavam momentos e ocasiões comuns, seja colocando as cadeiras nas calçadas para 'bater papo', seja participando de atividades comemorativas ou festas tradicionais (festa da padroeira, festa junina), para uma cidade marcada pela

diferenciação socioespacial, pelo distanciamento e pelas relações indiretas, uma vez que as novas formas de apropriação e consumo do espaço urbano (re)definem conceitos, valores, modos de vida, trazendo reflexos não apenas no modo de morar, mas também de agir, pensar, reivindicar, enfim, no modo de pensar o espaço. (p. 21)

De acordo com a autora:

A partir da década de 1970, o poder público local assume importante papel no processo de produção, apropriação e consumo do espaço urbano, possibilitando novas formas de atuação de determinados segmentos sociais, fazendo com que a partir desse período, o processo de expansão territorial urbano assumisse um caráter significativamente diferenciado de momentos anteriores. (2004, p. 170)

A década de 1970 poderia ser considerada o marco que delimita a cidade de Dourados antes e depois. A cidade passa a sofrer transformações que se vão modificar significativamente as ruas do centro urbano, bem como seus usos. É no decorrer dos anos 1970 que o centro urbano de Dourados passa a ser definido como o lócus do comércio, dos serviços – não exclusivamente – porém intensificando-se gradativamente. Ainda de acordo com Calixto (2004):

O centro urbano de Dourados concentra maior número de lojas (ainda que populares), restaurantes, escritórios, agências bancárias, assim como de empregos, principalmente da parcela da população que exerce atividades ligadas ao setor terciário. (p. 180 e 181)

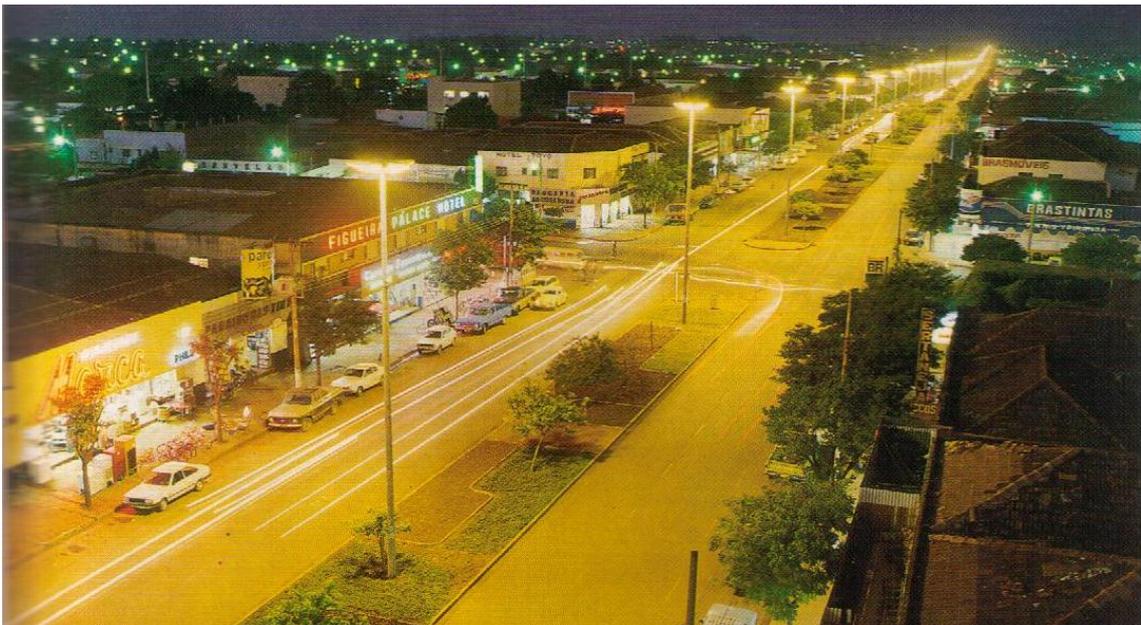
Nas **Fotos 34 e 35**, percebemos que a partir dos anos 1970 as ruas da área central de Dourados passam a ter uma nova configuração. O próprio anuário da Prefeitura Municipal, feito em comemoração aos 50 anos da cidade, faz questão de identificar as transformações das/nas ruas da área central.

### FOTO 34



Vista aérea da Avenida Weimar Gonçalves Torres, década de 1980. Foto: Anuário da Prefeitura Municipal de Dourados, 1985.

### FOTO 35



Avenida Marcelino Pires, década de 1980. Foto: Anuário da Prefeitura Municipal de Dourados, 1985.

Para Santos (1988) importante se faz analisar a estrutura espaço-temporal nos estudos urbanos, uma vez que o espaço

resulta da ação de fatores externos e de fatores internos. Uma nova estrada, a chegada de novos capitais ou a imposição de novas regras (preço, moeda, impostos, etc.), levam mudanças espaciais do mesmo modo que a evolução “normal” das próprias estruturas, isto é, sua

evolução interna, conduz igualmente a uma evolução. (p. 16)

Essa paisagem dinâmica que percebemos na cidade existe a partir de uma lógica, também ideológica

onde as formas reproduzem as contradições, as lutas entre grupos sociais com interesses conflitantes e, conseqüentemente, torna-se o resultado de um processo de mudanças, de acordo com as novas necessidades de reprodução do capital, refletindo as várias etapas no arranjo espacial da sociedade. (FERREIRA, 2002, p. 80)

No mesmo sentido, Calixto (2004) aponta que a análise não deve restringir-se ao aspecto econômico, uma vez que a realidade também está vinculada a uma experiência simbólica, tornando-se necessária *uma discussão acerca do papel desempenhado pela ideologia na determinação dos processos socioespaciais* (p. 161).

Ferreira (2002) aponta, também, para o fato de que a noção do espaço é inseparável da ideia de sistemas de tempo e que a contribuição do estudo da evolução histórica do espaço urbano traz uma abordagem analítica que se torna, em dado momento, referencial para posteriores diagnósticos, *no sentido de se aplicarem planos e metas para o planejamento urbano* (p. 81).

Ainda para o autor, é por meio do estudo dessas relações ocorridas socioespacialmente no tempo, que se fornecem meios para entender o processo de urbanização. Para ele, a rua,

refletindo um modo de viver, de pensar e de sentir das pessoas, produzindo ideias, valores, costumes, conhecimentos, tem sua imagem impregnada de memórias e significações que se materializam na paisagem urbana e reproduzem diversos momentos do processo de produção espacial. (2002, p. 81)

Chiavari e Carvalho *apud* Ferreira (2002) destacam ainda que:

o presente e passado convivem, criando nas contínuas e diversas aproximações e justaposições, uma nova linguagem, extremamente articulada. Ao percorrer uma

cidade [e suas ruas] se tem a percepção visual do fluir do tempo. O olhar reconhece nas coisas, nas imagens, nas construções, nas ordens e nas medidas do espaço, a sua função. Todas as cidades tem seu código, uma vez conhecido um, em qualquer outro espaço urbano o forasteiro encontrará fragmentos de sua história. (p. 81-82)

Passado e presente que podemos contemplar na imagem seguinte, em que visualizamos um semáforo (símbolo de modernidade) e uma carroça (símbolo do passado).

### FOTO 36



Avenida Marcelino Pires cruzamento com a Rua Melvin Jones. Foto: Elaine Musculini.(2012)

Além das transformações oriundas das iniciativas do poder público, dos fatores econômicos e políticos, é necessário se analisar a importância da subjetividade nos estudos urbanos. Daí a importância de refletir acerca do espaço não como um mero local ou área, mas como lugar, onde as pessoas se identificam, se sentem parte dele.

As ruas da área central da cidade concentram uma gama de atividades comerciais, de serviços, como também de circulação de pessoas. Conforme aponta

Ferreira (2002), esta área é a que concentra maior importância, bem como é *o foco de maior atração* (p. 82).

As ruas das áreas centrais são os lugares mais “vistos”, onde os símbolos da modernidade, do progresso, estão mais presentes. Onde os objetos são urbanisticamente mais harmoniosos, porém estão fadados a uma rotina diária de pouco caso, haja vista que as pessoas quase não percebem esses lugares. Foi possível constatar isso em algumas ocasiões em que saímos a campo. As pessoas nas ruas, quando questionadas sobre como visualizam a rua e as transformações ocorridas, muitas respondiam que isso era algo que elas nunca haviam pensado.

O centro comercial da cidade é considerado o motor da vida cotidiana e apresenta-se como a principal área da cidade, no que concerne à aglomeração de atividades comerciais, serviços, finanças, transportes, fluxo de pessoas e de informações, como também é o ambiente onde os *atores da cidade encontram-se para consumir suas necessidades*. (FERREIRA, 2002, p. 83)

Este mesmo autor observa ainda que

o núcleo central da cidade é um produto histórico, que materializa as transformações das fases de estruturação econômica, social e política do território. É considerado o coração da aglomeração. Estão aí concentrados a vida de trabalho, lazer e também a moradia. (FERREIRA, 2002, p. 83)

Podemos pensar também outros aspectos da cidade, como, por exemplo, o movimento constante de pessoas, o fluxo dos carros, configurando o ritmo da vida. Essa dinâmica não é só produto da história como também reproduz a história, a concepção que o homem tem e teve do morar, do habitar, do trabalhar, do comer e do beber, enfim, do viver. (CARLOS, 2009, p. 38)

A cidade vai se transformando à medida que a sociedade como um todo se modifica.

O desenvolvimento das forças produtivas produz mudanças constantes e com essas a modificação do espaço urbano. Essas mudanças são hoje cada vez mais rápidas e profundas, gerando novas formas de

configuração espacial, novo ritmo de vida, novo relacionamento entre as pessoas, novos valores. O espaço tem cada vez mais a dimensão do mundial e as relações entre os homens dependem cada vez mais de decisões tomadas a milhares de quilômetros de seu local de residência. As comunicações se desenvolvem e com ela a frequência dos contatos. O fator distância é eliminado pelo desenvolvimento dos jatos, dos satélites e da informática. Esses fatos abrem novas perspectivas para se pensar hoje a cidade. (CARLOS, 2009, p. 69)

Ainda para Carlos (2001), cada lugar se autoconstrói ao longo da história, coexistindo, nos lugares, vários “tempos”. Para ela, passado e presente se entrecruzam em determinados momentos, revelando as possibilidades e os limites do uso do espaço pelo habitante (p. 46).

Nas imagens que seguem podemos perceber prédios antigos da cidade(que no passado serviram não só como estabelecimento comercial, como também residências), que hoje estão “camuflados” com as novas formas:fachadas modernas de lojas, luzes e cores. Muitas pessoas passam diariamente por eles, mas poucas reparam nos detalhes da arquitetura dos prédios,“escondidos” pelos letreiros.

### FOTO 37



Estabelecimentos comerciais na Avenida Marcelino Pires. Foto: Elaine Musculini.(2012)

O prédio mostrado na imagem anterior, em determinada época, serviu como residência e como estabelecimento comercial de uma mesma família, onde trabalhavam o pai, a mãe e os filhos. Hoje, está fragmentado em diversas lojas, tendo modificado seu uso, sua “fisionomia” e suas funções. Assim como acima, as imagens abaixo também demonstram outros usos. As **Fotos 38 e 39** demonstram, respectivamente, um dos primeiros sobrados de alvenaria da cidade, que foi residência e hoje é utilizado para o comércio/serviços e outro prédio que foi uma residência e hoje funciona o Bazar da Costureira 2<sup>52</sup>.

### FOTO 38



Prédio na Avenida Marcelino Pires, entre as Ruas Dr. Nelson de Araujo e João Cândido da Câmara. Foto: Elaine Musculini. (2011)

---

<sup>52</sup> O Bazar da Costureira 2 situa-se na Avenida Marcelino Pires, entre as Ruas João Rosa Góes e Firmino Vieira de Mattos.

### FOTO 39



Prédio na Avenida Marcelino Pires entre as Ruas João Rosa Góes e Firmino Vieira de Matos. Foto: Elaine Musculini. (2012)

O uso revela a relação espaço/tempo a partir da maneira como o habitante vive a cidade, bem como da percepção que tem dos lugares da constituição da vida. As transformações na paisagem urbana ocorrem pela necessidade da reprodução do espaço como condição e produto da reprodução ampliada da sociedade. Carlos (2001) referendando Roncayolo, diz que a forma não pode ser definida fora de seus componentes da sociedade, ou seja, a forma tem relação com a história. Essas mesmas formas *constituem quadros de referência da ação e delimitam, impedem, permitem o uso* (CARLOS, 2001, p. 47).

Ainda em consonância com Roncayolo, Carlos (2001) observa que as mudanças no uso comandam a vida, e esse uso não muda de um dia para o outro. Nessa relação espaço-tempo está apoiada a memória:

essa memória subjetiva, durável: a dos homens que construíram lugares, desenvolveram estabelecimentos, apresentando um valor, uma tonalidade, um sentido. Verdadeira linguagem urbana que, em certa medida, comporta também suas temporalidades e suas redes. (p. 48 e 49)

Diferentes tempos e diferentes formas coexistem dentro da cidade, assim como também se inter-relacionam. Os diversos planos da realidade articulam-se produzindo o lugar a partir da vida cotidiana e dos modos de apropriação, uso e ocupação de determinados locais, em determinados momentos.

Conforme já sinalizado, as mudanças ocorridas nas ruas da área central da cidade de Dourados alteraram de forma significativa o conteúdo e o ordenamento espacial da cidade, apontando um novo padrão urbano.

São diversas as mudanças que atualmente sinalizam a tendência de alteração do padrão de urbanização local. Inicialmente verifica-se uma profunda transformação em um dos principais pilares de sustentação do anterior modelo de urbanização douradense, fortemente alicerçado e financiado por um conjunto de poderosas agências estatais. Com o avanço do processo de reestruturação econômica e a simultânea crise do Estado desenvolvimentista desintegraram-se as principais instituições estatais responsáveis pela provisão dos mais fundamentais serviços e equipamentos urbanos que, bem ou mal, sustentaram, até o final da década de 80, o processo de acelerado crescimento do espaço urbano de Dourados. (SILVA, 2000, p. 187)

Dourados, nos anos 1950 e 1960 possuía um ritmo e forma totalmente diferente do que passa a viver nos anos 1970. Essas mudanças vão se intensificando nos anos 1980, transformando consideravelmente os usos nas e das ruas.

A imagem seguinte mostra o mesmo prédio em dois momentos: na década de 1950 era o Cine Ouro Verde, local de encontro e lazer dos habitantes da cidade. Hoje funciona como uma das filiais da rede nacional Magazine Luiza.

## FOTO 40



Avenida Marcelino Pires entre as Ruas Presidente Vargas e João Rosa Góes. Fotos: 1) Acervo Prefeitura Municipal de Dourados (1958); 2) Elaine Musculini. (2012)

Isso também é constatado pelos moradores da cidade, conforme o relato de um entrevistado<sup>53</sup>:

*Cheguei aqui em Dourados em 1984, tinha a intenção de ficar rico aqui, porque todo mundo dizia que era o melhor lugar para se ganhar dinheiro (...). Quando cheguei, a cidade já estava tomando corpo, com cara de cidade grande, a avenida já era avenida. (...). Aí eu vi umas fotos da cidade de alguns anos anteriores e nem acreditava, parecia outro lugar, parecia um vilarejo. E era coisa de 5 ou 6 anos atrás, muito estranho.*

A partir dos anos de 1990 que emerge um novo padrão de produção socioespacial em Dourados, destacando-se o papel dos agentes privados na produção do espaço. As mudanças desencadeadas pelo processo de agroindustrialização, determinam, dentre outros, o surgimento de atividades tais como serviços veterinários, mecânicos, jurídicos, financeiros. De acordo com Santos (1996):

---

<sup>53</sup>Trecho da entrevista realizada em junho/2011 com o Senhor Antonio Josué, 67 anos, natural do Estado de São Paulo, comerciante da área central de Dourados e residente na cidade desde 1984.

as cidades locais tendem a mudar de conteúdo. Antes, eram as cidades dos notáveis, hoje se transformam em cidades econômicas. A cidade dos notáveis, onde as personalidades notáveis eram o padre, o tabelião, a professora primária, o juiz, o promotor, o telegrafista, cede lugar à cidade econômica, onde são imprescindíveis o agrônomo (que antes vivia nas capitais), o veterinário, o bancário, o piloto agrícola, o especialista em adubos, o responsável pelos comércios especializados. (p. 51)

O momento passa a ser de tornar a cidade atrativa para novos investidores. Conforme destaca Silva (2000), *o poder público volta-se para criar dispositivos e incentivos que atraiam empreendimentos e promovam a dinamização da economia da cidade.* (p. 189)

Introduzem-se novos hábitos e novas práticas, ditadas pela ordem da sociedade do consumo, da agilidade, da dinamização dos fluxos, da “modernização” dos lugares, da busca incessante pelo novo. Para Silva (2000):

Essas novas circunstâncias terminaram enfim por redefinir o papel desempenhado pela cidade, que se transformou, de local de comercialização e beneficiamento rudimentar da produção dos colonos, em centro prestador de serviços diversificados, visando ao atendimento das demandas da agricultura tecnificada e do novo contingente de classe média que a cidade acolheu. (p. 195)

Passamos a identificar novas formas urbanas. Surgem novas características e tendências e junto com elas surgiram, também, novas centralidades. Percebemos facilmente a concentração de comércio e/ou serviços em determinados pontos do centro urbano de Dourados. O caso mais perceptível em gradual e recorrente expansão, é o do setor de saúde.

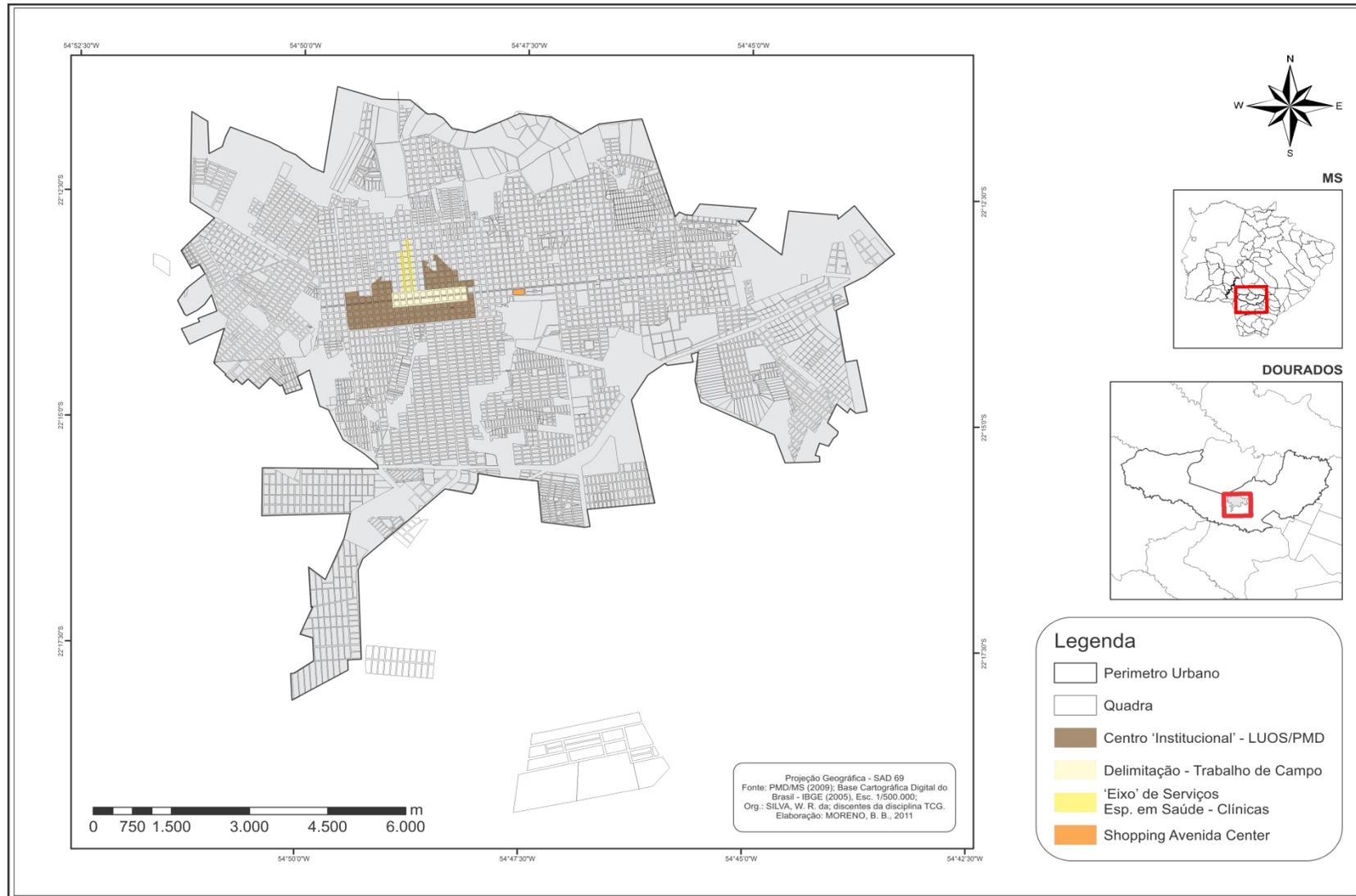
Conforme aponta Silva (2000)

Até o final dos anos 70, havia em Dourados um único centro que concentrava as atividades de comércio e os serviços em um trecho da avenida Marcelino Pires e suas transversais situadas nas proximidades da praça Antonio João. No entanto, a partir da década de 80, e com mais intensidade nos anos 90, verificou-se o início da transferência de atividades terciárias tipicamente centrais

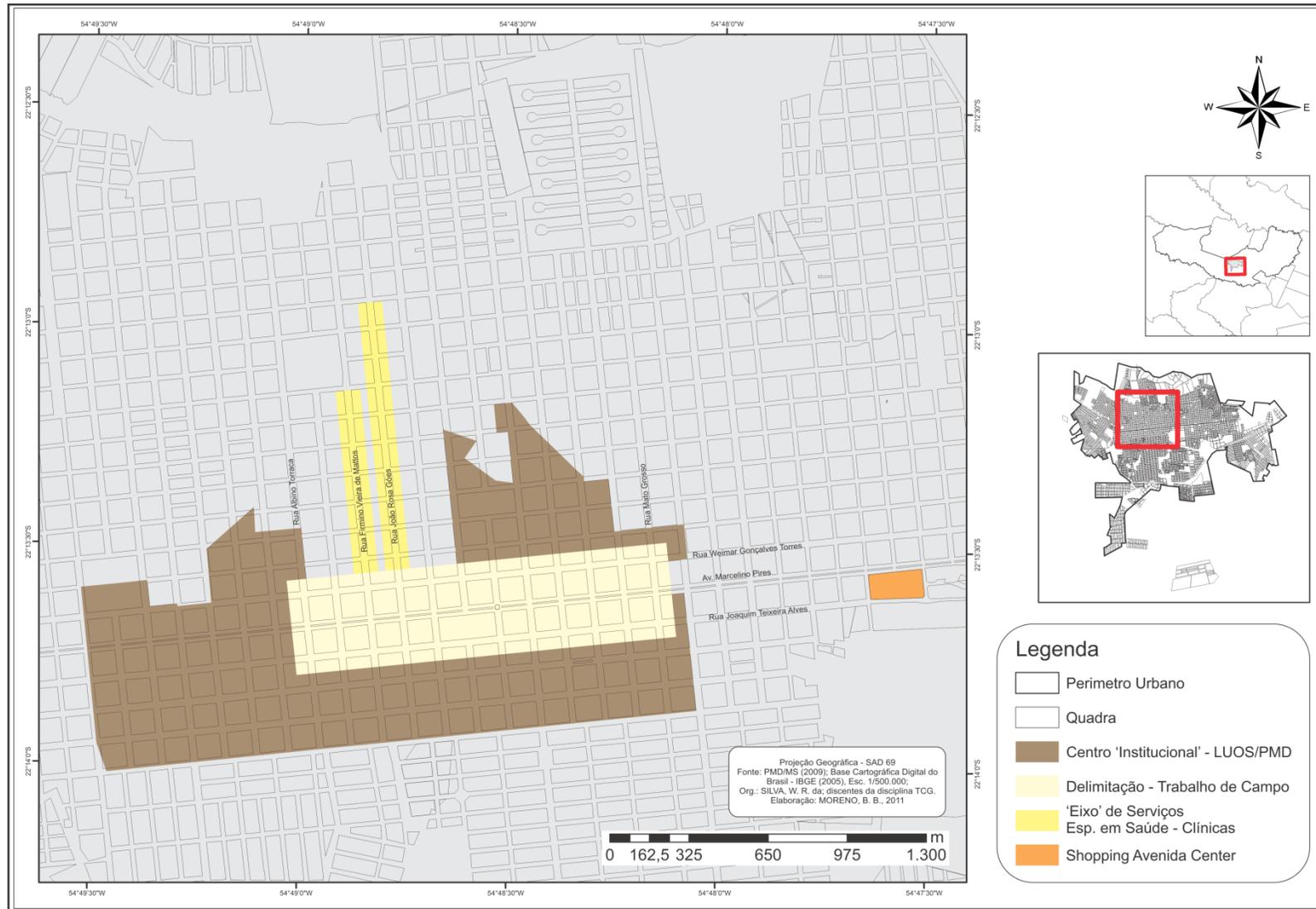
para áreas do espaço urbano, configurando um processo de produção embrionária de novas centralidades na cidade. (p.206)

Ainda de acordo com Silva (2000), nos anos 1990 verifica-se centralidades bem determinadas (ver **Figuras 07, 08, 09 e 10**), como por exemplo, no trecho da Rua Oliveira Marques, compreendido entre as Ruas João Cândido da Câmara e João Rosa Góes, onde encontravam-se, geralmente, lojas franqueadas que comercializam grifes da moda. Já no segmento da Rua João Rosa Góes, entre as ruas Major Capilé e Ponta Porã, aglomeram-se serviços da área da saúde, que vai de hospitais a clínicas especializadas, laboratórios e consultórios, como, por exemplo, o Hospital do Coração, Hospital Santa Rita, Clinicamente Saudável, Laboratório Nossa Senhora Aparecida, CDM (Centro Diagnóstico Médico), dentre outros.

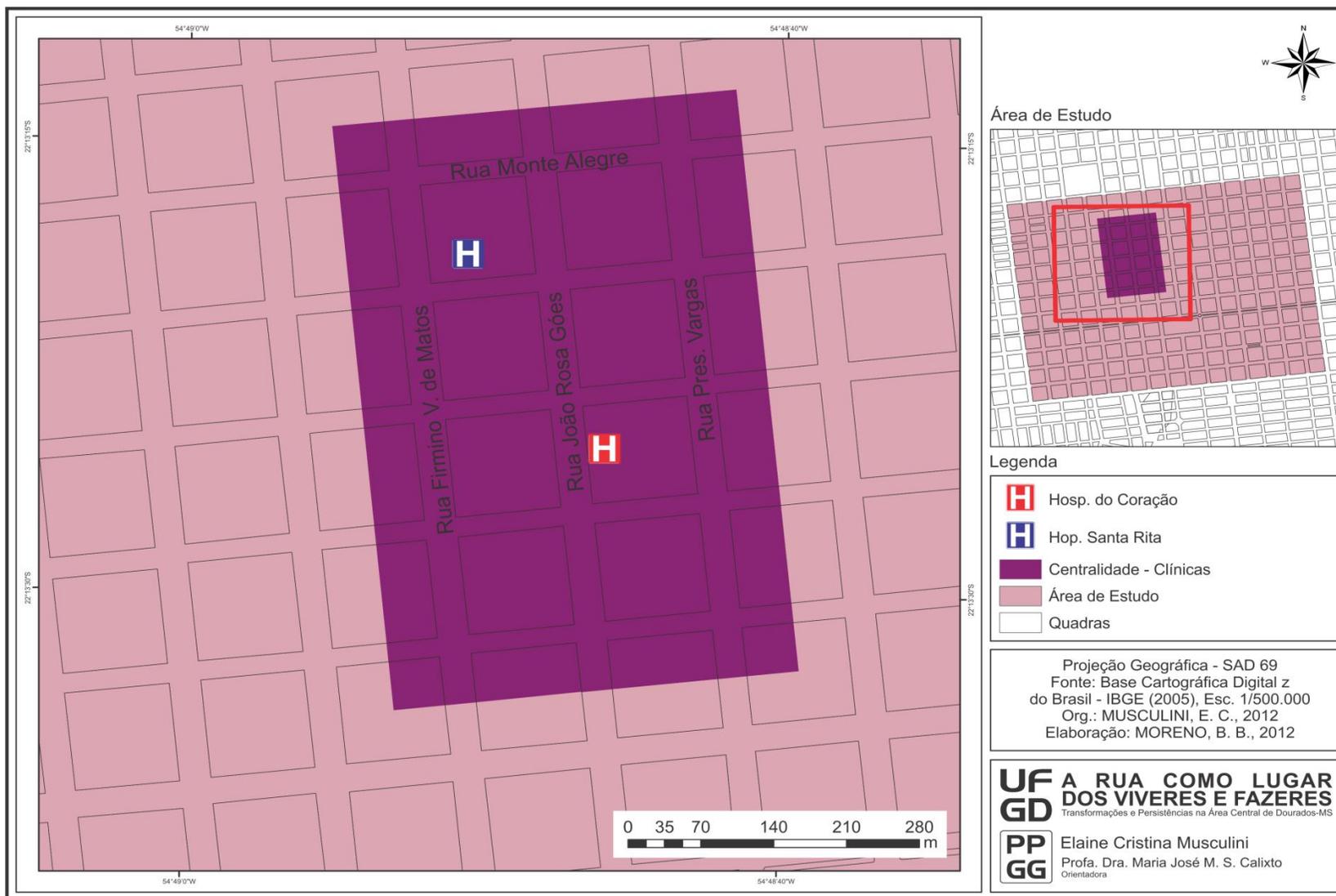
**FIGURA 07 – Dourados (2008). Áreas de centralidades.**



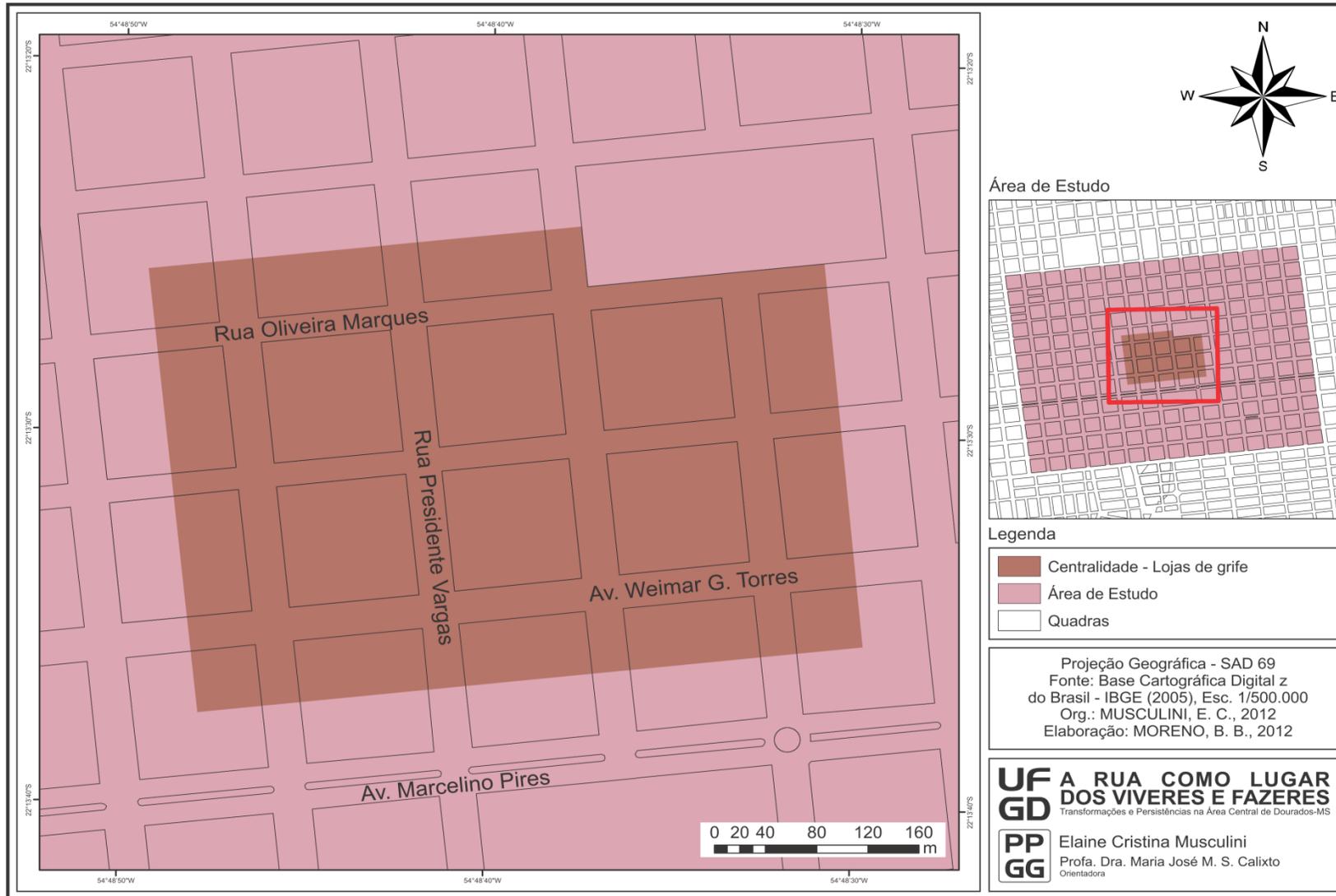
**FIGURA 08 – Dourados (2008). Áreas de centralidades.**



**FIGURA 09 – Dourados (2011) – Áreas de centralidades.**



**FIGURA 10 – Dourados (2011) - Área de centralidades.**



Dialogando com Cordeiro e Sposito (1980 e 1991), tais áreas podem ser consideradas como desdobramento da área central. Para Sposito (1991) as áreas de desdobramento do centro principal

caracterizam-se pela localização de atividades tipicamente centrais mas de forma especializada. Ou seja, nelas não se reproduz a alocação de todas as atividades tradicionalmente centrais, mas selecionadamente de algumas destas. Daí, a caracterização do processo como de desdobramento da centralidade (ao invés de reprodução da localização das atividades centrais em menor escala, como o que se observa nos subcentros), como se o centro se multiplicasse, desdobrando-se especializadamente em outros eixos da estrutura urbana. (1991, p. 11)

As áreas de desdobramento, além de se caracterizarem por apresentar uma especialização funcional, também se distinguem por exprimir uma diferenciação social, isto é, são locais que concentram atividades comerciais e de serviços, destinadas a uma clientela exclusiva, são a manifestação de uma centralidade estratificada socioeconomicamente.

Entre final dos anos 1990 e até os dias atuais, as lojas de grifes tem procurado se estabelecerem na Avenida Weimar Gonçalves Torres. Algumas lojas que antes tinham endereço na área da Rua Oliveira Marques, hoje concentram-se na referida Avenida que gradativamente vem se transformando no eixo das lojas de grifes. Esse é o caso, por exemplo, da Loja Ellus.

Romero (2010) aponta que:

Também vale destacar outra reconfiguração que se revela atualmente: a mudança na tipologia das lojas da área central (...), sobretudo em uma porção da Avenida Weimar Gonçalves Torres, avenida paralela à avenida principal (Marcelino Pires) e entre as ruas João Rosa Góes e Toshinobu Katayama. (...) algumas lojas de comércio mais especializado, e voltado para um público específico, as denominadas *boutiques*, passaram a ocupar alguns pontos da Avenida Weimar Gonçalves Torres, chamando a atenção para uma nova configuração da área central da cidade. (p. 58)

Nesse sentido há uma nova redefinição do uso das ruas nessa área. Percebemos, também, usos diferenciados: na Avenida Marcelino Pires temos o comércio popular e, na Avenida Weimar Gonçalves Torres, conforme já dito, o comércio mais especializado (lojas de grifes). O que nos chamou atenção, inclusive, foi configuração e uso das calçadas nessas duas avenidas. Na primeira, as calçadas são utilizadas pelos lojistas que nelas colocam bancas de mercadorias, já na segunda, as calçadas possuem aspecto diferente, com decoração e livres para passagem dos pedestres.

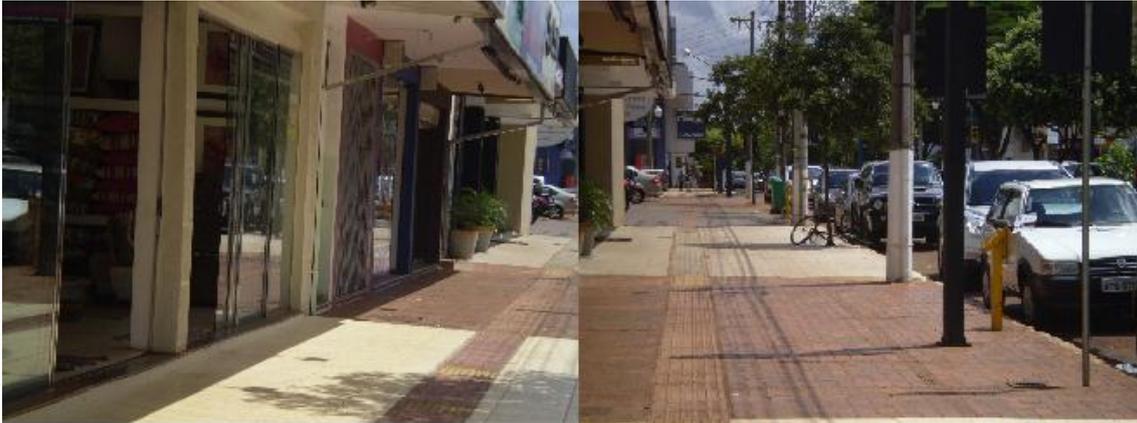
As imagens que seguemsão a compilação de fotos que demonstram as lojas na Avenida Weimar Gonçalves Torres, todas elas mais especializadas, bem como as calçadas da referida avenida. Percebemos portas de vidro, ar condicionado, calçadas livres para o pedestre circular.

#### FOTO 41



Lojas localizadas na Avenida Weimar Gonçalves Torres. Fotos: Elaine Musculini. (2011-2012)

#### FOTO 42



Calçadas da Avenida Weimar Gonçalves Torres. Fotos: ElaineMusculini. (2012)

Já na compilação de fotos que segue, constatamos a presença de lojas populares na Avenida Marcelino Pires, com bancas de mercadorias nas calçadas.

#### FOTO43



Calçadas da Avenida Marcelino Pires. Fotos: Elaine Musculini. (2012)

Percebemos, também, que no eixo da Rua João Rosa Góes, há a intensificação dos serviços da saúde. Esta área era, anteriormente, lugar de residências, que hoje estão sendo vendidas ou alugadas para abrigar clínicas, consultórios e laboratórios médicos. É comum, inclusive, andarmos por esse local e encontrar muitas casas a venda, ou disponível à locação. Em um dos trabalhos de campo, conversamos com uma senhora que ainda reside no local, entre dois consultórios médicos, a mesma nos informou que quando mudou-se para lá

*não havia outra coisa que não fosse casa. Tinha a Dona Fátima aqui (lado direito) e o Senhor Olívio ali (lado esquerdo), mas eles foram ficando estressados com tanto barulho e movimento, os filhos decidiram vender a casa e ir morar em outro canto. Eu ainda estou aqui porque não consegui vender, mas se conseguir quero ir pra algum lugar mais sossegado. Um dia essa rua já foi meu lugar, não é mais<sup>54</sup>.*

Percebemos que a entrevistada demonstra certo estranhamento com o lugar que um dia considerou seu. Hoje ela pensa em viver longe dali, pois o lugar tornou-se o “não lugar” para ela. Ainda de acordo com o depoimento, a rua foi ficando cada vez mais movimentada, impossível de se ter uma noite tranquila de sono ou mesmo estacionar o carro em frente de casa. Os vizinhos hoje em dia costumam ser as clínicas ou laboratórios médicos. Já não há mais o convívio que antes existia.

Na imagem a seguir procuramos demonstrar o que hoje existe no eixo supracitado: clínicas, hospitais e laboratórios médicos. Alguns repaginados, com suas fachadas modificadas e outros poucos, ainda possuem características de residências.

**FOTO 44**



Estabelecimentos de serviços da saúde na área compreendida entre as Ruas Firmino Vieira de Matos-Hayel Bon Faker e Ruas Ponta Porã- Major Capilé. Fotos: Elaine Musculini. (2011-2012)

<sup>54</sup>Trecho da entrevista realizada em julho/2011 com Maria de Nazaré, 74 anos, moradora da área central de Dourados.

Entramos aqui na questão da centralidade criada. Na área acima destacada – eixo da Rua João Rosa Góes entre a Rua Ponta Porã a Rua Major Capilé, percebemos claramente essa dinâmica. O processo de redefinição tende a “expulsar” residências, transformando-as em comércios e/ou serviços. É o que ocorre nessa área, e em outras do centro da cidade. Como o processo não é homogêneo, ainda existem pessoas que continuam morando nessas áreas, até mesmo porque morar próximo ao centro constitui uma opção interessante. Conforme um entrevistado:

*morar no centro é muito bom, eu tenho um mercado logo ali, uma lotérica pertinho, bancos, tudo, não preciso ir longe e nem usar carro pra fazer as coisas. Até hospital tenho perto.*<sup>55</sup>

Em Dourados também podemos observar três processos conforme apontado por Sposito (1991) paralelos nas áreas próximas e ao redor do centro urbano. Um deles seria as construções que antes eram utilizadas para fins residenciais de padrão médio e/ou alto passam a ser ocupadas por comércio e serviços, *num claro processo de expansão da área central* (p. 9). Outro processo seria de parte dessas construções – residenciais – menores ou mais antigas estarem sendo demolidas para construção de novos empreendimentos. E por último, também ocorre o processo de *expansão das atividades comerciais voltadas para um público de menor poder aquisitivo, através da localização de lojas de pequenas redes, renovando rapidamente o padrão ocupacional.* (p. 9)

Ainda para a autora:

até meados da década de 70, as cidades brasileiras até um determinado porte tinham praticamente um centro único e monopolizador, com forte concentração de atividades comerciais e de serviços. O crescimento populacional destas cidades levava estas áreas centrais a um processo de expansão, através da absorção de áreas/setores limítrofes ao centro, através do afastamento de sua população residencial e a transformação de seu uso de solo em novas edificações adequadas ao comércio e/ou serviços. (SPOSITO, 1991, p. 09)

---

<sup>55</sup>Trecho da entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos, 88 anos, aposentado, morador da área central de Dourados.

Em Dourados isso aconteceu e vem acontecendo também desde meados dos anos 1980, quando os moradores da área central da cidade passam a buscar outros bairros. Estas residências vão assumir outras funções, principalmente na área já citada – entre as Ruas Firmino Vieira de Matos- Hayel Bon Faker e Ruas Ponta Porã-Major Capilé. Nesses locais há, hoje em dia, estabelecimentos voltados à área da saúde (clínicas, laboratórios, consultórios), e outros serviços (imobiliárias, lojas de decoração, escolas de línguas estrangeiras, escritórios de advocacia e comércio em geral).

Sposito chama a atenção para o termo *desdobramento* da área central para explicar esse processo, que para ela diferencia-se da expansão da área central, uma vez que essas áreas caracterizam-se pela localização de atividades tipicamente centrais, mas de forma especializada.

nelas não se reproduz a alocação de todas as atividades tradicionalmente centrais, mas selecionadamente de algumas destas. Daí, a caracterização do processo como de desdobramento da centralidade, como se o centro se multiplicasse, desdobrando-se especializadamente (...). (p. 11)

A autora ainda aponta para o nível de especialização dessas áreas de desdobramento, que para ela é funcional e/ou socioeconômico:

esta especialização se traduz na procura dos segmentos de maior poder aquisitivo do mercado, que progressivamente “abandonam” o comércio e os serviços do centro tradicional (...) opção comercial para uma clientela ‘especial’ que neste sentido passa a se distinguir, a se diferenciar e, portanto, a se separar espacialmente de outras clientelas. (p. 11)

Esses eixos de desdobramento utilizam áreas de uso residencial de padrão elevado, no intuito de alcançar certa clientela, construindo uma imagem de área de comércio seletivo e elitizado, como é o caso da área hoje ocupada por lojas como: Loja 775, OM Sport Wear, Berly, Polo Play, Maisa, dentre outras. Ainda podemos observar alguns locais que hoje funcionam como lojas de decoração – Mercatto, Detalhes, etc.

Percebemos, assim, a emergência de múltiplas formas de localização das atividades, produzindo uma centralidade socioespacialmente segregada.

o centro tradicional e as outras expressões da centralidade (...) são as formas espaciais através das quais se manifestam os momentos do processo de divisão técnica e social do trabalho (...) e simultaneamente manifestam o processo de seleção dos consumidores, através de especialização geográfica das atividades caracteristicamente centrais, expressas em novos pontos/áreas/eixos de centralidade “estratificados” e “segregados” socioeconomicamente. (SPOSITO, 1991, p. 15)

Além da redefinição das atividades no interior da cidade, percebemos outras dinâmicas ocorrendo, como é o caso, por exemplo, da necessidade de fluidez no trânsito, que torna cada vez mais imprescindível a expansão e/ou modificação das ruas e do modo de uso das mesmas.

A cidade passa a se redefinir a partir do uso do carro. Estacionamentos são criados em terrenos no centro da cidade, as ruas passam a ter nova dinâmica, novos fluxos, o barulho aumenta, a qualidade de vida diminui. As imagens que seguem demonstram estacionamentos nas ruas da área central de Dourados, muitos desses estacionamentos eram residências ou prédios comerciais que foram demolidos, para dar lugar para o carro. O estacionamento que aparece na **Foto 45** situa-se no cruzamento da Avenida Weimar Gonçalves Torres com a Rua Melvin Jones, onde antes existia o prédio de uma empresa que comercializava grãos. O prédio foi demolido para dar lugar ao estacionamento. Em uma conversa que tivemos com o administrador do local, foi-nos relatado que em alguns dias da semana o estacionamento fica lotado. Notamos também que, no entorno desse estacionamento, as ruas e canteiros centrais ficam tomados pelos carros estacionados. De acordo com um dos entrevistados:

*Estacionar nessa parte do centro está muito difícil. Andei umas 10 quadras a mais do que eu precisava pra encontrar um lugar pra estacionar. E olha que nem é de graça, porque precisamos pagar o parquímetro. Já deixei o carro nesses estacionamentos também, mas tudo tem que pagar.*

*Dá uma olhada nesse canteiro, inteiro lotado. Parece que tem mais carro que gente nessa cidade.<sup>56</sup>*

#### FOTO 45



Estacionamento para carros no cruzamento da Avenida Weimar Gonçalves Torres com a Rua Melvin Jones. Foto: Elaine Musculini. (2011)

A **Foto 46** também demonstra outro estacionamento situado na Rua João Rosa Góes, cruzamento com a Rua Monte Alegre. Este estacionamento está localizado próximo ao eixo das clínicas médicas e hospitais. O prédio que aparece ao fundo é a Clínica São Luiz, que atende pacientes não só da cidade, como também de cidades vizinhas. A Rua Monte Alegre vem passando por uma reestruturação, o que acaba modificando seu uso. Além da terceira faixa de rodagem adicionada recentemente, não há mais a possibilidade de estacionar os carros do lado direito da rua, como antes era de costume. Foram, também, instalados alguns semáforos, haja vista o fluxo de carros em determinados momentos do dia. Entrevistamos uma senhora moradora dessa rua e ela nos relatou que ficou difícil morar na Rua Monte Alegre:

---

<sup>56</sup> Trecho de entrevista realizada em maio/2012 com Jaime Silva. O local que o entrevistado se refere é o canteiro central da Rua Firmino Vieira de Mattos entre as Avenidas Marcelino Pires e Weimar Gonçalves Torres.

*a gente tem medo até de ficar no portão de casa. Os carros voam, não andam. Pra você ter uma ideia, dois cachorros meus já morreram atropelados nessa rua. Mas não era assim não viu?! Isso aqui era calmo.<sup>57</sup>*

#### FOTO 46



Estacionamento localizado no cruzamento da Rua Monte Alegre com a Rua Firmino Vieira de Matos. Foto: Elaine Musculini. (2011)

Nas imagens que seguem (**Fotos 47 e 48**), demonstramos outros dois estacionamentos nas ruas da área central de Dourados. Vemos nos detalhes das fotos que eles destinam-se aos clientes das empresas. Em ambos locais, o que havia antes dos estacionamentos eram residências, que foram demolidas. A **Foto 48** mostra o estacionamento do CDM – Centro Diagnóstico Médico – que também funciona num local que antes era uma residência. A quadra em que o laboratório situa-se está tomada por comércio e serviços. Restam apenas três residências e uma delas está vazia, com uma placa de aluga-se ou vende-se.

---

<sup>57</sup> Trecho de entrevista realizada em janeiro/2012 com Rita de Cássia, 46 anos, artesã, moradora da área central de Dourados-MS.

FOTO 47



Estacionamento na Rua Firmino Vieira de Matos – detalhe para o aviso “Estacionamento para Clientes”.  
Foto: Elaine Musculini. (2012)

FOTO 48



Estacionamento do Centro Diagnóstico Médico na Rua Major Capilé entre as Ruas Albino Torraca e Melvin Jones. Foto: Elaine Musculini. (2012)

Vale observar que o significativo número de estacionamento existente, reforça a prevalência do uso da rua pelos carros.

Um dos entrevistados<sup>58</sup> diz que o centro da cidade de Dourados já foi, um dia, um lugar calmo e pacato e que hoje é praticamente impossível ter uma noite de sono sossegada às sextas-feiras e aos sábados – dias da semana que mais concentra pessoas no centro, a procura de lazer e diversão. Para ele, ainda, o que mais atrapalha é o fato de que a rua é só o lugar do carro: *“não tem nem como ficar na frente de casa, é só carro”*.

Atualmente percebemos que o uso das ruas é, de fato, ditado pelo carro. Existem “regras” para se estacionar, paga-se por isso, existem semáforos, rotatórias, faixas, enfim, um aparato de “normas” que demonstram que o carro é capaz de modificar a configuração das ruas.

Nesse sentido, o centro urbano de Dourados passou e passa constantemente por transformações no que tange à forma e uso da rua a partir dos carros. No intuito de tentar compreender como o poder público lida com as “exigências” dos novos tempos e fluxos, tivemos uma conversa com a engenheira da Prefeitura Municipal de Dourados. Nessa conversa foi possível perceber pontos importantes para identificar as novas estruturas que estão sendo criadas para o carro e seu uso.

Recentemente observamos que ampliaram uma faixa de rodagem nas avenidas principais da cidade, como, por exemplo, a Avenida Marcelino Pires que possuía três faixas de rodagem para os carros, hoje possui quatro, sendo uma para “estacionamento” e três para o fluxo. Percebemos também a colocação de novos semáforos onde antes existiam rotatórias. De acordo com a engenheira agrônoma da Prefeitura, as rotatórias tinham o escopo da “diminuição” da velocidade dos carros, porém com o semáforo, o trânsito tende a ficar mais dinâmico e rápido. Vale registrar que as rotatórias tinham floreiras e ornamentos que enfeitavam as ruas da área central. Alguns cartões postais da cidade retratam as rotatórias com suas floreiras. A **foto 49** demonstra algumas rotatórias que já não existem mais:

---

<sup>58</sup>Trecho da entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos, 88 anos, aposentado, morador da área central de Dourados.

FOTO 49



Rotatórias das ruas da área central de Dourados. Fotos disponíveis em <http://www.msja.com.br>. (2012)

A imagem seguinte (**Foto 50**) apresenta a Avenida Marcelino Pires com as novas faixas de rodagem, que antes eram apenas duas maiores – o que possibilitava uma melhor circulação de pedestres e ciclistas – e que agora são três.

FOTO 50



Avenida Marcelino Pires, entre as ruas Firmino Vieira de Matos e Melvin Jones, com as 3 faixas de circulação. Foto: Elaine Musculini. (2012)

Vislumbramos também a retirada do calçadão que existia na Rua Dr. Nelson de Araujo, para abrir uma rua, permitindo maior fluidez dos veículos. Nas imagens que seguem (**Fotos 51, 52 e 53**) demonstramos três momentos da área: quando ainda era calçadão, o momento da retirada e o momento atual como rua. No detalhe da **Foto 53**, a placa que anuncia a “revitalização” da rua.

### FOTO 51



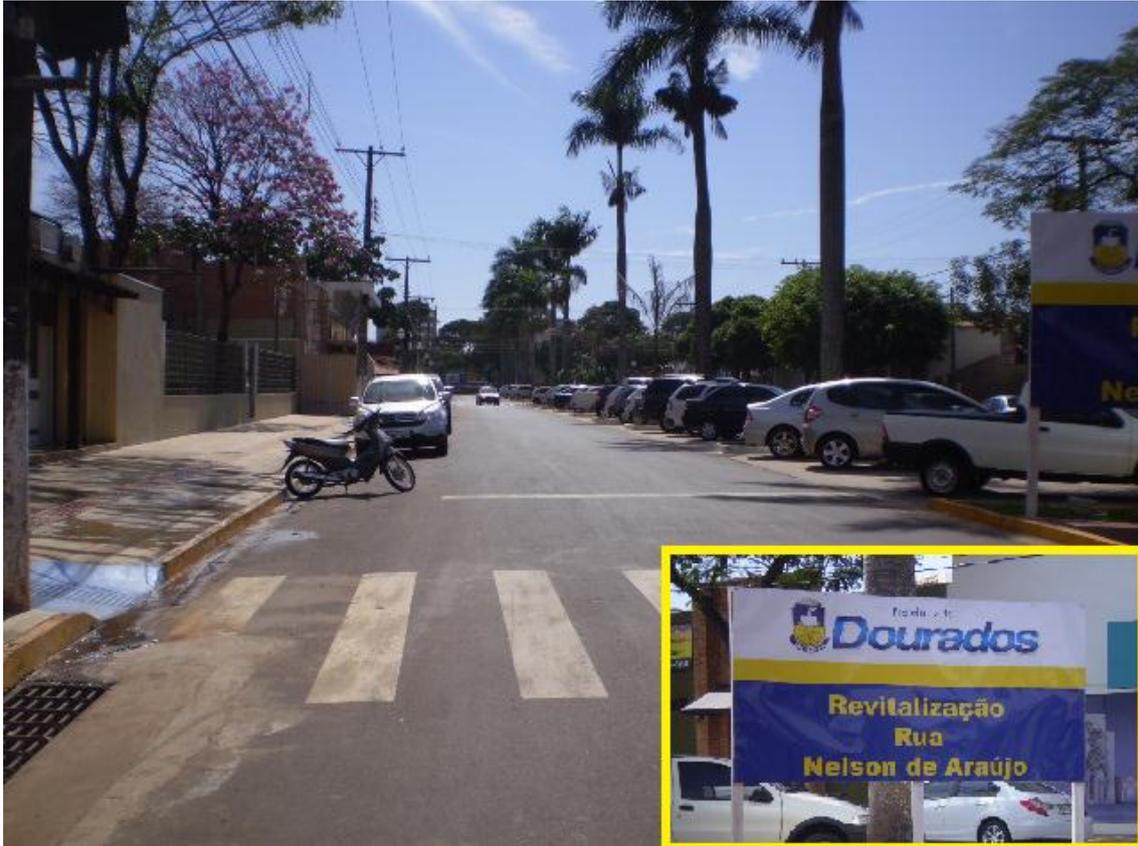
Calçadão da Rua Dr. Nelson de Araujo. Foto: Elaine Musculini. (2011)

### FOTO 52



Rua Dr. Nelson de Araujo, onde antes havia o Calçadão. Foto: Elaine Musculini. (2012)

### FOTO 53



Rua Dr. Nelson de Araujo. Foto: Elaine Musculini. (2012)

Conforme aponta Carlos

A mudança nas relações espaço-tempo revela a profunda mudança nos costumes e hábitos sem que as pessoas pareçam se dar conta, pois as inovações são aceitas de modo gradual, quase despercebidas, embrulhadas pela ideologia que efetiva a degradação da vida cotidiana. A cidade onde tudo se transforma, onde os estilos se multiplicam passa a ser o lugar em que as pessoas “se arranjam para viver ou quem sabe sobreviver” criando constantemente, “formas de ganhar dinheiro”. (2007, P. 51)

As ruas do centro da cidade são muitas vezes percebidas como o verdadeiro caos. Comum ouvir das pessoas que evitam ir ao centro em “horários de pico”<sup>59</sup>.

---

<sup>59</sup> Alguns entrevistados mencionaram “horários de pico” como sendo um momento do dia em que o movimento é mais intenso, sobretudo no trânsito.

Dependendo da hora do dia, ou do dia da semana, a observação de um determinado lugar vai mostrar um determinado momento do cotidiano da vida das pessoas que aí moram, trabalham, se locomovem. É o tempo da vida. Nas horas de pico, quando as pessoas saem de suas casas em direção aos pontos de ônibus para irem trabalhar, as ruas da cidade fervilham, os ônibus trafegam em maior número, os carros congestionam as vias públicas, e os caminhões entregam mercadorias, às vezes produzidas a grandes distâncias dos lugares de entrega. Um pouco mais tarde é o horário dos estudantes que fazem o percurso casa-escola. (CARLOS, 2009, p. 39)

Em consonância com o que descreve Carlos (2007), constatamos que muitas pessoas não percebem as mudanças ocorridas nas ruas. Muitas delas, só passam a realmente olhar para a rua, e vislumbrar as transformações, quando são indagadas sobre isso. *É verdade, não tinha reparado que tiraram aquela rotatória daqui. É que a gente passa tão rápido, nem dei conta.*<sup>60</sup>. Ou: *Eu só fui ver que demoliram aquela sapataria na semana passada, porque trouxe um sapato pra consertar, e dei de cara com a demolição.*<sup>61</sup>

Abaixo destacamos quadros com resultados de alguns questionários aplicados em 09 de março de 2012 (sexta-feira) e em 31 de março de 2012 (sábado), nos semáforos da Avenida Marcelino Pires, esquina com a Rua Hayel Bon Faker e da Avenida Marcelino Pires esquina com a Rua João Cândido da Câmara. Neste momento indagamos acerca do novo posicionamento das faixas de circulação, nas avenidas centrais, e da instalação dos novos semáforos.

Das trinta pessoas que indagamos, acerca da instalação dos novos semáforos na Avenida Marcelino Pires, nos cruzamentos das Ruas Melvin Jones, João Rosa Góes e Dr. Nelson de Araujo, 90% disseram ser a favor e 10% disseram não ser a favor.

Quando questionadas sobre o acréscimo da faixa de rodagem nas avenidas principais, 60% considera satisfatório, porém, declaram que ainda há dificuldades por parte dos motoristas de se adaptarem. 23,3% consideram insatisfatório e 16,6% acha satisfatório.

Em outro dia aplicamos o mesmo questionário e obtivemos outros resultados. Das quarenta pessoas entrevistadas acerca da instalação dos três novos semáforos na Avenida

---

<sup>60</sup> Resposta de um pedestre questionado acerca dos novos semáforos na Avenida Marcelino Pires.

<sup>61</sup> Resposta de uma pedestre questionada sobre as ruas de Dourados e suas transformações no tempo.

Marcelino Pires, cruzamento com as Ruas Melvin Jones, João Rosa Góes e Dr. Nelson de Araujo, 50% considera satisfatório, 7,5% considera insatisfatório e 42,5% considera satisfatório, porém, declararam que agora se faz necessário andar mais para fazer conversões de carro. Quando questionadas sobre o acréscimo da faixa nas avenidas principais, 42,5% respondeu que foi positivo, porém, declara que os condutores de veículos da cidade não estão acostumados a dirigir em vias com mais de duas faixas de rodagem, 40% considera negativo e apenas 17,5% considera satisfatório.

Podemos dizer, de acordo com pesquisas já realizadas, que tais alterações nas ruas de Dourados são resultado de um novo dinamismo introduzido pelo processo de agroindustrialização, como também de novas estratégias adotadas pelos agentes do setor de comércio e serviços.

Assim, as transformações ocorridas no espaço urbano são resultantes de mudanças relacionadas aos processos de reestruturação econômica e de diversificação do movimento agroindustrializador, mas é também reflexo de interesses, que tende a promover a ampliação do tecido urbano e produzir novas centralidades. Para Silva:

Em Dourados, o direcionamento implementado ao crescimento urbano recente foi, em boa medida, definido pela atuação dos agentes imobiliários. Estes (...) se expandiram e organizaram-se em entidades corporativas, ganhando força política e poder de interferência no processo decisório da comunidade. (2000, p. 207)

Para o autor, há uma convergência de interesses entre os setores imobiliário e o de outros agentes comprometidos com a expansão da cidade e a “valorização” do solo urbano. Essa teia de interesses forma uma rede de relações que promovem a redefinição sociospacial.

Característica importante de ser salientada nessa relação é o frequente envolvimento do poder público. GottdienerapudSilva (2000) destaca que

a identidade de interesses em prol do crescimento, que une os diversos agentes envolvidos nos negócios imobiliários, materializa uma rede que atravessa indistintamente a esfera privada e pública, irmanando-se em uma unidade de propósitos. (p. 209).

E ainda:

Essa unidade de propósitos entre os agentes estatais e os promotores urbanos, em Dourados, leva os representantes do poder público local a se engajarem na viabilização dos empreendimentos, oferecendo facilidades ou eliminando óbices que eventualmente se interponham no caminho do crescimento e da expansão dos negócios urbanos. (SILVA, 2000, p. 209)

Em anexo (ver Anexos – 1 a 11) apresentamos os quadros dos estabelecimentos das ruas, da área central de Dourados, que demonstram a maciça presença de comércio e serviços. A área delimitada no levantamento está compreendida entre as Ruas Albino Torraca até a Rua Mato Grosso, no sentido leste-oeste.

Vale destacar que a presença de estabelecimentos comerciais e de serviços na área delimitada, implica em determinada forma de uso das ruas.

Na Avenida Weimar Gonçalves Torres concentra maior número de comércio especializado, como, por exemplo, as lojas de grifes – Valisière, Arezzo, Ellus, Carmen Steffens, Lilica Ripilica, dentre outras. Demais atividades também se constata na referida avenida, como, por exemplo, atividades profissionais e técnicas – escritórios de advocacia, assistências técnicas para computadores, dentre outros. Durante o dia, os frequentadores dessa avenida geralmente dirigem-se aos estabelecimentos comerciais e de serviços que ali existem. Já no período noturno, a avenida passa a ter outro uso. Ali é também a área que concentra certo número de lanchonetes e restaurantes, como, por exemplo, o Kikão Restaurante (um dos restaurantes mais tradicionais da cidade), Restaurante Boa Brasa, Subway, Chandon, Yakissoba Sobaria, dentre outros.

Já na Avenida Marcelino Pires, encontramos maior concentração de comércio popular – Loja A Barateira, Combate Confeções, Lojão da Economia, Foz Center, dentre outros – e também um elevado número de lanchonetes e sorveterias. Durante o dia observamos que a circulação de pessoas se dá de maneira mais intensa que no período da noite, momento este em que apenas as sorveterias e algumas lanchonetes funcionam.

Na Avenida Joaquim Teixeira Alves percebemos, também, a presença de estabelecimentos de comércios e serviços, como também de bancos. Durante o dia esta avenida é bastante frequentada devido esta concentração de atividades, porém, a noite, a avenida é conhecida por ser área de prostituição.

Em atividade de observação aos “pontos” de prostituição, na Avenida Joaquim Teixeira Alves, esquina com a Rua João Rosa Góes, onde o movimento de travestis e prostitutas é bastante intenso, conseguimos conversar com transeuntes ou moradores residentes próximo ao local, muitos deles estão ou vão por ali para observar a movimentação apenas. Notamos que os travestis estão sempre em maior número nesses “pontos”.

Estes locais, no geral, são sempre muito movimentados, tanto a noite, quanto durante o dia, porém, existe uma modificação de sujeitos que circulam por ali. No referido lugar situam-se bancos, comércio em geral, igrejas, praça pública, e no período matutino e vespertino encontramos pessoas que utilizam-se desses serviços. Ao anoitecer, as ruas começam a ficar ermas, e a presença de profissionais do sexo começa a despontar. O fluxo de carros já não é tão intenso nesse horário como é durante o dia, porém os carros que passam, em sua maioria, desaceleram para poderem enxergar melhor os travestis, como se eles fosse algum tipo de atração. Muitas vezes os carros buzina ou então seus condutores/passageiros acenam, gritam e até mesmo ofendem com palavras indelicadas. (MUSCULINI, 2009, p. 31-32)

A **foto 54** que segue demonstra dois momentos da Avenida Joaquim Teixeira Alves, durante o dia, com um tipo de uso, como o comércio e serviços e a noite o uso torna-se diferente, em que os profissionais do sexo utilizam a avenida como “pontos” de prostituição.

#### FOTO 54



Avenida Joaquim Teixeira Alves no cruzamento com a Rua João Rosa Góes. Foto: Elaine Musculini. (2009)

Nas ruas João Rosa Góes e Firmino Vieira de Mattos percebemos, conforme já apontado, a concentração de serviços da saúde, como clínicas médicas, laboratórios de análises clínicas, hospitais, farmácias de manipulação, etc.

É nessa área que encontram-se dois grandes Hospitais (Santa Rita e Hospital do Coração), que atendem não apenas a pacientes residentes em Dourados, como também de cidades vizinhas. No trabalho de campo observamos que algumas vans de prefeituras de cidades como Deodópolis, Ivinhema, Glória de Dourados, dentre outras, estão constantemente vindo à cidade de Dourados para trazer pacientes a estes hospitais.

Sendo assim, a concentração de determinados tipos de atividades imprimem diferentes formas de uso das/nas ruas da área central de Dourados.

**CAPÍTULO 4**  
**OS NOVOS USOS DA/NA RUA E AS**  
**PERSISTÊNCIAS E/OU**  
**PERMANÊNCIAS**

---

Neste momento do texto um desafio se coloca: pensar os novos usos da rua e as persistências e/ou permanências.

Para Carlos (2007):

O desenvolvimento da análise sobre o momento atual se baseia no fato de que o processo de constituição da mundialização (...) transformou as relações espaço-tempo a partir das necessidades impostas pela reprodução do capital, na medida em que a técnica é, cada vez mais, uma força produtiva que transforma o espaço em distância e o tempo em duração, pois a aceleração técnica se produz como necessidade de superar a crise do capitalismo esboçada nos anos 70. (p. 63)

Em cada momento histórico, a cidade assume uma expressão e sentido diferentes, mas devemos sempre ter em mente que ela mesma é acumulação de tempos. Esses tempos – passado e presente – entram constantemente em conflito: ideias, formas, métodos de se pensar a cidade, de vivê-la. Carlos (2007) salienta que esses conflitos tendem a destruir os referenciais urbanos, e que essa destruição é produto da rapidez com que a morfologia se transforma, redefinindo a prática socioespacial.

Como já dissemos anteriormente a cidade, as ruas recriam suas formas a partir do uso do carro, da velocidade exigida por ele (exigida pelo modo de produção). Isso fica claro na fala da engenheira da Prefeitura Municipal, quando indagada sobre as alterações das/nas ruas da área central: *os carros precisam fluir*.<sup>62</sup>

Conforme aponta Carlos (2007):

A cidade produzida como negócio, aparece através do modelo da cidade do automóvel priorizando o espaço vazio da circulação onde o primado do transporte individual se impõe com força, revelando as possibilidades da construção da “cidade enquanto vias expressas”, símbolo da modernidade. Nesse contexto, o espaço público se transforma – esvaziando-se de sentido porque limita e coage os modos de apropriação –, o uso das ruas, por exemplo, modifica-se profundamente e elimina os pontos de encontro e, com isso, rompe as possibilidades do próprio encontro, enquanto a expulsão de parte dos moradores e a mudança de funções das construções

---

<sup>62</sup> Trecho da entrevista realizada em abril/2012 com a engenheira da prefeitura.

(residências que se transformam em pequenos negócios de prestação de serviços, ou mesmo estacionamentos) rompem com as antigas relações de vizinhança, propiciando a perda da sociabilidade. O esvaziamento do sentido e das possibilidades de apropriação dos espaços públicos assinala a construção dos espaços semi-públicos em substituição à rua. (p. 66)

Foi-nos relatado também que, pela pressão feita pelos comerciantes/empresários da cidade, a tendência das avenidas é “perderem” boa parte de suas árvores, uma vez que elas “atrapalham” a visibilidade das fachadas dos estabelecimentos. Outra questão que modifica incisivamente o centro da cidade, é a pavimentação<sup>63</sup> de alguns canteiros centrais, também com pressão por parte do mesmo setor econômico – serviços, comércio – que “precisam” de estacionamentos para sua clientela. *O cliente quer parar na porta da loja e descer, ele não quer ter o trabalho de andar.*<sup>64</sup>

Também foi relatado que existem projetos que pretendem transformar toda a avenida principal da cidade – Avenida Marcelino Pires – em um local sem nenhuma árvore, com seu canteiro central sendo diminuído significativamente, em cerca de 1 metro de cada lado, para a acomodação de um “corredor de ônibus”, haja vista a atual localização de alguns pontos de parada de ônibus incomodar os lojistas/empresários<sup>65</sup>.

Diante o fato relatado, perguntamos a alguns comerciantes/lojistas, o que os mesmos achavam, tanto das árvores que estavam em frente aos seus estabelecimentos, como também da localização de algumas paradas ou pontos de ônibus.

De 15 comerciantes que entrevistamos, 13 disseram que as árvores atrapalham além de “sujar” suas calçadas. Já com relação aos pontos de parada de ônibus, 10 disseram que não é esteticamente atraente para sua loja. Cinco deles disseram que o ponto de ônibus, de certa forma, contribui com o faturamento da loja, uma vez que os passageiros ficam em frente ao estabelecimento e, muitas vezes, adentram para consumir<sup>66</sup>.

---

<sup>63</sup> Impermeabilização dos canteiros centrais das ruas da área central de Dourados foi uma medida tomada pela administração pública para aumentar o número de estacionamentos. Muitos canteiros que antes eram gramados, hoje estão pavimentados.

<sup>64</sup> Trecho de entrevista realizada em abril/2012 com a Engenheira da Prefeitura Municipal de Dourados.

<sup>65</sup> Atualmente, os pontos de ônibus estão alojados em frente aos estabelecimentos comerciais da cidade.

<sup>66</sup> Estes cinco comerciantes entrevistados que defenderam a permanência dos pontos de ônibus em frente seus estabelecimentos são do ramo alimentício – lanchonetes, bares e restaurantes.

Quando soubemos, através da engenheira da Prefeitura Municipal, que o projeto em questão – corredor de ônibus – poderia vir a ser aprovado e concretizado, indagamos acerca dos pedestres. Nossa preocupação foi a de que, com o corredor de ônibus, o tráfego tende a tornar-se mais fluído e rápido, daí nosso questionamento. A engenheira respondeu-nos:

*Que pedestres? Para a dinâmica que vivemos, não existe pedestre, existem os carros, vocês não perceberam que com a adição da terceira faixa de rodagem na Avenida Marcelino Pires, não existe mais onde os ciclistas andarem? Eles precisam brigar, junto com os carros, por um espaço, correndo o risco de serem atropelados.*

Vale registrar que em meados dos anos 1970, o então prefeito mandou cortar todas as árvores que existiam na Avenida Marcelino Pires. Foi nessa época, também, que a praça central da cidade - Praça Antonio João - , foi totalmente remodelada, perdendo os referencias que outrora serviram de identificação a muitos moradores.

*A praça? Era uma coisa, de repente era outra, não tinha mais a fonte do jeito que a gente conhecia, ficou diferente. Parece que pegaram uma praça de outra cidade e colocaram aqui.<sup>67</sup>*

No mesmo sentido, a Engenheira da Prefeitura<sup>68</sup> disse:

*Foi um projeto de um arquiteto de fora, que não tinha nada a ver com a cidade, nem nunca tinha estado aqui. Trouxeram plantas que não eram daqui, enfim, foi tudo remodelado, não sobrou uma árvore sequer pra contar história. Depois disso, a praça teve outra função. Esse arquiteto utilizava arbustos baixos, algumas árvores que davam um tom bucólico à praça, tornando-a meio escura. Tanto é que a praça deixou*

---

<sup>67</sup>Trecho de entrevista realizada em março/2012 com Marta Andrade, 67 anos, cozinheira, natural de Dourados-MS.

<sup>68</sup>Trecho de entrevista realizada com a Engenheira Agrônoma da Prefeitura Municipal de Dourados.

*de ser o grande atrativo como costumava a ser. Na época da administração do prefeito Braz Mello<sup>69</sup> a praça passou por nova revitalização, mas não houve a modificação radical de sua paisagem, o intuito, naquele momento, era tornar a praça mais aprazível e aberta para a população. Em 2010, a praça passou por nova remodelagem, outra radical reforma fez com que, novamente, a praça fosse totalmente reconstruída.*

Abaixo, a partir de imagens, resgatamos as mudanças ocorridas na praça central da cidade (Praça Antonio João). Na **Foto 55**, de meados dos anos 1940, vemos a praça central cercada por um muro, as ruas ainda sem pavimentação asfáltica e poucos prédios ao redor. Na **Foto 56**, da década de 1950, visualizamos algumas charretes paradas no ponto principal que localizava-se na Praça Antonio João.

#### **FOTO55**



Praça Antônio João na década de 1940. MOREIRA. (1990).

---

<sup>69</sup> Administração da Prefeitura Municipal entre os anos 1989 a 1992 e 1993 a 1996.

## FOTO 56



Ponto de charretesPraça Antônio João, década de 1950. MOREIRA. (1990)

Outro entrevistado relata acerca da praça central:

*A praça sempre foi ali onde é hoje, desde eu criança eu lembro da praça ali, e a igreja (Catedral Imaculada Conceição) também. Mas naquela época, era só um campinho de futebol, ninguém usava ela pra lazer. A praça era fechada de arame. Naquela época era só mato, cheio de cupim. A gurizada jogava bola ali. (...)Tinha carro, mas pouco. A maioria andava a cavalo, ou carroça. Depois também teve charrete. Tinha até ponto de charreteiro, lembro de um que ficava na praça. Eu trabalhei de charreteiro uma época. Mas aí foi acabando tudo. O carro foi chegando, foi acabando. Antes era ruim, era chão. Eu cheguei um tempo a trabalhar assim, com carro, jipe, transportando as pessoas.<sup>70</sup>*

Fica claro, a partir desse depoimento, que os usos das/nas ruas da área central de Dourados, mudou. A praça era apenas um campo de futebol, usada por crianças e era fechada por muros/cercas. Nessa época também não havia muitos carros e as pessoas

---

<sup>70</sup>Trecho da entrevista realizada em março/2012 com Garibaldi Mattos, 88 anos, aposentado, morador da área central de Dourados.

costumavam andar a cavalo, carroça e até mesmo a pé. A praça foi, também, o principal ponto de charretes da cidade, que, com o passar do tempo, foi perdendo a importância.

Na imagem e depoimento que seguem podemos perceber outros usos da/na praça central da cidade.

#### FOTO 57



Fonte na Praça Antônio João, em meados dos anos 1950. MOREIRA (1990).

*Costumava ir à praça aos domingos, tinha uma fonte e a gente ficava lá. Naquele tempo existia a paquera, o pipoqueiro e as quermesses.<sup>71</sup>*

---

<sup>71</sup>Trecho de entrevista realizada em janeiro/2012 com Rosana Chencarek, 48 anos, professora da rede estadual de ensino, natural de Dourados-MS.

Mais uma vez fica evidente que o uso mudou com o passar do tempo. A fonte que aparece na **Foto57** não existe mais, bem como também não há mais as quermesses que a entrevistada relata no seu depoimento.

Nas imagens que seguem, ainda da Praça Antonio João, podemos perceber as mudanças em sua configuração. Em meados de 1970 ainda existia a fonte, uma grande quantidade de bancos e calçadas onde as pessoas circulavam. Já em meados dos anos 1980, a praça foi totalmente remodelada, dando lugar a novos equipamentos: uma fonte diferente, maior número de árvores e menos bancos. A praça também passou a ter uma área para eventos maiores e iluminação de “super-postes”.

### FOTO 58



Praça Antônio João na década de 1970. Autor desconhecido.

### FOTO 59



Praça Antônio João, década de 1980. Anuário da Prefeitura Municipal de Dourados. (1985)

Vale registrar que com a própria redução no número de bancos pode ser um indicativo da mudança de uso da praça.

Na imagem que segue, apresentamos a praça após a reforma.

#### FOTO 60



Praça Antônio João. Disponível em: <http://www.dourados.ms.gov.br>. (2012)

As novas relações tendem a imprimir sentidos diferentes daqueles que até então estavam estabelecidos, bem como podem causar estranhamento nas pessoas que vivem e fazem dessas áreas, os seus lugares.

Não foi incomum percebermos, nas falas de alguns entrevistados, que sentiam falta de algo que não mais se vive, e que se viveu em determinado momento. Alguns demonstraram sentir saudades de um tempo que ficou apenas na memória.

*Dourados cresceu, não é mesmo? Eu nem sei mais quem são meus vizinhos, e olha que já tive muitos, e eram amigos. Meus filhos brincaram nessa rua, minhas meninas desfilaram o 7 de setembro na*

*Avenida Marcelino Pires quando ainda era de chão.  
Acabou tudo isso. Mas é a vida*<sup>72</sup>.

Conforme aponta Carlos (2007):

O tempo irradiado pela técnica vira velocidade, enquanto o espaço se transmuta em distância a ser suprimida. Nesta condição, espaço e tempo, tornados abstratos, se esvaziam de sentido produzindo uma nova identidade cidadão-cidade pontuada pela constituição de uma identidade abstrata como decorrência da perda dos referenciais, do empobrecimento das relações sociais e como imposição do desenvolvimento do mundo da mercadoria definida pelos parâmetros (atuais) da reprodução do capital. (p. 64)

Em conjunto com a velocidade e dinamicidade, essas novas formas racionais e técnicas penetram no cotidiano, limitando não só nosso poder de escolher, como também de pensar. Carlos ainda aponta que *a sucessão de acontecimentos parece envolver a vida cotidiana em um turbilhão de sensações desconexas*. (2007, p. 64)

As relações entre o habitante e o lugar na cidade passam a ser estranhas, como se a vida fosse determinada por um elemento além da vontade humana, que segue sem questionamentos. Os sujeitos passam a ser meros consumidores, os lugares passam a ter a paisagem da modernidade, em que o “progresso” cria suas formas. O espaço passa a ser homogêneo ao mesmo tempo em que fragmentado e hierarquizado, que produz os novos lugares da cidade com o estabelecimento de uma nova divisão socioespacial do trabalho.

Neste contexto, assistimos à constituição de novas centralidades e o esvaziamento de outras, em função dos novos usos como consequência das mudanças nos setores econômicos. Esse processo, que se realiza de forma concentrada no espaço como uma expansão do centro tradicional, cria uma nova aliança entre o Estado e os setores privados da economia, pois é necessário planejar o espaço para a realização destas novas atividades. (CARLOS, p. 65 e 66)

---

<sup>72</sup>Trecho de entrevista realizada em abril/2012 com Luiza Moreira, 70 anos, aposentada, moradora da área central de Dourados-MS.

Essas transformações, geram novas formas que redefinem o fluxo nas e das ruas, vão gerando, não apenas centralidades diferenciadas em função do comércio, serviços e lazer, bem como as mudanças nas relações de vizinhança, conforme apontado por alguns entrevistados.

Isto posto percebemos que o esvaziamento transforma o local, onde se desenvolve a vida de relações, em mera passagem. O cotidiano passa a ser normatizado com a simples instalação de um novo semáforo. As transformações, com toda a sua complexidade, tendem a imprimir a segregação, fragmentando e homogeneizando. Para Carlos, este é um novo momento

de realização da produção, em que a indústria muda de sentido, à medida em que os processos que envolvem sua reprodução se transformam deslocando-se no espaço e cedendo lugar para novas atividades agora voltadas para o desenvolvimento de novos setores da economia exigindo uma nova relação entre o econômico e o político, principalmente no que se refere aos modos de planejar o espaço enquanto condição da reprodução destes novos setores econômicos. (2007, p. 68)

Apesar de todas essas transformações, ditadas pela nova ordem da modernidade, da velocidade, da dinâmica fluente, existe aquilo que podemos chamar de permanências e/ou resistências. Isso existe, até mesmo porque as relações não se reduzem à lógicarestrita da reprodução da força de trabalho, *a sociedade não se resume a esta função, mas ao plano do espaço urbano enquanto totalidade.* (CARLOS, 2007, p. 68)

Em algumas ruas centrais da cidade, inclusive na Avenida Marcelino Pires, foi possível constatar que essa “permanência” existe e que resiste. É o caso, por exemplo, da Casa Ono, uma mercearia que existe desde a década de 1940 na cidade.

Ao redor da mercearia não existe outro comércio semelhante. Todos mudaram suas fachadas hoje mais modernas, mais visíveis. Porém, a Casa Ono continua com a mesma configuração que tinha quando iniciou suas atividades. De acordo com um entrevistado, entrar na Casa Ono *é voltar no passado. Sinto-me como se tivesse entrado*

*numa cápsula do tempo e não estou vendo nenhum computador, nenhum objeto que me lembre os dias atuais.*<sup>73</sup>

No Anexo 12 destacamos um artigo do Jornal O Progresso em que a Casa Ono é demonstrada como desafiante da modernidade.

Também há o caso do Sr. Mário Eto, que possui uma mercearia na Rua Dr. Nelson de Araujo (no antigo calçadão). Tivemos a oportunidade de entrevistar este senhor que resiste, persiste num local que está fadado a ser tomado pela lógica da fluidez.

*Aqui já foi bom, hoje em dia claro que não tenho como competir com os grandes supermercados, mas ainda vendo uma coisinha aqui, outra coisinha ali. Geralmente para os donos de lojas vizinhas.*<sup>74</sup>

Essa mercearia também tem no seu entorno, lojas com fachadas modernas, luminosos, outdoors. O comércio do Senhor Mário Eto, que mora nos fundos da mercearia, também desafia a chamada modernidade. Na **Foto 61** podemos observar que os carros tomam conta da rua e acabam por “esconder” a pequena mercearia.

### FOTO 61



Mercearia do Sr. Mário Eto - Rua Dr. Nelson de Araujo. Foto: Elaine Musculini. (2011)

<sup>73</sup> Trecho de entrevista realizada em outubro/2011 com Eduardo Toledo, 36 anos, servidor público estadual, residente em Dourados desde 1998.

<sup>74</sup> Trecho da entrevista realizada em 14/10/2011 com Mário Eto, morador e comerciante da área central, desde 1985.

A presença da mercearia do Senhor Mário Eto, assim como da Casa Ono é reveladora de que a realidade não se reduz à lógica econômica.

As relações sociais ditam a produção espacial. Tais estabelecimentos demonstram que a produção espacial não se reduz a tendência da constituição da cidade como valor de troca, mas a cidade como obra realizada pelo homem. Carlos observa que este é o plano do cotidiano, isto é, uma construção social.

Algumas falas de entrevistados, expressam uma relação de identidade com o lugar: *Amo Dourados, é aqui meu lugar. Não me vejo morando em nenhum outro lugar. Minha vida é aqui: família, trabalho, amigos*<sup>75</sup>.

Carlos aponta que

a sociedade se organiza a partir de modos de morar, de se relacionar, de criar, o que envolve lutas e conflitos diante da constituição de uma programação da vida em meio a coações e repressões em um espaço planejado e controlado. (2007, p. 69)

Assim, há uma lógica coercitiva, mas também da liberdade, haja vista que os lugares têm formas delineadas pelas relações sociais, pelas possibilidades e limites à apropriação. A análise não pode se restringir ao plano econômico, que não explica tudo.

Conforme salienta Carlos (2007), o processo de mundialização que vivemos atualmente não apaga o local, mas sim reafirma-o, pois ele se realiza *no lugar onde a tendência de constituição de um espaço homogêneo entra em contradição com o espaço fragmentado* (p. 69). Ainda para a autora, as diferentes e muitas formas de comunicação entre espaços e pessoas tendem a produzir novas relações, estas que por sua vez podem entrar em conflito com antigas relações, e é nessa contradição que o espaço é produzido.

Apesar da tendência ser aquela da “modernização” dos lugares, ainda podemos perceber que há os que persistem, como as mercearias nas ruas da área central de Dourados, ou ainda as residências que permanecem.

É notório que vivenciamos um momento de aceleração do tempo, com mudanças rápidas e sentidas/reveladas na morfologia da cidade, modificando também a vida,

---

<sup>75</sup>Trecho de entrevista realizada em janeiro/2012 com Rosana Chencarek, 48 anos, professora da rede estadual de ensino, natural de Dourados-MS.

através a imposição de novos padrões e formas, colocados por um novo modo de apropriação do espaço urbano. *A perda dos referenciais urbanos decorrentes do processo de renovação como imagem do progresso, transforma a cidade em um instantâneo e torna a sociabilidade cada vez mais efêmera* (CARLOS, 2007, p. 70).

Necessário se faz justapor a relação espaço-temp, buscando dessa forma, as suas devidas articulações. Só dessa maneira será possível perceber e pensar a cidade, verdadeiramente, com sentido.

Apesar de todas as mudanças no uso das e nas ruas da área central de Dourados, percebemos as permanências e resistências. Seja o malabarista no semáforo ou o vendedor de ervas medicinais com seu carrinho na praça central. Também podemos perceber as permanências a partir de algumas imagens.

Na **Foto 62**, vemos dois momentos das/nas ruas da área central de Dourados. Momentos diferentes, porém, situações idênticas: o Desfile de 7 de Setembro. Na foto de meados de 1950, o desfile acontece na rua ainda sem pavimentação asfáltica e, já em 2011, a rua encontra-se asfaltada. O evento é o mesmo, só muda as configurações da rua.

## FOTO62



Desfile de 7 de Setembro na Rua João Cândido da Câmara em meados de 1950. Fotos: 1) Anuário da Prefeitura Municipal de Dourados, 1985 e 2) disponível em <http://www.msja.com.br> (2011)

Outros estabelecimentos comerciais persistiram nas ruas da área central. É o caso da Farmácia Popular (embora com a “nova” fachada – **Foto 63**), da loja A Ferragista. Outros prédios ainda possuem a mesma configuração de quando foram construídos, apesar do seu uso não ser mais o mesmo, porém, isso vem revelar que o novo e o velho, o moderno e o antigo, convivem. Há também algumas residências que resistem às novas formas de uso da rua.

### FOTO 63



Farmácia Popular em meados de 1960. Fotos: MOREIRA, 1990; Elaine Musculini.(2012)

Em matéria veiculada na Edição Especial de Aniversário do Jornal O Progresso, a Farmácia Popular foi citada como um dos estabelecimentos comerciais mais antigos da cidade. (ver Anexo 13)

O Anexo 14 também traz artigo do Jornal O Progresso, que mostra outro estabelecimento que está na cidade há mais de 50 anos: a loja A Ferragista, que diferente das mercearias do Senhor Mário Eto e Casa Ono, passou por algumas reformas que modificaram sua fachada.

Também podemos visualizar, na imagem que segue (**Foto 64**), outro estabelecimento na Avenida Marcelino Pires que persistiu ao tempo: a Banca do Jaime. Notamos mudanças na sua configuração, que agora está mais modernizada, porém ocupa o mesmo local desde seu início de atividade.

### FOTO 64



Banca do Jaime em meados de 1960 e 2012. Elaine Musculini (2012)

A **Foto 65** mostra uma das poucas residências de madeira que ainda persiste na área central de Dourados. Ela situa-se na Avenida Marcelino Pires, entre as Ruas

Quintino Bocaiuva e Albino Torraca. Podemos perceber no seu entorno, as lojas com suas fachadas coloridas. Estes cruzamentos das ruas supracitadas são comumente locais de muito movimento, tanto diurno quanto noturno.

FOTO 65



Residência na Avenida Marcelino Pires. Foto: Gabriela Musculini. (2012)

Nas imagens que seguem apresentamos matéria publicada no Jornal O Progresso, que compara os locais da cidade de Dourados.

FIGURA 11 – Artigo Jornal O Progresso



Matéria veiculada na Edição Especial – Dourados 76 Anos – do Jornal O Progresso de 19/20 de dezembro de 2011.

FIGURA12 – Artigo Jornal O Progresso



Matéria veiculada na Edição Especial – Dourados 76 Anos – do Jornal O Progresso de 19/20 de dezembro de 2011.

Os lugares das/nas ruas da cidade se criam e recriam, se renovam e se modificam a cada movimento social. Mas também não podemos reduzir todas as transformações das/nas ruas a um mero querer do dominante processo de globalização capitalista. Conforme aponta Queiroga (2003), *as ações humanas não são movidas apenas pela razão instrumental* (p. 137).

Conforme já elucidamos, o plano do econômico não explica toda a realidade, as relações não podem ser reduzidas aos rápidos e dominantes processos da globalização.

# CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

Como todo início de pesquisa, temos a tendência de achar que já sabemos o caminho a ser trilhado, bem como a audácia, talvez, de não quisermos modificar as ideias e/ou pensamentos acerca do objeto a ser pesquisado.

Quando iniciamos este trabalho, tínhamos em mente exatamente o que pretendíamos/gostaríamos de tratar, as leituras que iríamos fazer, bem como os caminhos a serem trilhados para chegar ao final tão almejado. Ledo engano: A cada nova etapa, leitura ou mera observação das/nas ruas da cidade, o objeto ressignificava-se, desenhava novos caminhos.

Para “fechar” algumas ideias, andamos pelas ruas do centro da cidade, com o intuito não só de ratificar algumas situações, como também no sentido da “despedida”. Pode parecer um tanto melancólico, e talvez seja este mesmo o teor dessas últimas visitas.

Demo-nos o direito de apenas sentar na praça central (Praça Antonio João) e observar desde o pipoqueiro, que ali trabalha há 20 anos, até o transeunte que, esporadicamente, por ali passa. Com algumas fotografias antigas nas mãos, foi possível constatar, realmente, que o centro urbano da cidade de Dourados mudou, transformou-se, obteve novos significados.

De um mero povoado, transformou-se numa cidade que hoje é referência em vários setores (na área da saúde, educação superior, entre outros). Interessante observar, também, como esses novos significados são ditados por uma ordem que não é interna à cidade, mas uma ordem distante. As marcas, os nomes comerciais, as tendências, a moda, os costumes, tudo tende à mudanças que gradativamente “engolem” o que antes era apenas local, e que agora passa a ser global, homogêneo.

Iniciamos a pesquisa pensando ser a rua apenas o lugar produzido e reproduzido a partir do fazer e do viver dos sujeitos locais. Uma visão que tem sua verdade, mas não explica o todo, os porquês e as novas transformações na e da cidade.

O lugar é feito (e refeito) também a partir de uma lógica que não está ali, no centro da cidade. Também é produzido pela ordem global, pelo Estado, pelos grandes empreendimentos, pela “novidade”, pela busca incessante do novo, do moderno, do cômodo e da velocidade.

Essa nova lógica impõe modificações nas avenidas, que agora precisam ter um tráfego mais eficaz e rápido. Os costumes antigos, como caminhar a pé, ou utilizar as bicicletas como um meio de transporte, passam a ser dificultado nas ruas que são moldadas para trafegar os carros. As calçadas transformam-se em verdadeiros depósitos

de mesas, cadeiras e gôndolas de restaurantes, lanchonetes e lojas de variados segmentos, tornando assim, a passagem do pedestre mais difícil.

Vivemos hoje em lugares vulneráveis à influência de um mundo mais amplo, mas ainda existe a resistência oferecida por cada um desses lugares. Essas resistências é que permitem a diferenciação do lugar. Ainda existem os pipoqueiros, os carrinhos de cachorro quente, os vendedores ambulantes de mercadorias diversas nas ruas da área central da cidade.

Vimos, ainda, a persistência de atividades consideradas de outros tempos, como, por exemplo, as mercearias, os sapateiros, os engraxates. Poucos, mas ainda resistem à nova lógica global.

Em meio a essa lógica global, vislumbramos a existência de empreendimentos de rede nacional, como é o caso da rede de lojas Magazine Luiza, Casas Bahia, Riachuelo, dentre outras. Esses estabelecimentos convivem com outros menores e de capital local, alguns, conforme já citado, que datam da formação da cidade – Farmácia Popular, A Ferragista, Casa Ono, etc.

Assim, a rua é usada e transformada a todo instante, seja por determinações de ordens distantes, como também por formas de uso que fogem à regra da globalização.

Por considerar que o plano do econômico não explica tudo, além de analisar as ruas como concentração de população, de produção, de atividades e serviços e de mercadorias, precisamos, também, analisá-las a partir do cotidiano, que é o centro do acontecer, onde vislumbramos o viver e o fazer, que fogem ao processo homogeneizador, marcando uma resistência à lógica imposta.

# **BIBLIOGRAFIA**

---

ABRAHÃO, Sérgio Luís. **Espaço público**:do urbano ao político. São Paulo: Annablume-FAPESP, 2008.

ANDRADE, Manuel Correia de. **A questão do território no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1995.

ARAKAKI, Suzana.**Dourados**: memórias e representações de 1964. Campo Grande: Editora da UFMS, 2008.

ARANTES, Otília Beatriz Fiori et al. **A cidade do pensamento único**:desmanchando consensos. Petrópolis: Vozes, 2002.

BARCELLOS, Frederico Roza.**Espaço e lugar**: o olhar geográfico machadiano sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do século XX.UFRJ – 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Rio de Janeiro.

BONNEMAISON, Joel. Viagem em torno do território. *In*: CORREA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**:lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUTTNER, A. Aprendendo o dinamismo do mundo vivido. *In*: **Perspectivas da Geografia**. CHRISTOFOLETTI, Antonio Carlos (org.). São Paulo: Difel, 1985, p. 165-193.

CALIXTO, Maria José Martinelli Silva. O papel exercido pelo poder público local na (re)definição do processo de produção, apropriação e consumo do espaço urbano em Dourados-MS. Presidente Prudente, 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP.

\_\_\_\_\_. **Produção, apropriação e consumo do espaço urbano**: uma leitura geográfica da cidade de Dourados-MS. Campo Grande: EdUFMS, 2004.

CALIXTO, Maria José Martinelli Silva (org.). **O espaço urbano em redefinição: cortes e recortes para a análise dos entremeios da cidade**. Dourados: Editora da UFGD, 2008.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A (re) produção do espaço urbano**. São Paulo: Edusp, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: contexto, 1996.

\_\_\_\_\_. **Espaço-tempo na metrópole**. São Paulo: Contexto, 2001.

\_\_\_\_\_. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

\_\_\_\_\_. **A (re)produção do espaço urbano**. São Paulo: EDUSP, 2008.

\_\_\_\_\_. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2009.

CARLOS, Ana Fani A.; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação B. (Orgs.). **A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. Editora Vozes: Petrópolis, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (Orgs.). **Geografia: Conceitos e Temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COSGROVE, D. Place, landscape and the dialectics of cultural geography. **The Canadian Geographer**, XXII (1), p.66-72, 1978.

DAMATTA, Roberto. **A casa e a rua.** Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DOURADOS. **Lei de uso e ocupação do solo de Dourados – MS,** 1990.

DOURADOS. **Lei orgânica do município de Dourados – MS,** 1990.

DOURADOS. Anuário da Prefeitura Municipal de Dourados, 1985.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ERNANDES, Mercolis Alexandre. **A construção da identidade douradense:** (1920 a 1990). Dourados, 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados - FCH.

FERREIRA, Luiz Felipe. Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo. **Revista Território.** Rio de Janeiro, 2000, ano V, nº 9, p. 65-83.

FERREIRA, Willian Rodrigues. **O espaço público nas áreas centrais:** as ruas como referência. São Paulo, 2002. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo.

FRÚGOLI, Heitor; ANDRADE, Luciana Teixeira de; PEIXOTO, Fernanda Arêas (Orgs). **As cidades e seus agentes:** práticas e representações. Belo Horizonte: PUC Minas/Edusp, 2006.

GOMES, Paulo César da Costa. **A condição urbana:** ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

GRESSLER, Lori Alice. **Memória de Dourados:** ruas, edifícios e logradouros públicos. Dourados: Prefeitura Municipal, 1996.

GRESSLER, Lori Alice.; SWENSSON, Luis. J. **Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul:** destaque especial ao Município de Dourados. Dourados: Prefeitura Municipal, 1988.

HARTSHORNE, D. **Questões sobre a Natureza da Geografia.** Rio de Janeiro: Instituto Panamericano de Geografia e História, 1979.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço.** São Paulo: Annablume, 2006.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 1992.

HEIDRICH, Álvaro. Luiz; COSTA, Benhur Pinós; PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; UEDA, Vanda. (Orgs). **A emergência da multiterritorialidade:** a resignificação da relação do humano com o espaço. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

HOLZER, Werther. O lugar na Geografia Humanista. **Revista Território.** Rio de Janeiro, 1999, ano IV, nº 7, p. 67-78.

<http://www.midiams.com.br>

<http://www.pulsarimagens.com.br>

<http://www.oprogreso.com.br>

<http://www.dourados.ms.gov.br>

<http://www.radiocoracao.org>.

<http://www.douradosnews.com.br>

<http://www.msja.com.br>

<http://www.opalass.com.br>.

JORNAL O PROGRESSO. Dourados-MS.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Editora Centauro, 2001.

\_\_\_\_\_. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEITE, Adriana Filgueira. **O lugar**: duas acepções geográficas. Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ. Volume 21 – 1998, p. 09-20.

MARTINS, José de S. (org.). **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MELLO, João Baptista Ferreira de. Geografia Humanística: a perspectiva da experiência vivida e uma crítica radical ao positivismo. In: **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, 52 (4) 91-115, out./dez.1990.

MOREIRA, Regina H. Targa. **Memória fotográfica de Dourados**. Campo Grande: Editora UFMS, 1990.

MUSCULINI, Elaine Cristina. **Dos Territórios aos Espaços Vividos**: A Multiterritorialidade dos Fazeres e Viveres na Avenida Joaquim Teixeira Alves em Dourados-MS. Dourados, 2009. Monografia (Graduação em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados.

OLIVEIRA NETO, Antonio Firmino. de. **A rua e a cidade**. Campo Grande: Editora UFMS, 2005.

PESAVENTO, Sandra. J. **O espetáculo da rua**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.

QUEIROGA, Eugenio Fernandes. O lugar da praça: espacialidades contemporâneas na megalópole do sudeste brasileiro. In: **Território brasileiro uso e abusos**. Campinas: Edições Territorial, 2003.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RELPH, Edward. **Place and placelessness**. London. Pion, 1976.

\_\_\_\_\_. As bases fenomenológicas da geografia. **Geografia**, 4 (7): 1-25, 1979.

RIBEIRO, Guilherme. **A Geografia testemunha a História: paisagem, região e interdisciplinaridade em Marc Bloch**. Revista de História Regional, volume 14, número 2. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2009.

ROMERO, Hamilton. **O papel do Shopping Avenida Center no processo de redefinição da centralidade urbana em Dourados – MS**: Dourados, 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados

SANT'ANNA, Marcus Vinícius. Outras centralidades, outros territórios: repensando a ideia de lugar. **Revista de Artes e Humanidades** – n.4- maio-outubro/2009.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo. Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço**. São Paulo: Edusp, 1994.

\_\_\_\_\_. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 1996.

SANTOS, Carlos Nelson F. **A cidade como um jogo de cartas**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1985.

SERPA, Angelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2008.

SILVA, Mário Cezar Tompes da. Silva. **Os novos rumos da política habitacional e o processo de urbanização de Dourados**. São Paulo. 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – FFLCH/USP.

SILVA, José Borzacchiello da. Planejamento urbano e crise das cidades. **Terra Livre**, São Paulo, v. 1, n. 30, p.53-78, 2008. Ano 24.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida de (Org.). **Território brasileiro usos e abusos**. Campinas: Edições Territorial, 2003.

SOUZA, Roney Salina de. **Uma vida entre dois mundos: imigrantes sírios e libaneses em Dourados (1910-1980)**. Dourados, 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. **A urbanização no Brasil**. São Paulo: CENP, 1983.

\_\_\_\_\_. **Capitalismo e urbanização**. São Paulo:Contexto, 1988.

\_\_\_\_\_. **O centro e as formas de expressão da centralidade urbana**. Revista Geografia 10: 1-18. São Paulo, 1991.

\_\_\_\_\_. **A cidade e seus territórios**. In: Anais do 5º Congresso Brasileiro de Geógrafos, Curitiba, 1994, p. 175-179.

\_\_\_\_\_. Reflexões sobre a natureza da segregação espacial nas cidades contemporâneas. **Revista de Geografia**, Dourados, AGB, n. 4,p.71-85, 1996.

\_\_\_\_\_. A gestão do território e as diferentes escalas da centralidade urbana. **Revista Território**, São Paulo, n. 4, p.27-37, Ano 3, 1998.

STOER, Stephen R. **Os lugares da exclusão social:** um dispositivo de diferenciação pedagógica. São Paulo: Cortez, 2004.

TUAN, Yi Fu. Place: an experimental perspective. **Geographical Review**, 65 (2): 151-165, 1975.

\_\_\_\_\_. **Espaço e lugar:** a perspectiva da experiência. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

YAMASHITA, Ana Cristina. **As dinâmicas de produção no campo e seus desdobramentos em Dourados - MS.** Uma contribuição para a análise de uma cidade média. Dourados, 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados.

# ANEXOS

---

## ANEXO 01

**QUADRO 01 - Atividades na Avenida Weimar Gonçalves Torres**

CNAE 2.0 - subclasses*	QUANTIDADE ABSOLUTA
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e agricultura	
Indústrias extrativas	
Indústrias de transformação	
Eletricidade e gás	
Água, esgoto, atividades de gestão e descontaminação e construção	
Reparação de veículos automotores e descontaminação	01
Comércio;	74
Transporte, armazenagem e correio	01
Alojamento e alimentação	21
Informação e comunicação	01
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	04
Atividades imobiliárias	02
Atividades profissionais, científicas e técnicas	18
Atividades administrativas e serviços complementares	07
Administração pública, defesa e seguridade social	
Educação	01
Saúde humana e serviços sociais	
Artes, cultura, esporte e recreação	
Outras atividades de serviços	05
Serviços domésticos	
Organismos Internacionais e outras instituições extraordinárias	
<b>TOTAL</b>	
*CNAE (Classificação Nacional das Atividades Econômicas) – IBGE	

Pesquisa realizada em Outubro/2011 na Avenida Weimar Gonçalves Torres. Dados coletados por Célia Zerbato, Ucleber Costa, Bruno Moreno, Francisco Queiroz, Cleityane Sabino, Elaine Musculini como parte integrante de um trabalho de campo coordenado pelo Prof. Drº William Ribeiro da Silva – URFJ. A pesquisa de campo complementa os estudos da disciplina ‘**Centralidade e novas estratégias espaciais de consumo**’, realizada de 21 a 30 de Setembro na Universidade Federal da Grande Dourados – MS no Programa de Pós-Graduação em Geografia.

## ANEXO 02

**QUADRO 02 - Atividades na Avenida Marcelino Pires**

CNAE 2.0 - subclasses*	QUANTIDADE ABSOLUTA
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e agricultura	
Indústrias extrativas	
Indústrias de transformação	
Eletricidade e gás	
Água, esgoto, atividades de gestão e descontaminação e construção	
Reparação de veículos automotores e descontaminação	
Comércio;	162
Transporte, armazenagem e correio	02
Alojamento e alimentação	21
Informação e comunicação	
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	03
Atividades imobiliárias	
Atividades profissionais, científicas e técnicas	09
Atividades administrativas e serviços complementares	
Administração pública, defesa e seguridade social	01
Educação	
Saúde humana e serviços sociais	
Artes, cultura, esporte e recreação	
Outras atividades de serviços	02
Serviços domésticos	
Organismos Internacionais e outras instituições extraordinárias	
<b>TOTAL</b>	
*CNAE (Classificação Nacional das Atividades Econômicas) – IBGE	

Pesquisa realizada em Outubro/2011 na Avenida Marcelino Pires. Dados coletados por Célia Zerbato, Ucleber Costa, Bruno Moreno, Francisco Queiroz, Cleityane Sabino, Elaine Musculini como parte integrante de um trabalho de campo coordenado pelo Prof. Drº William Ribeiro da Silva – URFJ. A pesquisa de campo complementa os estudos da disciplina ‘**Centralidade e novas estratégias espaciais de consumo**’, realizada de 21 a 30 de Setembro na Universidade Federal da Grande Dourados – MS no Programa de Pós-Graduação em Geografia.

### ANEXO 03

**QUADRO 03 - Atividades na Avenida Joaquim Teixeira Alves**

CNAE 2.0 - subclasses*	QUANTIDADE ABSOLUTA
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e agricultura	5
Indústrias extrativas	
Indústrias de transformação	
Eletricidade e gás	
Água, esgoto, atividades de gestão e descontaminação e construção	
Reparação de veículos automotores e descontaminação	6
Comércio;	83
Transporte, armazenagem e correio	1
Alojamento e alimentação	2
Informação e comunicação	1
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	16
Atividades imobiliárias	2
Atividades profissionais, científicas e técnicas	22
Atividades administrativas e serviços complementares	2
Administração pública, defesa e seguridade social	3
Educação	4
Saúde humana e serviços sociais	1
Artes, cultura, esporte e recreação	2
Outras atividades de serviços	7
Serviços domésticos	
Organismos Internacionais e outras instituições extraordinárias	5
<b>TOTAL</b>	<b>162</b>
*CNAE (Classificação Nacional das Atividades Econômicas) – IBGE	

Pesquisa realizada em Outubro/2011 na Avenida Joaquim Teixeira Alves. Dados coletados por Célia Zerbato, Ucleber Costa, Bruno Moreno, Francisco Queiroz, Cleityane Sabino, Elaine Musculini como parte integrante de um trabalho de campo coordenado pelo Prof. Drº William Ribeiro da Silva – URFJ. A pesquisa de campo complementa os estudos da disciplina ‘**Centralidade e novas estratégias espaciais de consumo**’, realizada de 21 a 30 de Setembro na Universidade Federal da Grande Dourados – MS no Programa de Pós-Graduação em Geografia.

## ANEXO 04

**QUADRO 04 - Atividades nas Ruas Firmino Vieira de Matos e João Rosa Góes**

CNAE 2.0 - subclasses*	QUANTIDADE ABSOLUTA
Agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e agricultura	
Indústrias extrativas	
Indústrias de transformação	
Eletricidade e gás	
Água, esgoto, atividades de gestão e descontaminação e construção	
Reparação de veículos automotores e descontaminação	
Comércio;	15
Transporte, armazenagem e correio	
Alojamento e alimentação	
Informação e comunicação	10
Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados	6
Atividades imobiliárias	
Atividades profissionais, científicas e técnicas	3
Atividades administrativas e serviços complementares	
Administração pública, defesa e seguridade social	
Educação	8
Saúde humana e serviços sociais	35
Artes, cultura, esporte e recreação	
Outras atividades de serviços	10
Serviços domésticos	
Organismos Internacionais e outras instituições extraordinárias	
<b>TOTAL</b>	
*CNAE (Classificação Nacional das Atividades Econômicas) – IBGE	87

Pesquisa realizada em Outubro/2011 na Avenida Joaquim Teixeira Alves. Dados coletados por Célia Zerbato, Ucleber Costa, Bruno Moreno, Francisco Queiroz, Cleityane Sabino, Elaine Musculini como parte integrante de um trabalho de campo coordenado pelo Prof. Drº William Ribeiro da Silva – URFJ. A pesquisa de campo complementa os estudos da disciplina ‘**Centralidade e novas estratégias espaciais de consumo**’, realizada de 21 a 30 de Setembro na Universidade Federal da Grande Dourados – MS no Programa de Pós-Graduação em Geografia.

## ANEXO 05

**TABELA 02 - Avenida Weimar Gonçalves Torres e Rua João Rosa Góes – Idade dos frequentadores.**

<b>Idade</b>	<b>Av. Weimar G. Torres</b>	<b>%</b>	<b>R. João R. Góes</b>	<b>%</b>
Menos de 18 anos	1	5	1	5
De 18 a 25 anos	0	0	7	35
De 26 a 35 anos	4	20	4	20
De 36 a 60 anos	13	65	6	30
Mais de 61 anos	2	10	2	10
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

Pesquisa realizada em Outubro/2011 na Avenida Weimar Gonçalves Torres. Dados coletados por Célia Zerbato, Ucleber Costa, Bruno Moreno, Francisco Queiroz, Cleityane Sabino, Elaine Musculini como parte integrante de um trabalho de campo coordenado pelo Prof. Drº William Ribeiro da Silva – URFJ. A pesquisa de campo complementa os estudos da disciplina ‘**Centralidade e novas estratégias espaciais de consumo**’, realizada de 21 a 30 de Setembro na Universidade Federal da Grande Dourados – MS no Programa de Pós-Graduação em Geografia.

## ANEXO 06

**TABELA 03 - Avenida Weimar Gonçalves Torres e Rua João Rosa Góes –  
Definição por sexo dos frequentadores.**

<b>Sexo</b>	<b>Av. Weimar G. Torres</b>	<b>%</b>	<b>R. João R. Góes</b>	<b>%</b>
Maculino	14	70	8	40
Feminino	6	30	12	60
Total	20	100	20	100

Pesquisa realizada em Outubro/2011 na Avenida Weimar Gonçalves Torres. Dados coletados por Célia Zerbato, Ucleber Costa, Bruno Moreno, Francisco Queiroz, Cleityane Sabino, Elaine Musculini como parte integrante de um trabalho de campo coordenado pelo Prof. Drº William Ribeiro da Silva – URFJ. A pesquisa de campo complementa os estudos da disciplina '**Centralidade e novas estratégias espaciais de consumo**', realizada de 21 a 30 de Setembro na Universidade Federal da Grande Dourados – MS no Programa de Pós-Graduação em Geografia.

## ANEXO 07

**TABELA 04 - Avenida Weimar Gonçalves Torres e Rua João Rosa Góes – Renda média familiar dos frequentadores.**

<b>Renda Familiar</b>	<b>Av. Weimar G. Torres</b>	<b>%</b>	<b>R. João R. Góes</b>	<b>%</b>
Até 3 salários	17	85	9	45
Entre 3 e 10 salários	3	15	8	40
Entre 11 e 20 salários	0	0	2	10
Acima de 20 salários	0	0	1	5
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

Pesquisa realizada em Outubro/2011 na Avenida Weimar Gonçalves Torres. Dados coletados por Célia Zerbato, Ucleber Costa, Bruno Moreno, Francisco Queiroz, Cleityane Sabino, Elaine Musculini como parte integrante de um trabalho de campo coordenado pelo Prof. Drº William Ribeiro da Silva – URFJ. A pesquisa de campo complementa os estudos da disciplina '**Centralidade e novas estratégias espaciais de consumo**', realizada de 21 a 30 de Setembro na Universidade Federal da Grande Dourados – MS no Programa de Pós-Graduação em Geografia.

## ANEXO 08

**TABELA 05 - Avenida Marcelino Pires – Idade dos frequentadores.**

<b>Idade</b>	<b>Av. Marcelino Pires</b>	<b>%</b>
Menos de 18 anos	01	5
De 18 a 25 anos	01	5
De 26 a 35 anos	08	40
De 36 a 60 anos	08	40
Mais de 61 anos	02	10
<b>Total</b>	<b>20</b>	<b>100</b>

Pesquisa realizada em Outubro/2011 na Avenida Weimar Gonçalves Torres. Dados coletados por Célia Zerbato, Ucleber Costa, Bruno Moreno, Francisco Queiroz, Cleityane Sabino, Elaine Musculini como parte integrante de um trabalho de campo coordenado pelo Prof. Drº William Ribeiro da Silva – URFJ. A pesquisa de campo complementa os estudos da disciplina '**Centralidade e novas estratégias espaciais de consumo**', realizada de 21 a 30 de Setembro na Universidade Federal da Grande Dourados – MS no Programa de Pós-Graduação em Geografia.

## ANEXO 09

**TABELA 06 - Avenida Marcelino Pires – Definição por sexo dos frequentadores.**

Sexo	Av. Marcelino Pires	%
Maculino	14	70
Feminino	06	30
Total	20	100

Pesquisa realizada em Outubro/2011 na Avenida Weimar Gonçalves Torres. Dados coletados por Célia Zerbato, Ucleber Costa, Bruno Moreno, Francisco Queiroz, Cleityane Sabino, Elaine Musculini como parte integrante de um trabalho de campo coordenado pelo Prof. Drº William Ribeiro da Silva – URFJ. A pesquisa de campo complementa os estudos da disciplina '**Centralidade e novas estratégias espaciais de consumo**', realizada de 21 a 30 de Setembro na Universidade Federal da Grande Dourados – MS no Programa de Pós-Graduação em Geografia.

## ANEXO 10

**TABELA 07 - Avenida Marcelino Pires – Renda média familiar dos frequentadores.**

<b>Renda Familiar</b>	<b>Av. Marcelino Pires</b>	<b>%</b>
Até 3 salários	17	85
Entre 3 e 10 salários	03	15
Entre 11 e 20 salários	0	0
Acima de 20 salários	0	0
Total	20	100

Pesquisa realizada em Outubro/2011 na Avenida Weimar Gonçalves Torres. Dados coletados por Célia Zerbato, Ucleber Costa, Bruno Moreno, Francisco Queiroz, Cleityane Sabino, Elaine Musculini como parte integrante de um trabalho de campo coordenado pelo Prof. Drº William Ribeiro da Silva – URFJ. A pesquisa de campo complementa os estudos da disciplina '**Centralidade e novas estratégias espaciais de consumo**', realizada de 21 a 30 de Setembro na Universidade Federal da Grande Dourados – MS no Programa de Pós-Graduação em Geografia.

## ANEXO 11

### QUADRO 05 - Avenida Marcelino Pires – Procedência de frequentadores da área central

Cidade de residência	Bairro de origem	Número de residente
Dourados – MS	Estrela Verá	01
Dourados – MS	Jd. Caramuru	01
Dourados – MS	Jd. Flórida II	01
Dourados – MS	Canaã - 4	01
Dourados – MS	Jd. Maracanã	01
Dourados – MS	Cachoeirinha	02
Dourados – MS	Jd. Novo Horizonte	01
Dourados – MS	BNH - 1º Plano	01
Dourados – MS	BNH – 4º Plano	01
Dourados – MS	Parque das Nações II	02
Dourados – MS	Jd. Guaicurus	01
Dourados – MS	Erundina II	01
Dourados – MS	São Francisco	01
Três Lagoas - MS	-	01
Campo Grande - MS	-	01
Coronel Sapucaia - MS	-	01
Douradina - MS	-	01
Londrina – PR	-	01
Total		20

Pesquisa realizada em Outubro/2011 na Avenida Joaquim Teixeira Alves. Dados coletados por Célia Zerbato, Ucleber Costa, Bruno Moreno, Francisco Queiroz, Cleityane Sabino, Elaine Musculini como parte integrante de um trabalho de campo coordenado pelo Prof. Drº William Ribeiro da Silva – URFJ. A pesquisa de campo complementa os estudos da disciplina ‘**Centralidade e novas estratégias espaciais de consumo**’, realizada de 21 a 30 de Setembro na Universidade Federal da Grande Dourados – MS no Programa de Pós-Graduação em Geografia.

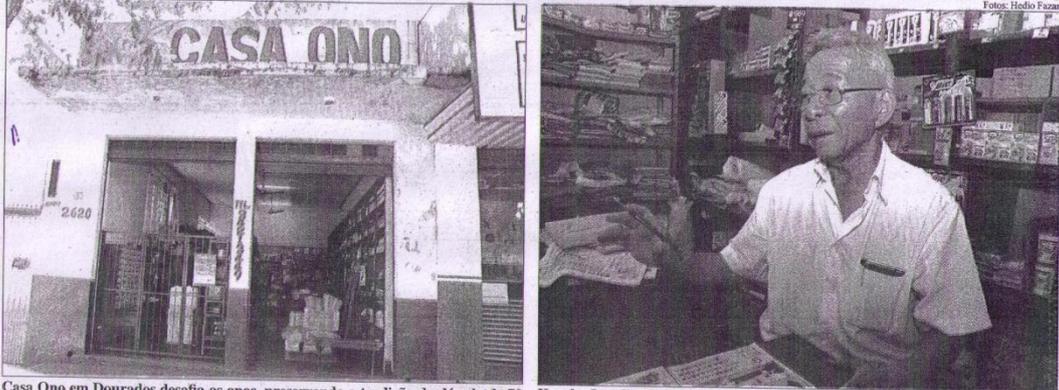
FIGURA 13 – Artigo Jornal O Progresso

Mercearia

# Casa Ono desafia a modernidade

Após 40 anos, é um dos poucos estabelecimentos da cidade que preserva a mesma arquitetura

Fotos: Hedio Fazan



**Casa Ono em Dourados desafia os anos, preservando a tradição da década de 70**

Mari Lange

**D**OURADOS – Um dos mais antigos empreendimentos instalados em Dourados, a Casa Ono preserva a arquitetura, incluindo a mesma fachada desde a abertura do estabelecimento no ano de 1970.

O proprietário, Kosuke Ono, que chegou ao Brasil em 1953 vindo do Japão, se fixou em Dourados no começo dos anos 70. Foi nesta época que o concu-

nhado Eisei Fujinaka transferiu o seu estabelecimento, conhecido como "Casa Katayama", instalada em 1953, para o controle de Kosuke Ono, que passou a se chamar "Casa Ono".

Desde que foi criado, o estabelecimento nunca mudou de lugar, bem como as instalações, que continuam as mesmas, desafiando o tempo. Mesmo com toda a modernidade e tecnologia batendo à porta, o "seo Ono", como é conhecido, diz que não quer

mudar em nada. "Sou teimoso mesmo, prefiro manter do jeito que foi criada", completa ele.

Ele diz que perdeu muitos clientes por causa da forte concorrência ao longo de todos esses anos, mas ainda mantém uma clientela cativa, principalmente de sítiantes da região e da colônia japonesa que não dispensam

**Casa Ono traz uma variedade de produtos da culinária japonesa**

os produtos que trazem o gosto do Japão.

Sim, porque é um dos poucos estabelecimentos de Dourados que oferece uma variedade de produtos para se preparar pratos da culinária japonesa. Além disso, é na Casa Ono que se encontram jornais e revistas editados no idioma japonês.

Ono explica que o jornal Nikkey Shimbun, editado em São Paulo, traz uma variedade de notícias escritas só em japonês. Já as revistas vêm direto do Japão, de navio, trazendo informações variadas sobre o dia a dia, acontecimentos, atrativos para mulher, crianças, jovens, culinária, entre outros. "Muitos idosos da colônia japonesa preferem ler as revistas e jornais escritos em japonês", explica.

Ono diz que foi através da mercearia que conseguiu criar seus filhos, hoje casados e pais. Atualmente, ele diz que não consegue sobreviver apenas com a renda do mercadinho, mas que vai mantê-lo do jeito que está, com as velhas prateleiras e balcões que trazem a lembrança dos anos que Dourados começava a despontar para o desenvolvimento. Para Ono, é uma maneira de resgatar um pouco da cidade dos anos que foram "dourados".

Matéria veiculada na Edição Especial – Dourados 75 Anos – do Jornal O Progresso de 17/18 de dezembro de 2010.

FIGURA 14 – Artigo Jornal O Progresso

Tradição

# Farmácia Popular celebra 61 anos

Empresa mais antiga do comércio de Dourados já é administrada pela terceira geração da mesma família

Hedio Fazzin e Arquivo pes



**A Farmácia Popular resistiu às dificuldades do comércio e persiste há 61 anos**

Ana Paula Amaral

**D**OURADOS – Nenhuma empresa representa a força do comércio de Dourados de forma tão efetiva décadas.

A Farmácia Popular foi fundada por iniciativa de Antonio Alves Rocha, também conhecido como “Nhonhô”. Hoje, passados 61 anos, o grupo de lojas da Farmácia casa em casa”, conta ele.

Outra curiosidade é que, há seis décadas, a maior parte era manipulada na própria farmácia, já que havia poucas opções de remédios produzidos em alta escala. “A farmácia funcionava mais ou menos como um posto de saúde e o farmacêutico era quase um médico”, conta René. Hoje, as farmácias e drogarias apenas vendem os medicamentos, já receitados pelos médicos e especialistas.

Antes de René, que assumiu a gerência em 1988, a Farmácia Popular também foi administrada pelo pai dele, René Rocha.

Segundo René Rocha Filho, outra mudança efetiva está no papel das farmácias com o passar dos anos. “Antes, a violência está no topo da lista das maiores dificuldades enfrentadas pelo comércio. Somente este ano, segundo ele, já foram cinco arrombamentos e um assalto à mão armada

– o que, além do prejuízo, ger insegurança entre funcionário e clientes. “Somos obrigado a pagar pela segurança, um serviço que é dever do Estado” reclama.

A clandestinidade no setor é outro empecilho enfrentado pelos empresários, diz ele. Por isso, René defende que as farmácias operem dentro um mesmo padrão, inclusive sem propaganda de medicamentos, modelo vigente na França. “Com isso, a concorrência seria mais acirrada, mas também mais honesta”, defende.

**DIFICULDADES**

Matéria veiculada na Edição Especial – Dourados 75 Anos – do Jornal O Progresso de 17/18 de dezembro de 2010.

FIGURA 15 – Artigo Jornal O Progresso

Mercado ▾

# 'A Ferragista' atende a cidade e o campo

Empresa familiar comercializa máquinas e ferragens de todos os tipos há 52 anos em Dourados

Há 52 anos em Dourados, "A Ferragista" é uma empresa familiar de segunda geração que aos poucos foi definindo o seu nicho de mercado. Fundada por José Bonilha da Cruz (in memorian), em 1958, já

**Empresa familiar de 2ª geração, A Ferragista continua na Marcelino**

primeiros anos de criação, como materiais de construção, tintas e ferragens em geral.

Com o crescimento da cidade e o aparecimento de novas empresas na região central, "A Ferragista" optou pela segmentação, para vender máquinas e ferramentas. Instalada desde a sua fundação na Avenida Marcelino Pires, esquina com a Camilo

Hermelindo da Silva, a empresa participa do desenvolvimento e da história de Dourados ao longo de cinco décadas.

Célia Regina Bonilha Botelho e Rita Elizabeth Favaro Bonilha são sócias-proprietárias de A Ferragista, juntamente com a mãe Olga Favaro Bonilha, de 85 anos, que até hoje faz questão de trabalhar na empresa. Olga fica no caixa e conta com a colaboração de um auxiliar.

Com a morte do pai, em 1992, as irmãs Célia e Rita assumiram a direção da empresa. Elas abandonaram suas profissões (Célia era professora e Rita, farmacêutica) para se dedicarem ao negócio da família. "Não foi fácil, pois nosso pai não deixava a gente trabalhar com ele, já que o público-alvo sempre foi em sua maioria masculino", disse Célia Regina. Com o apoio do marido João, que tornou-se gerente, Célia e a irmã tocam A Ferragista, com a ajuda dos funcionários.

Coordenando o setor administrativo, Célia tem pouco contato com os clientes, tarefa que preferiu deixar para o marido e os atendentes. "Meu pai sempre

Hermelindo da Silva, a empresa participa do desenvolvimento e da história de Dourados ao longo de cinco décadas.

Célia Regina Bonilha Botelho e Rita Elizabeth Favaro Bonilha são sócias-proprietárias de A Ferragista, juntamente com a mãe Olga Favaro Bonilha, de 85 anos, que até hoje faz questão de trabalhar na empresa. Olga fica no caixa e conta com a colaboração de um auxiliar.

Com a morte do pai, em 1992, as irmãs Célia e Rita assumiram a direção da empresa. Elas abandonaram suas profissões (Célia era professora e Rita, farmacêutica) para se dedicarem ao negócio da família. "Não foi fácil, pois nosso pai não deixava a gente trabalhar com ele, já que o público-alvo sempre foi em sua maioria masculino", disse Célia Regina. Com o apoio do marido João, que tornou-se gerente, Célia e a irmã tocam A Ferragista, com a ajuda dos funcionários.

Coordenando o setor administrativo, Célia tem pouco contato com os clientes, tarefa que preferiu deixar para o marido e os atendentes. "Meu pai sempre

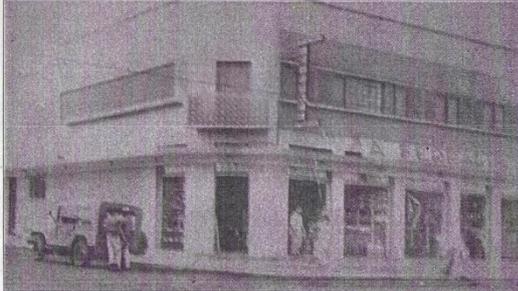
foi organizado. Isso facilitou tocarmos adiante a empresa", ressalta, dizendo que ela e a irmã fizeram questão de preservar o interior da loja onde fica à mostra, na parede, os diferentes tipos de ferramentas, cujos demais exemplos estão dentro de uma caixa anexada na própria parede.

O tempo passou e com o segmento especializado em máquinas e ferramentas, A Ferragista atende Dourados e região com produtos diversificados de parafusos, arames, telas, lonas, cortadores de grama, entre outros. Atende também as oficinas mecânicas. Na região forte no agronegócio, a clientela da empresa é grande e fiel, desde a época do fundador José Bonilha da Cruz.

**A Ferragista começou vendendo de tudo nos primeiros anos de criação, em 1958**

**Empresa está instalada desde sua fundação na Marcelino com a Camilo Hermelindo**

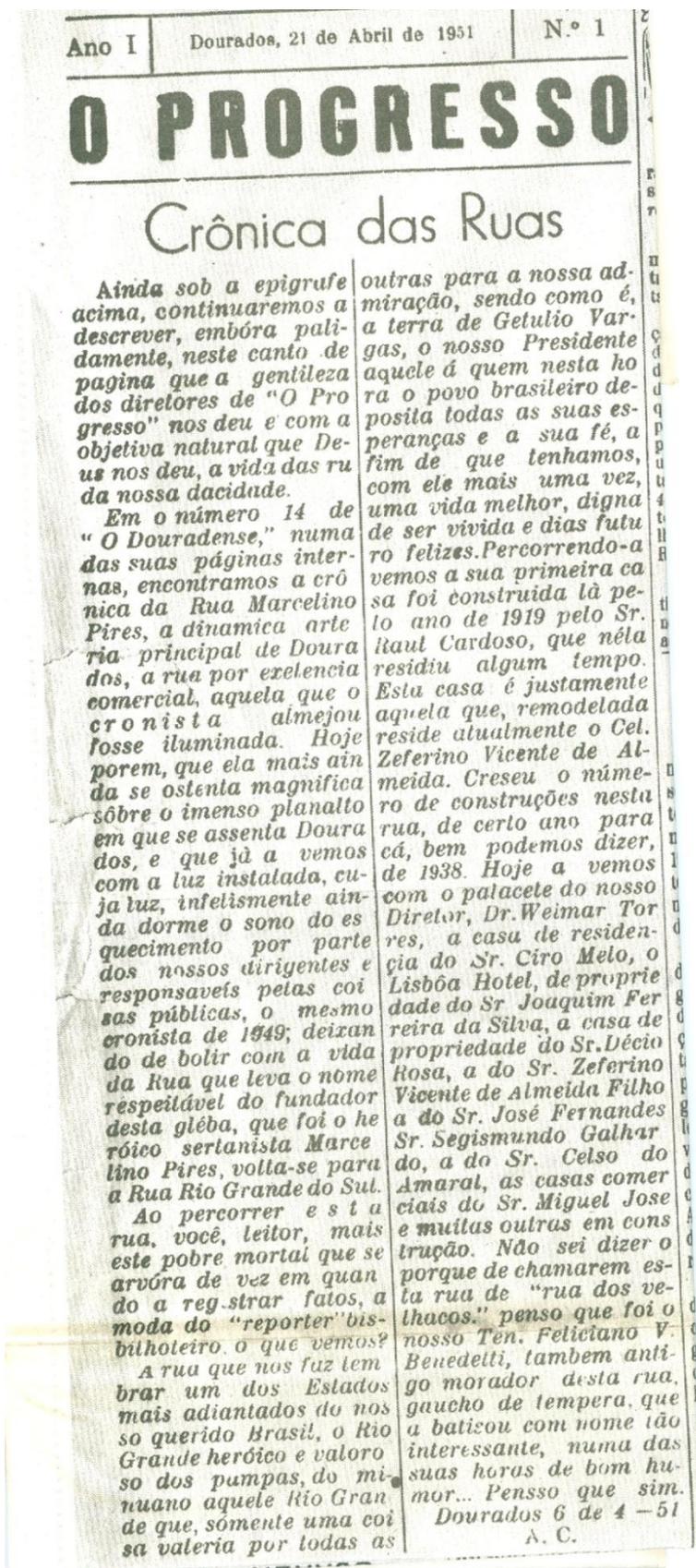
Célia Regina é uma das sócias-proprietárias d'A Ferragista




Matéria veiculada na Edição Especial – Dourados 75 Anos – do Jornal O Progresso de 17/18 de dezembro de 2010.

ANEXO 15

FIGURA 16 – Artigo Jornal O Progresso



Artigo Publicado no número 1 do Jornal O Progresso. (1931)